Revista da Semana

ANNO XXXII -- N. 1 | Preço 1$200 | 20 de Dezembro de 1930

Visitem a linda Exposição dos productos "4711" na Casa Cirio, Rua do Ouvidor 183

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAES
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grande Premio na Exposição de Sevilha em 1930.
PROPRIEDADE
DA COMP. EDITORA AMERICANA
RUA MARANGUAPE 15 — RIO DE JANEIRO
ASSIGNATURAS
52 Numeros (BRASIL)
Um anno 50$ ✠ 6 mezes 26$
REGISTRADA
Um anno 71$ ✠ 6 mezes 36$

Telephone 2-2550
Endereço telegraphico: REVISTA
Correspondencia dirigida
a *Aureliano Machado*
Director reponsável.
ESTRANGEIRO
Um anno 65$ ✠ 6 mezes 35$
REGISTRADA
Um anno 97$ ✠ 6 mezes 49$
Avulso 1$200 — Atrazado 1$500

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1930** | **NUMERO 1**

NATAL... E' uma palavra cheia de amor e de saudade. Não a podemos pronunciar sem ternura; e sempre no fundo deste sentimento está um pouco — ou um muito — de melancolia. E' uma palavra que começa no Passado. Vem de longe, solemnemente e sempre carregada de recordações. As duas syllabas que a compõem são duas vozes distantes, remotissimas, chegando até nós pelo milagre sempre renovado da Tradição. Nos dois sons mysteriosos da mesma vogal, passa toda a musica da nossa vida — e das vidas que a antecederam por esses tempos atrás, na resonancia sagrada, maravilhosa dos seculos. Natal... Toda a graça sonora deste termo que as gerações repetiram, entoando lôas e hosanas, se transforma por fim numa surdina triste. Por entre os labios que mais jubilosamente o pronunciem, logo depois se ha de escapar um suspiro do coração. A sua alegria faz pensar e soffrer. Principia como um hymno e acaba como um ai...

Assim, em toda a festa de Natal se forma e fica pairando, mais espessa ou mais clara, mais tenue ou mais opressiva, uma nuvem de meditação e de magua. Nem as luzes, por muito que se multipliquem, a podem dissipar, nem as musicas, por muito que estrondeiem e se requebrem, a fazem esquecer. Em tudo ella penetra e influe, na delicia das iguarias, na capitosidade dos licôres, no enthusiasmo dos brindes, no espirito das conversações. Mesmo quando os convivas o não queiram reconhecer, ha fatalmente um senão, uma lacuna, uma nota que desafina no sentido do desengano ou da decepção. Todos riem, mas desejando cada qual ficar sózinho um momento para se entregar completamente ao pezar que lhe anda á volta e que talvez assim diminuisse, se acalmasse — ou se convertesse em doçura. Não ha festa de Natal que não tenha, á vista ou escondidas, as suas lagrimas.

Celebrar o Natal é, antes de tudo, reunir a familia. Ora, sempre alguem falta á chamada do lar em festa. Dum anno para o outro, alguem abandonou a meza domestica, cheia de luzes e flores votivas. Em volta da ceia mystica, ficaram logares vazios. Que foi feito desses convivas? Uns mudaram de familia, outros se esqueceram de vir, outros morreram, outros estão ausentes... São estes de certo os que mais falta fazem. Lá disse o meditativo La Fontaine que "a ausencia é o peor dos males". Os que morreram ou não querem voltar... paciencia. Sempre a gente se conforma com a sua ingratidão — sua ou do Destino. Mas os que se afastaram porque não tiveram outro remedio, os que querem comparecer e não podem... ai delles, pelo que padecem, ai delles pelo que fazem padecer! A's vezes, estarão até bem perto... Um dia de viagem, algumas horas, alguns passos apenas... Tanto peor se não é a grande distancia mas uma grande causa que os impede de vir participar da abundancia e regosijo da Consoada. Tanto peor para elles — e para nós!

O ausente soffre essa dupla condemnação. O seu mal, o maior de todos no entender tão subtil do fabulista, egualmente, se não mais ainda, tortura a alma daquelles a quem ama. A sua condição de degredado afflige toda a familia do seu sangue e do seu affecto. Não são apenas os paes e os irmãos que pensam nelle, fitando ansiosamente ao longe, e dilatando e esgazeando os olhos que o não vêem chegar. Ha outras affeições, outros seres estremecidos. E deviam hoje estar todos juntos. Para a ceremonia ser completa, deviam acudir a ella todos aquelles que se amassem. Era necessario que cada um se sentisse bem na sua casa, no seu mundo, sem creatura ou coisa alguma a chamal-o alhures. E a Vida é neste dia mais cruel que nunca, com a sua eterna lei de dispersão...

Só as creanças gozam sem tristezas nem ansiedades as bençans de Natal. Só a ellas as dadivas satisfazem sem restricções; e as guloseimas deliciam sem o mais leve travor; e as luzes, de tão festivas, deslumbram e as canções, de tão suaves, embalam e fazem sonhar. Para as creanças, o Natal está todo no dia de hoje — ou se estende por um futuro immenso invariavelmente cheio de bonbons deleitosos, bonecos sublimes, papaes generosos, mamães acariciantes — e todo o espectaculo que o Menino Jesus preparou para os seus irmãozinhos e cada anno se vae armando e desdobrando através das gerações. As creanças têm alli á mão tudo o que lhes foi promettido e tudo o que desejaram. O que lhes poderá faltar, ellas o ignoram; só depois, muito mais tarde, na edade de partir ou de ver partir as creaturas amadas, saberão.

Na Europa, ha a lenda dos Sinos da Páscoa, dos sinos que, entre o sabbado e o domingo da Ressurreição, partem pela noite alta e pelos ares altissimos, a caminho de Roma, para se fazerem benzer. A tal altura viajam que, apezar de irem oscillando e badalando, ninguem os ouve cá de baixo; mas a voz sagrada do seu bronze estende-se pelos espaços infinitos e, assim como chega á cidade de S. Pedro, attinge e penetra o proprio céu... Ora, em todo o mundo christão ha os sinos de Natal que vão por incalculaveis eminencias e através de distancias só por elles transponiveis em busca da bençam que lhes falta. E tambem o seu clamor augusto enche os espaços — e ninguem o ouve. São os corações dos que anseiam e penam ao longe, ausentes da sua terra, ausentes da sua casa, ausentes do seu amor...

Adelia

conto de Roger Régis

JORGE VINCENOT sahiu do seu escriptorio quinze minutos depois da hora habitual. E, embora se apressasse o mais possivel pelas ruas áquella hora atulhadas de vehiculos e de transeuntes, chegou a casa bastante atrazado... Thereza esperava-o na saleta de entrada, escutando inquieta, ansiosamente os rumores da casa, esperando o momento de ouvir os passos do marido pela escada acima. Quando percebeu que era elle que vinha, abriu a porta, correu ao seu encontro, com uma interrogação nos labios tremulos de susto. Jorge tranquillizou-a como poude; atravessaram, enlaçados, a porta de entrada e, uma vez fechada esta, beijaram-se.

Beijaram-se como os esposos se beijam menos de um anno após o casamento e quando ainda se amam como no primeiro dia. Beijaram-se com todo o ardor da mocidade e duma paixão sincera. Beijaram-se longamente com tanta vehemencia que não deram pela approximação da criada, cuja voz, de repente, os arrancou ao seu extase:

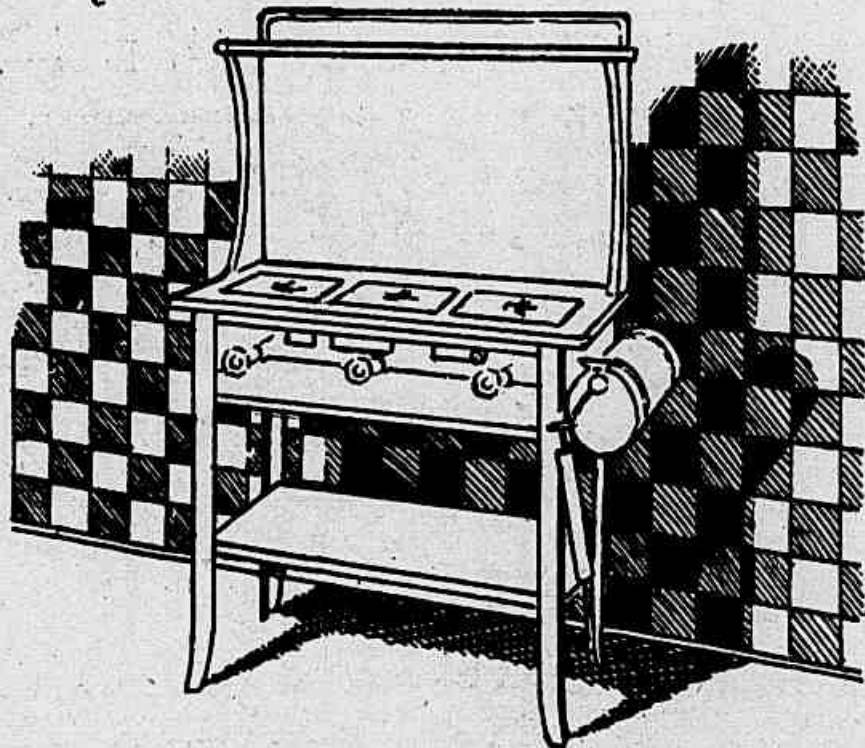
— Quando a senhora quizer que eu ponha a meza...

Thereza voltou a cabeça e tartamudeou:

— Pode ir pondo, que eu já lá vou.

— Esta Adelia... resmungou Jorge, depois que a criada se retirou. — Arranja sempre meio de nos surprehender nos melhores momentos!

* * *

Adelia era uma criadinha bretã de dezoito annos, fresca e rosada, candida e pensativa, que o casal descobrira, nas ultimas férias, perto de Quimper, e trouxera comsigo para Paris. A sua primeira criada! Em verdade, tinham certo orgulho nella. Consideravam-na uma especie de thesouro. Amimavam-na, quasi a adulavam. Em época de tamanhas difficuldades domesticas, olhavam como verdadeiro desastre a possibilidade de ella deixar a casa. Fiel, trabalhadora, economica, de bom genio, era verdadeiramente a *avis rara*. E, para a conservar ao seu serviço, faria o casal os maiores sacrificios.

Nessa mesma noite, antes de se deitarem, declarou Thereza ao marido:

— Queres saber? A Adelia disse-me ha pouco uma coisa que me dá bastante que pensar...

— Sim? Ser-lhe-á desagradavel que nos beijemos diante della?

— Ao contrario.

— Como assim?

— Precisamos de não esquecer que essa pequena tem dezoito annos e um coração sensibilissimo. Assistindo tão frequentemente ás expansões da nossa ternura, a rapariguinha ha de sentir-se perturbada, tentada... Ainda ha pouco, levantando a meza, ella exclamou de repente, com um suspiro: "Ah, que se eu tivesse um maridinho como o patrão"... Quer dizer que começa a pensar a sério no casamento. Qualquer dia arranja ahi um namorado — se já não o deixou lá na terra — e ficamos sem empregada. Precisamos de evitar, de impedir que ella se case — pelo menos nestes tempos mais chegados!

— A questão é que não vejo o que poderemos fazer para...

— Pois é simples. Vamos tratar de a persuadir de que não somos nada felizes um como o outro. De hoje em diante, não nos tornaremos a beijar diante della. Nada de palavrinhas doces: "Meu bemzinho, minha vida, meu coração" etc. Chamar-me-ás simplesmente Thereza e de vez em quando em voz grossa e de sobrolho carregado, assim... De vez em quando tambem, has de te fingir zangado por causa dos meus gastos, minhas toilettes... Chegarás até a fazer uma ou outra scena de ciume. Ahi, eu respondo-te indignada, tu amúas, eu choro...

— Vae ser muito divertido, isso!

— Paciencia. E' fazermos assim, se queremos conservar a Adelia. E que importam essas pequeninas comedias se, quando ficarmos só-

zinhos, nos amaremos ainda mais e melhor que dantes? Dize que sim, minha doçura, meu anjo, meu amor!

E Jorge não teve remedio senão dizer que sim.

* * *

Logo no dia seguinte Jorge e Thereza entraram naquelle regime de simulação. Bem lhes custou ao principio... A's vezes, esqueciam-se, cediam ao impeto que os atirava aos braços um do outro — e tinham que parar a meio caminho, desesperadamente. Outras vezes, tendo começado uma phrase de ternura, terminavam-na com palavras indifferentes ou até azedas. E, na cozinha, Thereza tratava de insinuar no espirito obscuro da criada as desillusões do matrimonio...

— Não, minha filha — dizia ella tristemente — nem tudo, no casamento, são rosas... A principio julga a gente que está no paraizo... Mas essa felicidade não dura. Oh, os homens! Bem depressa deixam não só de nos amar mas até de fazer caso de nós. Olhe você o patrão... A principio, tratava-me como se eu fosse uma deusa. Agora, não faz senão desgostar-me, tornar-me infeliz. Acceite o meu conselho, Adelia: não se case. Não se case porque, quando a gente se arrepende, é tarde!

Adelia suspirava sem responder e, á noite, apertando seu marido nos braços, Thereza segredava-lhe:

— A pequena, daqui a pouco, não ha de querer nem ouvir falar em casamento. Temos creada para a vida inteira!

* * *

Uma noite, Jorge voltou atrazado do escriptorio. Thereza esperava-o ansiosamente, não na saleta de entrada como dantes mas na cozinha. Recriminou-o pela demora. Jorge respondeu ironicamente. Ella revoltou-se. O marido ficou furioso. E a scena continuou durante o jantar aos olhos de Adelia aturdida e amedrontada.

— Se isto não muda, exclamou Thereza, volto para casa de meus paes!

— E, se tu voltas para casa de teus paes, replicou Jorge, requeiro o divorcio!

Durante alguns momentos chegaram a tomar o caso realmente a sério. E só depois de estarem algum tempo sózinhos conseguiram acalmar-se... e beijar-se.

No dia seguinte, Thereza encontrou a rapariguinha sentada num banco da cozinha, esperando...

— A senhora desculpe, mas... começou Adelia, embaraçada mas nem por isso menos decidida.

— Que é?

— E' que... não posso continuar cá em casa.

— Mas por que? Por que?

— Aflige-me muito ver a senhora brigar assim com o patrão. Resolvi ir me embora. E já arranjei outro emprego em casa duns senhores casadinhos de fresco e que levam o dia inteiro a beijocar-se, que é mesmo um regalo vel-os!

— Vês aquelle sujeito? Foi o que te salvou hontem.
— No banho da manhã ou no da tarde?

As meias de Nelson

O 125.º anniversario da batalha de Trafalgar foi o mez passado, celebrado com grande pompa na Inglaterra, principalmente em Londres, onde por toda a parte se encontram recordações da magnifica victoria que custou a vida ao almirante famosissimo. Assim, num antigo armazem do Strand, existem duas cartas com a assignatura de Nelson e datadas de 1802. Numa dellas, ha a encommenda de tres duzias de pares de meias de seda bruta, para serem enviadas a "Picadilly n. 23, esta tarde ou amanhã de manhã." A segunda carta é tambem uma encommenda de meias, tres pares de seda e tres de algodão preto. Nesse tempo, estava o Ministerio da Marinha em Somerset House, e eis sem duvida porque Nelson se tornara freguez regular daquella loja, que ficava alli a dois passos.

Depois de ter perdido um braço na batalha de Santa Cruz, em 1797, foi Nelson, um dia, fazer compras no referido estabelecimento do Strand. O dono da casa julgou de seu dever exprimir-lhe quanto sentia aquella mutilação. Nelson interrompeu-o a meio das formulas habituaes:

— Basta, meu amigo basta... Sorte teve o senhor em eu haver perdido um braço em vez duma perna. Imagine que lhe venho justamente comprar doze pares de meias de seda...

Entre as recordações mais ou menos relacionadas com a pessôa e a vida do grande almirante e que são conservadas no Hospital de Greenwich, ha um par de meias de seda que pertenceu a Nelson.

Banquete offerecido ao auxiliar do consulado geral do Brasil na cidade de Antuerpia (Belgica), sr. Hugo de Macedo Moura, pela maioria do corpo consular hispano-americano, por motivo de sua partida para o Brasil, em goso de ferias regulamentares.

A " Exposição dos Cinco "

PaschoalCarlos Magno — o poeta victorioso de "Chagas de Sol" — vae patrocinar a "Exposição dos Cinco". Cinco pintores: Edson Motta, Candida Cerqueira, Odelli Castello Branco, Luis Abreu e Ruy Campello. O poeta está de pé, á direita. Junto, os cinco artistas moços que terão de ser recebidos com grande sympathia. Ademais, a "Exposição dos Cinco" apresentará tambem, em dias escolhidos, autores e musicistas que lerão livros inéditos ou executarão as suas ultimas producções.

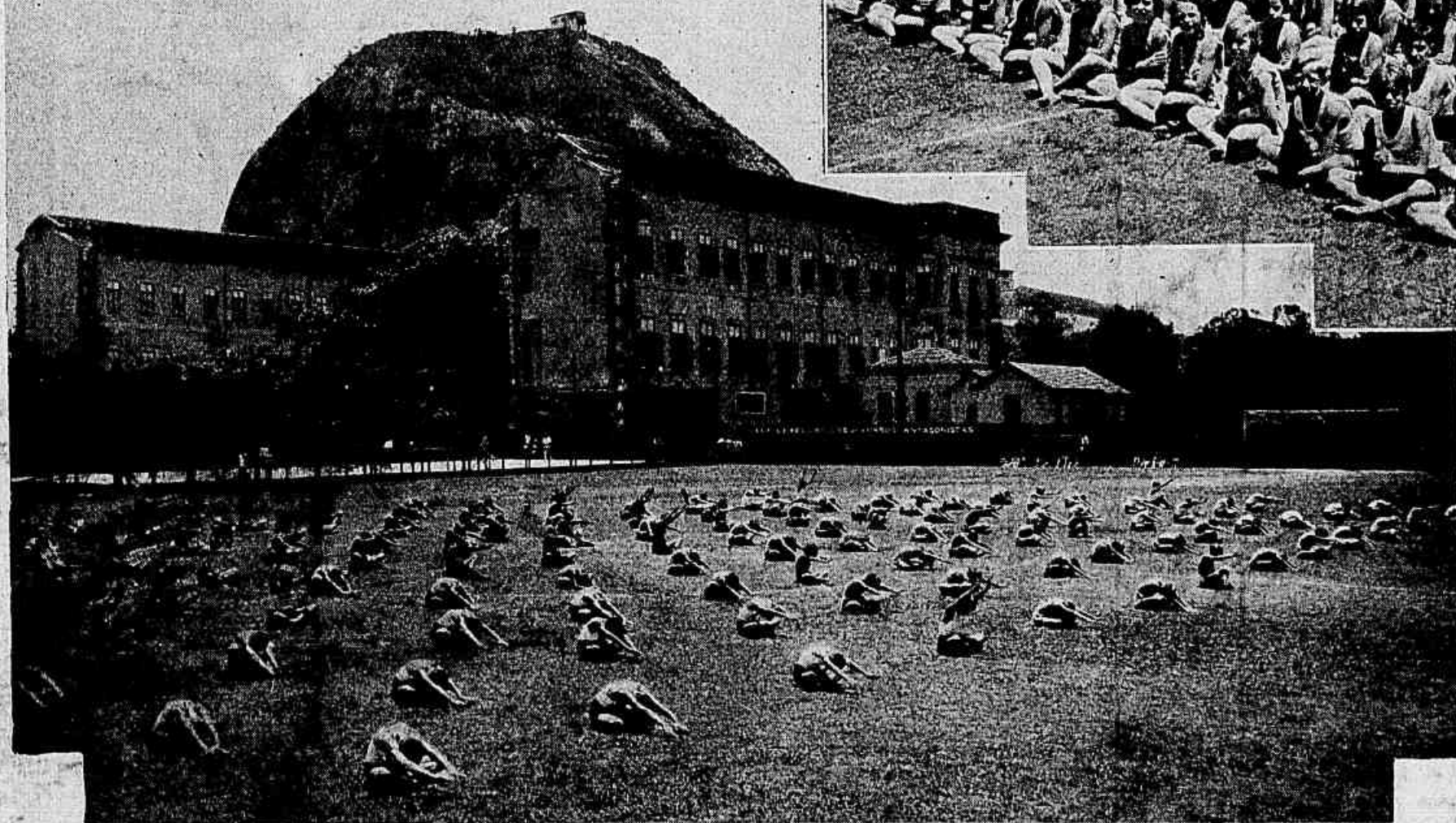
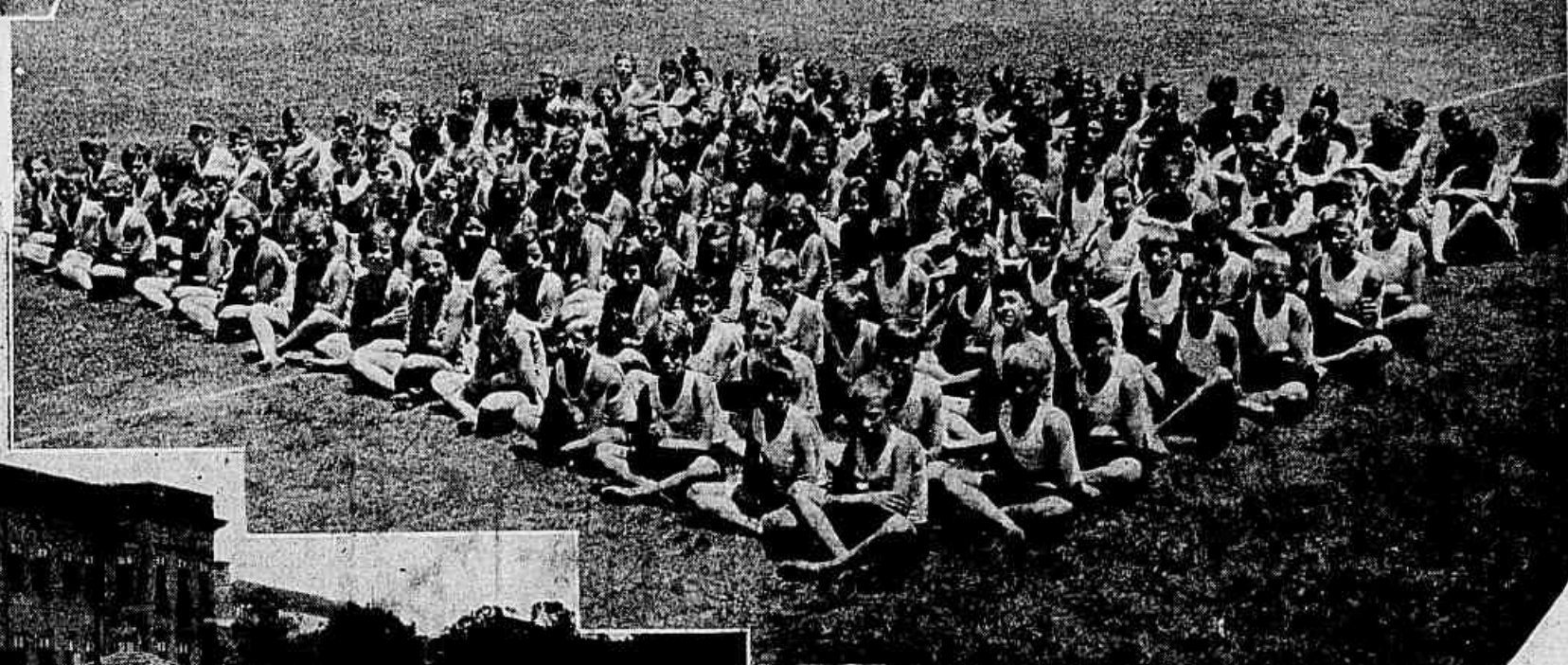
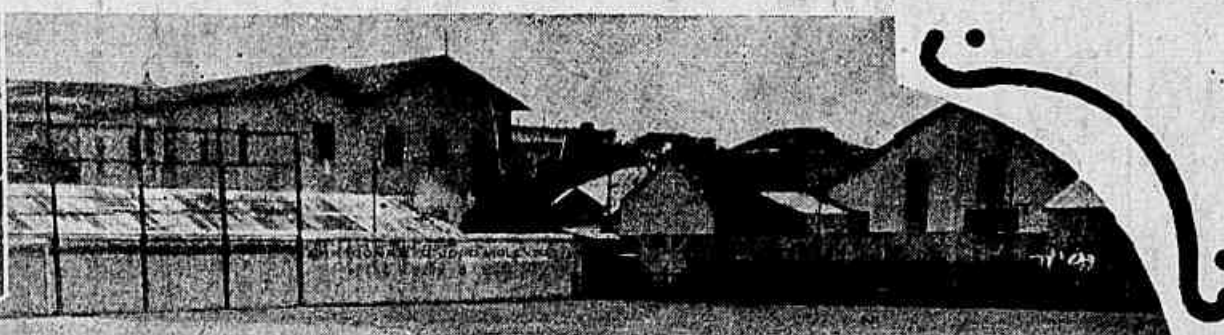
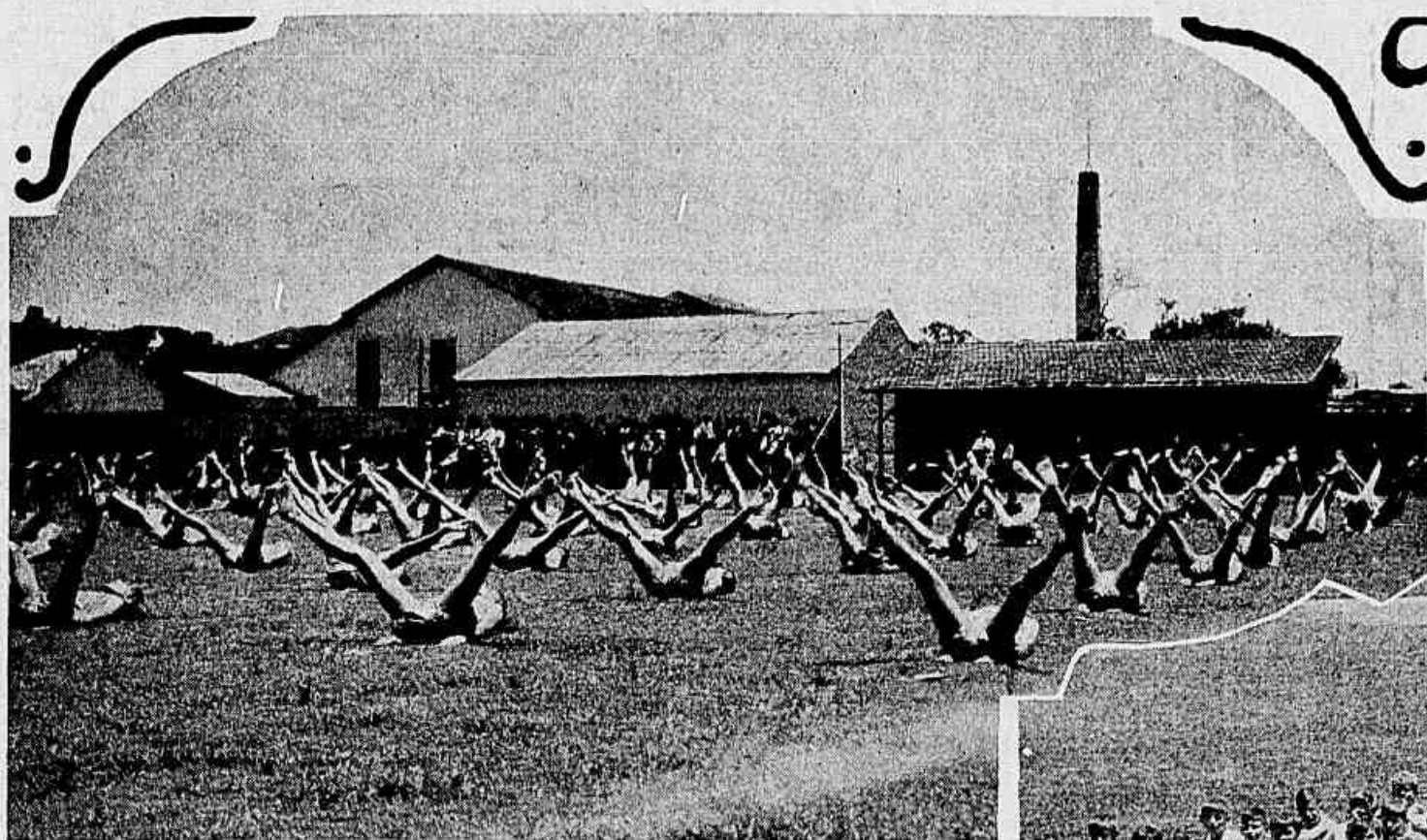
Poderemos ir á Lua!

Numa sessão effectuada em principios do mez passado, pela primeira vez essa questão foi tomada a sério pela Academia das Sciencias de Paris.

O academico sr. Eugène Fichot offereceu, como homenagem aos seus collegas e em nome do autor, uma obra do sr. Robert Esnault-Pellerie sobre "Austronautica"; e a homenagem foi recebida com muita consideração.

Nessa obra, é tratada, com superior espirito scientifico, a questão das relações da Terra com os astros. E, graças a ella, é permittido doravante considerar scientificamente realizavel o lançamento dum projectil da Terra á Lua.

Far-se-á breve essa viagem á Lua? A Academia das Sciencia de Paris já não diz: "Não". E certamente começa a dizer: "Por que não?"

O ENCERRAMENTO DAS AULAS DA DEUTSCHE SCHULE

Aspectos tirados na festa annual da Escola Allemã, por motivo do encerramento das aulas, em que tomaram parte os alumnos de ambos os sexos, em interessantes exercicios physicos.

Docemente, André beijou os dedos frios de Margarida. Beijou-os um a um, com uma graça delicada. E, fingindo-se indifferente, voltou a perguntar-lhe:

— Tiveste, então, muitos amores na tua vida?

Ella fez um gesto irritado. Retirou as suas mãos nervosas das mãos tremulas de André, para que elle não sentisse o estado dos seus nervos. Mordeu os labios, talvez para impedir que a verdade explodisse.

— Curiosidade sómente. Interessam-me as doenças da alma, como a outros podem interessar as do corpo. As mulheres formosas e intelligentes possuem sempre um romance dentro do peito. Deixa-me lêr a tua historia...

Margarida esboçou um sorriso ironico.

— A minha vida é simples, André, tão simples que não fórma um romance de dez paginas... Apenas dois amores: um terminado por fadiga, outro por cruëldade da vida. E uma grande ternura: a tua, a nossa ternura...

— Amaste muito, não é assim?

Um grito sahiu-lhe da bocca:

— Deixa-me! Que te importa?

Mas André, ferido em pleno coração, continuou:

— Podes dizer tudo: não somos nós, apenas, dois bons amigos?

O olhar de Margarida despediu um clarão logo reprimido. Empallideceu um pouco mais.

— Para que desejas conhecer a minha vida?

Elle escutava-a interessado, simulando uma grande calma. A's palavras "dois amores" um punhal entrara no seu coração; mas continuava a falar com ella, numa voz branda, quasi sem inflexões, procurando ser indifferente. E sentia um desejo sadico de soffrer mais, cravando o punhal com mais força como se desejasse conhecer a medida da sua dôr.

— A nossa ternura, dizes bem. — Entre nós nunca existiu amor. Fo-

mos sempre dois camaradas que se encontraram para exgotar a taça de um desejo.

A bocca de Margarida palpitou, agitou-se como a bocca de um bébé que faz esforços para não chorar. Abaixou os olhos para que o brilho delles a não trahisse. André, pallido, accendia um cigarro, aspirava-o com força e logo o atirava com raiva. E' esquisito como o orgulho briga sempre com o amor. São os mais ferozes inimigos que se abrigam na alma humana;

odeiam-se e não podem separar-se. Quando um delles é vencido pelo outro, a luta torna-se mais intensa ainda. Esses dois amantes sentiam-se egualmente presos nas rêdes do orgulho e do amor. Amavam e escondiam, ambos persuadidos do desamor do outro. E, para que nenhum delles ficasse humilhado perante o espirito do outro, degladiavam-se com o veneno da ironia.

Agora André ia partir. Fatigado desse combate de mezes, certo da indifferença da amada, resolvera fugir á obsessão perigosa desse amor. Margarida não insistira; só as sensações espon-

taneas a interessavam. Convencida de que só o desejo ligara a sua existencia á do amante, acceitara essa fuga como o remedio mais intelligente ao mal de ambos. Mas como esses dois corações soffriam, como se despedaçavam, orgulhosamente, com o sorriso nos labios! Ha mais heroismo, ás vezes, na separação de dois amorosos do que na victoria de alguns soldados.

— A taça do nosso desejo está no fim. E' mais intelligente não a voltarmos a encher... Quem sabe se não encontrariamos veneno no final?

As lagrimas que bailavam nos olhos della foram seccas pelo orgulho. Pegou no chapéu e no casaco de pelle, disposta a ir-se embora.

Mas André não a deixou terminar o gesto. Levantou-se irritado e agarrou, brutalmente, nos dedos finos que com tanta gentileza beijara minutos antes.

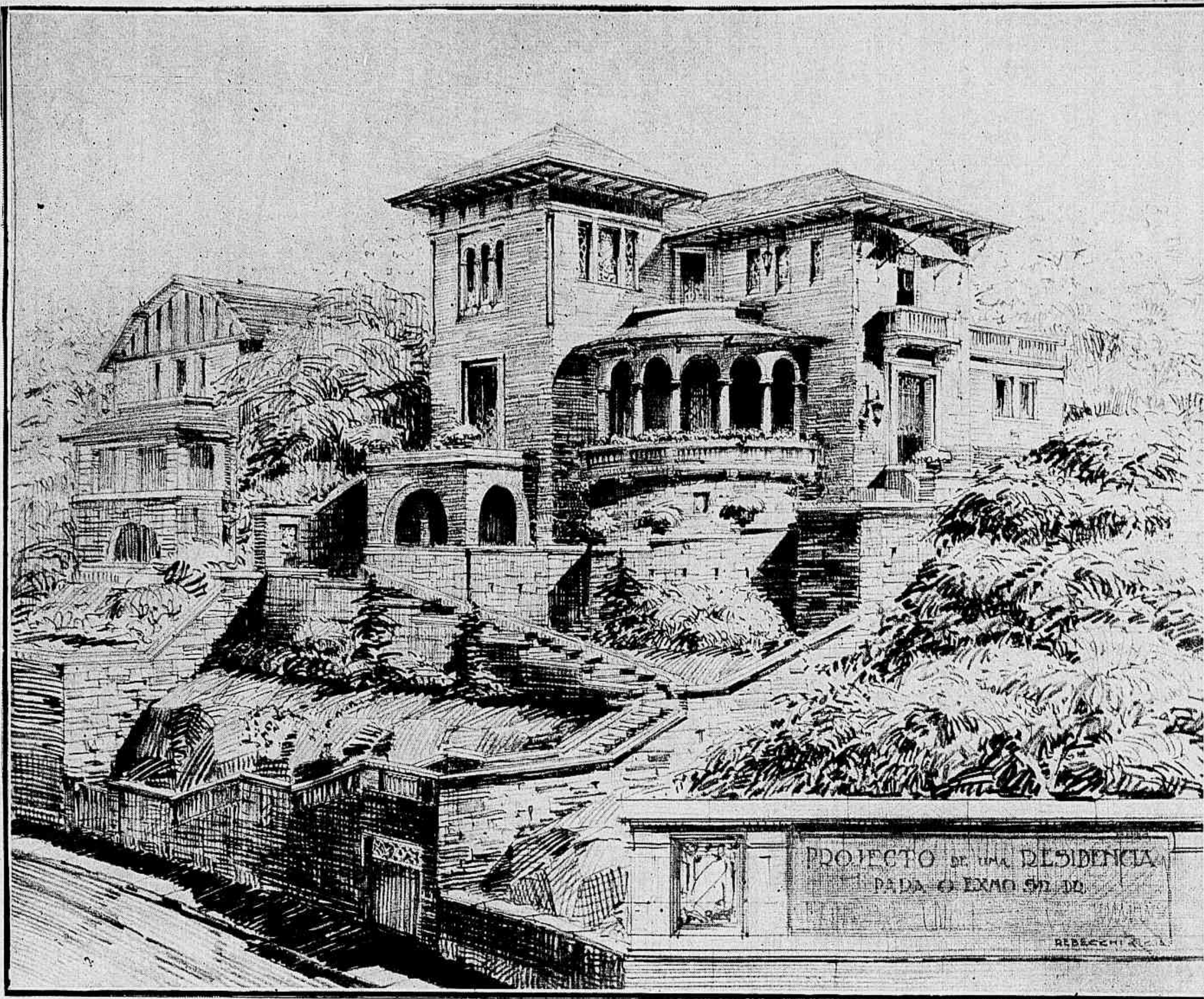
— Não; não te irás embora sem que eu o permitta. Ha mezes que brincas com o meu coração, com o meu desejo, sem inquirir se isso me diverte ou se me tortura. Consciente do teu poder sobre mim, fatigada talvez do meu amor por ti, pões o chapéu e partes como um cliente que abandona, satisfeito, o restaurante em que jantou. Mas não será assim: alguma lembrança levarás, qualquer coisa que ficará no teu espirito e no teu corpo como o meu sinete...

Os olhos de Margarida ergueram-se radiosos para elle. Nunca o amor se manifestara com tão intensa ternura. André teve a impressão de um sol que despontasse, repentinamente, entre as nuvens de um céu pardacento. A sua bocca inclinou-se sobre a della, quasi com furia. Beijou-a uma, muitas vezes, emquanto uma voz débil, quasi infantil, murmurava ao seu ouvido:

— E' então verdade, meu amor? Tu me amas como eu te amo? Leva-me comtigo, leva-me...

Beatriz Delgado

CREANÇAS! FLÔRES DA VIDA!

Rachel Prado

O Rio de Janeiro, cidade encantadora cercada de verdes montanhas, corôada de bosques nas alturas, de aguas limpidas, marulhosas, nas suas planicies, e sussurros de passaros nas manhãs de festiva primavera — é um jardim de flores humanas!

Longe do torvelinho, á sombra de arvores frondosas, na serenidade do parque, a pleno ar livre — as creanças correm e parecem passaros em revôada.

E que alegria no seu papaguear confuso!

A's nossas almas ellas communicam uma ventura sem egual.

Por isso, deveriamos rodeal-as do maior cuidado, educando-as em liberdade sem aprisionar de modo algum as espontaneas manifestações do seu espirito.

Na America do Norte os *boys and girls* se parecem, porque são educados do mesmo modo, sem restricção; praticam a co-educação que fraterniza elevando-os a um mesmo nivel de aperfeiçoamento moral, intellectual e physico. Vestem-se com a mesma simplicidade. Nada de complicações nem luxo no vestuario. Asseio e hygiene!

Rostinhos alegres que irradiem saúde e belleza!

Observando as nossa creanças, vieram-me á lembrança as palavras do professor indú dr. Jinarãjadãsa, relativamente a ellas. "Tenho viajado muito, disse o sabio, mas aonde vi as creanças mais lindas foi aqui no Brasil." E accrescentou: "e devem ser bôas e artistas pela influencia desta magnifica natureza".

Concordei envaidecida; mas — reflecti em silencio — ellas não são tão felizes como deveriam ser.

Pouco temos feito pela creança.

Temos poucos asylos e créches, e quasi nenhum hospital.

A não ser um pequeno grupo de abnegados que vêem os seus esforços baldados á mingua de recursos materiaes — que se tem feito de bom, util e recreativo para as creanças?

Nada! Quasi nada em relação á nossa população infantil.

E, se não fôra a iniciativa particular, bemfazeja e humanitaria de um Zeferino de Oliveira e de alguns outros mais, não teriamos nada que demonstrasse o nosso amor ás creanças ou interesse social pelos futuros homens do Brasil!

❁

As creanças ricas têm habitações alegres, quartos com moveis adequados e decoração apropriada; nas paredes se reproduzem os maravilhosos contos de Perrault e de Andersen, pintados por mãos habeis; têm brinquedos em profusão, livros graciosos e artisticos.

E as creancinhas pobres?

Moram, muitas vezes, em quartos sem luz e sem hygiene, nas habitações collectivas, esquecidas dos poderes publicos. E, se não fosse a iniciativa das damas de caridade, não teriam leite, doces, brinquedos e diversões no dia da sua festa.

Não deveria existir uma creança triste, doente ou desamparada sobre a terra!

Ellas devem estar em liberdade em todos os jardins publicos e os guardas não lhes devem tolher as expansões naturaes — brincar nas fontes e repuxos ou correr atrás das borboletas.

Os americanos do norte adoram as creanças e realizam todos os emprehendimentos possiveis, para tornal-as felizes. Ali, a creança é um ser sagrado, quer seja pobre ou rica. Amanhã, serão ellas leaes servidores da patria, guerreiros valentes, companheiras dedicadas, esposas e mães veneraveis. Elles fazem tudo para que a infancia adquira as bellas qualidades de caracter tão necessarias para o completo triumpho na vida.

E assim desabrocha nas pequeninas almas o sentimento civico que deve ser uma religião.

❁

Não se deve mentir ou adoptar as mentiras convencionaes na presença das creanças pois, com a logica admiravel que lhes é peculiar, tiram conclusões as mais terriveis em relação aos sentimentos das mais velhas. E, iniciando-as na hypocrisia da mentira, preparamos-lhes um caracter maleavel, pusilanime.

As creanças devem viver num mundo especial — longe das terriveis conveniencias sociaes que deturpam e maculam a innocencia das suas almas. E' um absurdo atemoriza-las com "papão" ou almas do outro mundo — diabo e inferno, incutindo-lhes mêdo.

O mêdo é depressivo e géra a fraqueza.

As creanças deverão ter uma ideia natural das cousas e da vida que as cerca na sua expressiva belleza. E não se deve usar de artificios com as creanças, que em geral são mais espertas que os adultos e nunca perdoarão que as enganem com suggestões.

Hoje em dia, é bem differente a vida das creanças nas grandes capitaes.

Poucas mães terão tempo de embalal-as

Pela influencia do seu amôr aquelles sêres adquiriam vida...

— Vem ás minhas mãos, ó linda borboleta branca!

no regaço e de fazel-as ouvir — *Tú-tú marambá*, e os contos azues com que a avósinha lhes chama o somno. Ao invés, terão no *écran* de alvaiade, do quarto do maninho mais velho, a passagem dos *films* do Pathé-Baby que exhibe uma lucta de *box* ou os amores de Conrad Nagel. A infancia já não sonha ...Apagaram-se

Vês, maninha? a minha bóla tem muitas côres, parece um arco-iris!

na noite do tempo os serões de familia, tão intimos e sentimentaes.

Em torno á mesa grande — na sala de jantar — a mamãe cercada de todos as filhas ou a avósinha com o seu rosto tão suave contava historias: — "Era uma vez um principe..." As creanças felizes não perdiam uma só palavra da doce narrativa e os mais pequeninos iam adormecendo com a mente povoada dos lances heroicos do lindo conto.

Passou...

❄

Outr'ora os brinquedos predilectos eram: palhaços, polichinellos, fogões e bonequinhas.

Hoje: automoveis, aeroplanos e material bellico.

Mas a lenda e o sonho vivem na alma das creanças, embóra se lhes distraia o espirito na dura realidade.

A' noite, Mariasinha a sorrir sonha com reis de mantos azues bordados de estrellas.

Paulo, que se diverte a fazer grandes bolhas de sabão, architecta castellos que se reproduzem na pequenina esphera de espuma.

— Olha, maninha, a minha bola como sóbe, vae ao Céu, está toda azul, agora verde! Vê! parece ter mil côres! E' um arco-iris a minha linda bóla!

E fica abstracto, acompanhando-a pelo espaço a fóra, até que se desfaz como um sôpro.

Rosinha, entretida, dá pequenas migalhas de pão aos pombos; quando vê passar uma linda borboleta, chama-a: "Oh! vem para as minhas mãos, linda borboleta branca! Se fosses negra eu não te quereria Mas és

...sonhava com os reis-magos, que tinham estrellas bordadas no manto.

branca, trazes bôas alviçaras e eu te quero bem!

E a graciosa creança, na sua ingenua superstição, corre em busca da borboleta..

Cecy não esquece as bonecas e o seu carinho maternal lhes dá vida e movimentos...

São ellas pequeninas entidades para o seu pequeno mundo de illusão.

Creanças, flôres humanas do jardim da vida!

Vivei dentro de um sonho, tecei a mente de contos maravilhosos, retardae o mais possivel a vossa entrada no mundo cruel da realidade, plena de ambições, erros e mentiras! Sonhae creanças, sonhae!

Rachel Prado

Peary e a conquista do Polo

Teria o capitão Peary, tão celebrado pela sua conquista do Polo, attingido realmente esse ponto do planeta? Tal a questão levantada agora pelo explorador canadense commandante L. T. Burwash, encarregado pelo seu governo de importante missão official. Tendo realizado, com o auxilio dum avião, aventurosa excursão pelas regiões arcticas, o commandante Burwash falou com alguns Esquimós que haviam acompanhado o capitão Peary na sua expedição e os quaes declararam absolutamente que elle houvesse alcançado o Polo. Os homens da expedição davam taes mostras de fadiga e desanimo que não deixavam duvidas quanto á sua desistencia do emprehendimento.

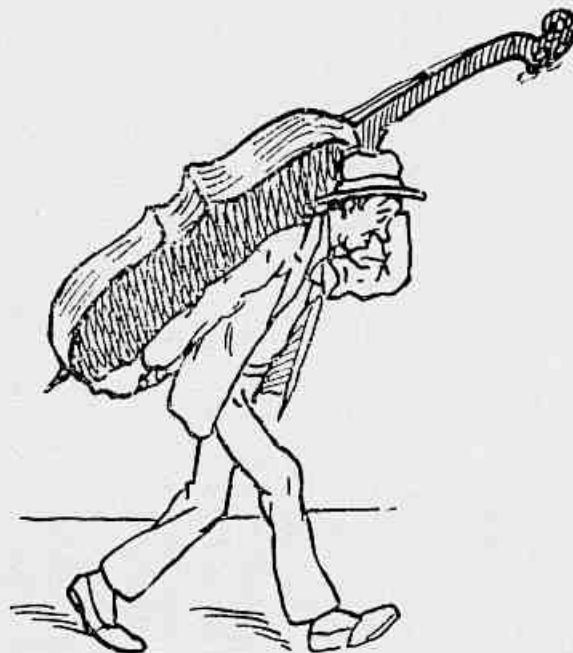
Embora a Sociedade Americana de Geographia, que auxiliou a expedição do capitão Peary, tenha registado officialmente as suas declarações sobre a conquista do Polo, surgiram sobre ellas certas duvidas, quando examinadas nos seus pormenores.

E o relatorio do commandante Burwash vem agora renovar sensacionalmente a questão.

— Decididamente, agora que estou rico, tenho que arranjar outra esposa. Esta não vae absolutamente com a minha nova mobilia!

O Contrabaixo

Entre os professores de orchestra daquelles tempos ditosos destacava-se o Militão, muito apreciado nas rodas theatraes pelas predicados artisticos e, principalmente, por seus dotes raros de cavalheiro distrahido.

Alto, magro, rubicundo, bom cidadão,

chefe de familia exemplar, cumpridor de seus deveres e pagares profissionaes, capitão da guarda nacional e professor de contrabaixo, o Militão era sempre victima de suas distracções. Em todas ellas collaborava o seu avantajado rabecão, que herdára do pae juntamente com os dotes musicaes.

Certa vez fôra o nosso heroe contratado para uma orchestra de theatro em Niteroy. Conhecedor do repertorio ali adoptado, não precisou dos ensaios da praxe; prometteu comparecer na noite da estréa com a sua indispensavel almanjarra sonante.

Na noite da *première* Militão, com a antecedencia do costume, metteu-se na barca Ferry, rumando para a capital vizinha. Como todo musico theatral que se préza, levou comsigo os jornaes da tarde, para lêr nos momentos de folga, durante o espectaculo.

Chegado ao theatro, depois de cumprimentar o maestro regente e alguns collegas, empallideceu. Esquecera-se do contrabaixo em casa! Dentro de meia hora deveria começar a funcção e o nosso musico, afflicto, sahiu para a rua. Os collegas calcularam que viria ao Rio em busca do rabecão e atrazaría o espectaculo. Quiz a bôa sorte que, a poucos passos, o Militão encontrasse, em botequim modesto, um quinteto onde figurava um contrabaixo. Tratou com o dono, justificando a sua situação, condemnado a perder a *diaria*, de que tanto precisava. O dono do traste emprestou-o generosamente, e Militão voltou radiante ao theatro com o trambolho ás costas. Exhibiu o instrumento, com todo o carinho, e collocou o traste, como é habito, encostado á rampa do theatro, no canto esquerdo, junto ás gambiarras.

A platéa repleta esperava o signal da sineta na caixa do theatro. Os professores tambem esperavam, palestrando.

O panno de annuncio, que habitualmente sobe antes do signal para apresentar o legitimo *panno de bocca*, começou a se enrolar. Esse enrolamento apanhou as orelhas do contrabaixo que lá se foi para cima, com grande surpreza de todos.

Militão, afflictissimo, gritou para o contrarregra que baixasse o panno de vagar,

que salvasse o contrabaixo emprestado. Entre risos dos espectadores o instrumento voltou ás mãos do musicista, sem accidentes.

A sineta deu o signal. A orchestra tomou posição, o maestro empunhou o pedaço de vara de marmelo que representava o papel de batuta; Militão agachou-se, a procurar qualquer cousa pelo chão, pelos cantos, novamente afflicto.

Agachado ainda, passou entre os collegas, approxi-

mou-se do maestro e disse baixinho:

— Falta o arco... Esqueci-me do arco... Não trouxe o arco.

— Agora é tarde, segredou-lhe o maestro, arranja-te como puderes. Quando fôr admissivel, *cala a corda;* nas outras partes musicaes, paciencia...

Militão voltou ao seu lugar. A orchestra rompeu a symphonia de abertura; o professor, quando achava cabivel, *calava a corda* levemente, procurando remediar a falta do arco.

A certa altura, em que a funcção do arco era absolutamente necessaria para o effeito, Militão procurou

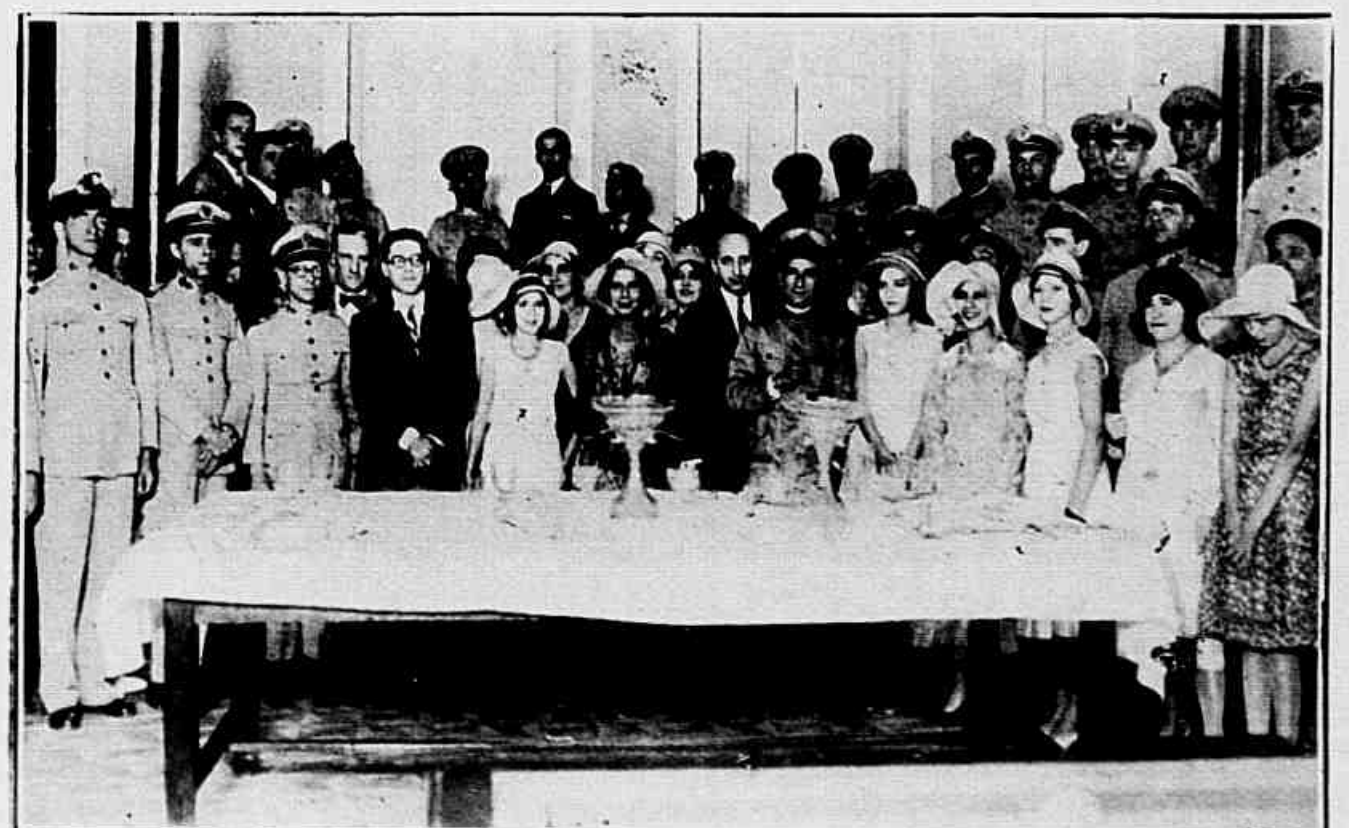
esconder a cabeça na almanjarra, para que o publico não percebesse, e com a bocca começou a arremedar o toque:

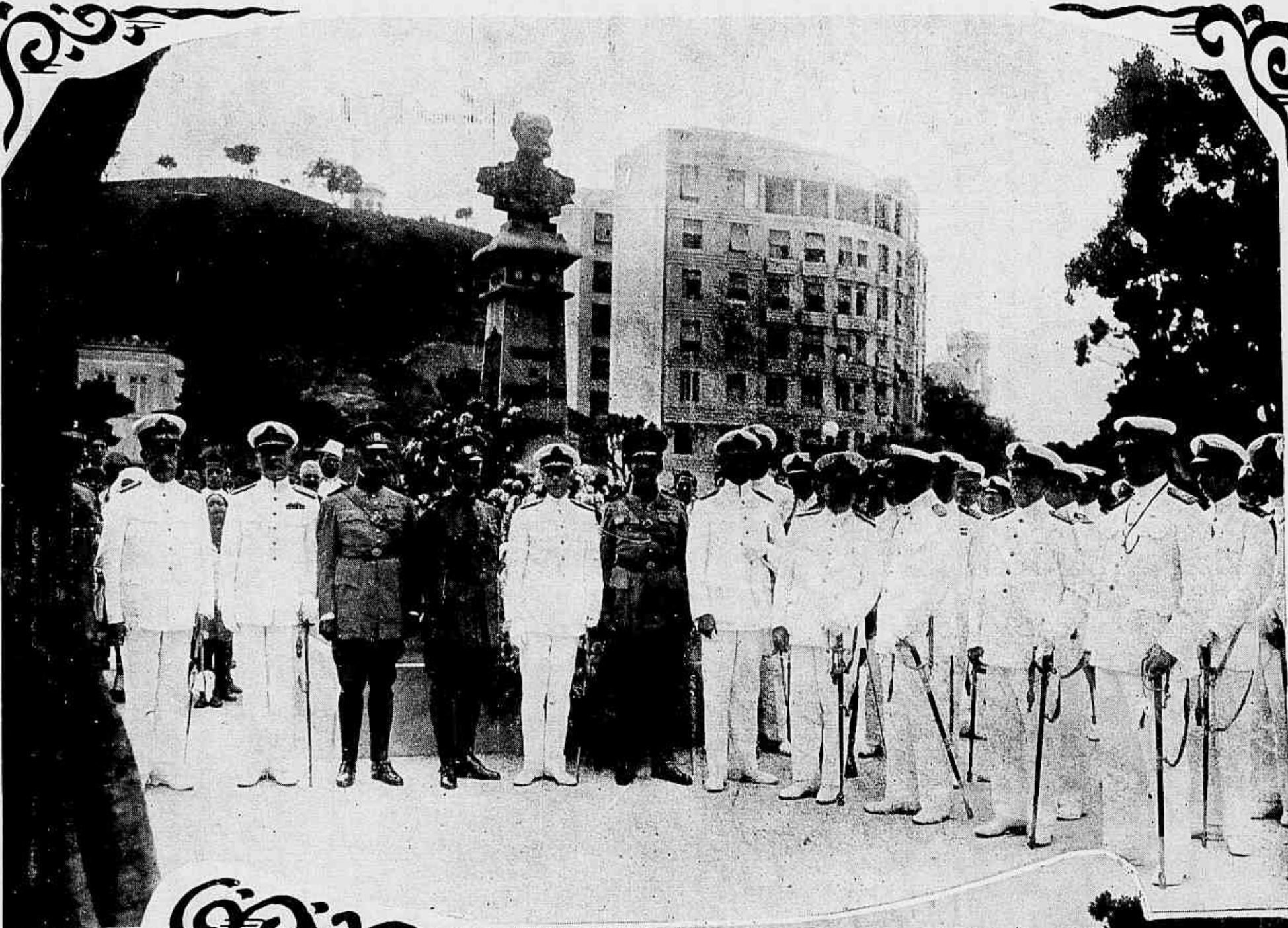
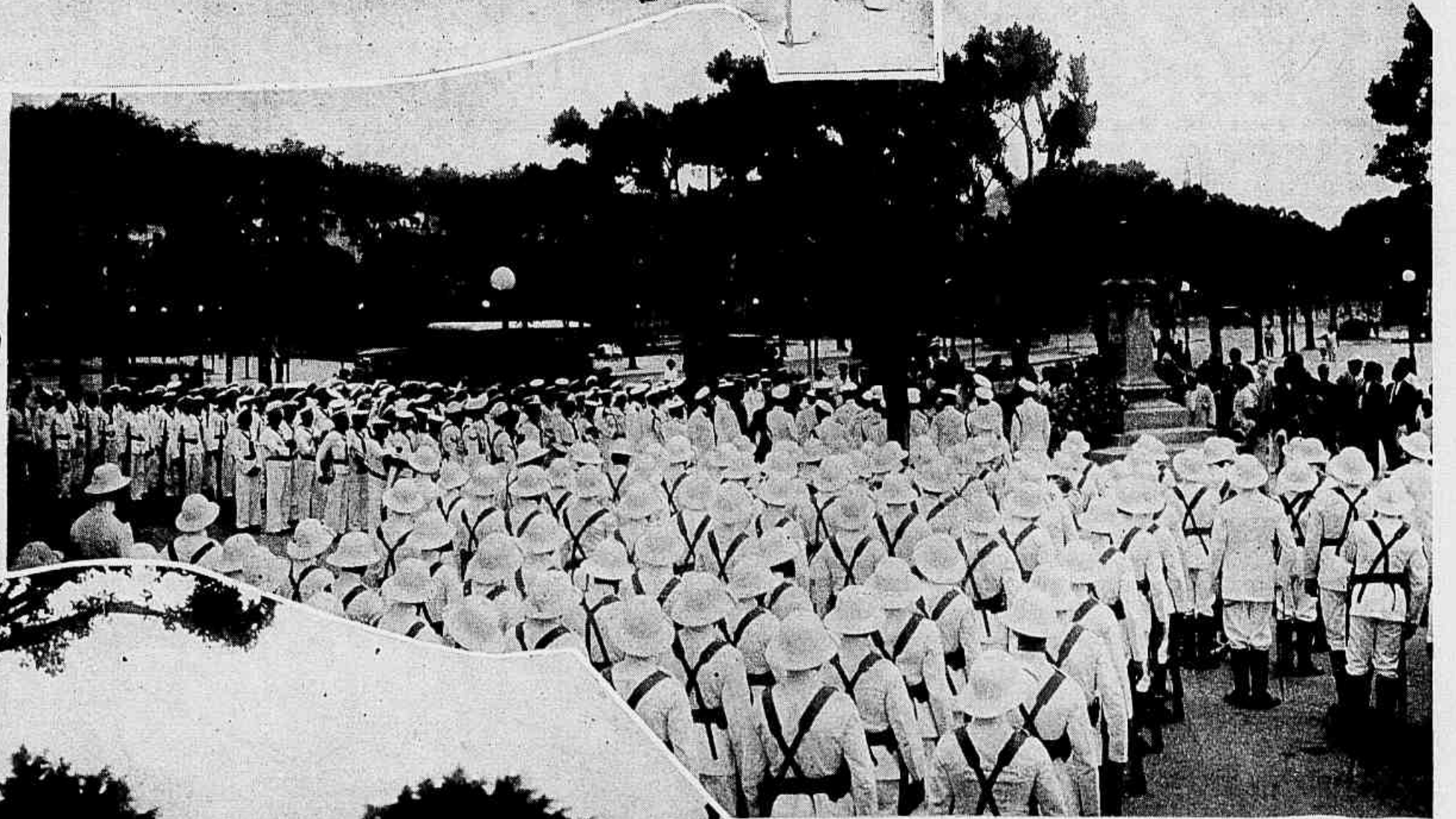
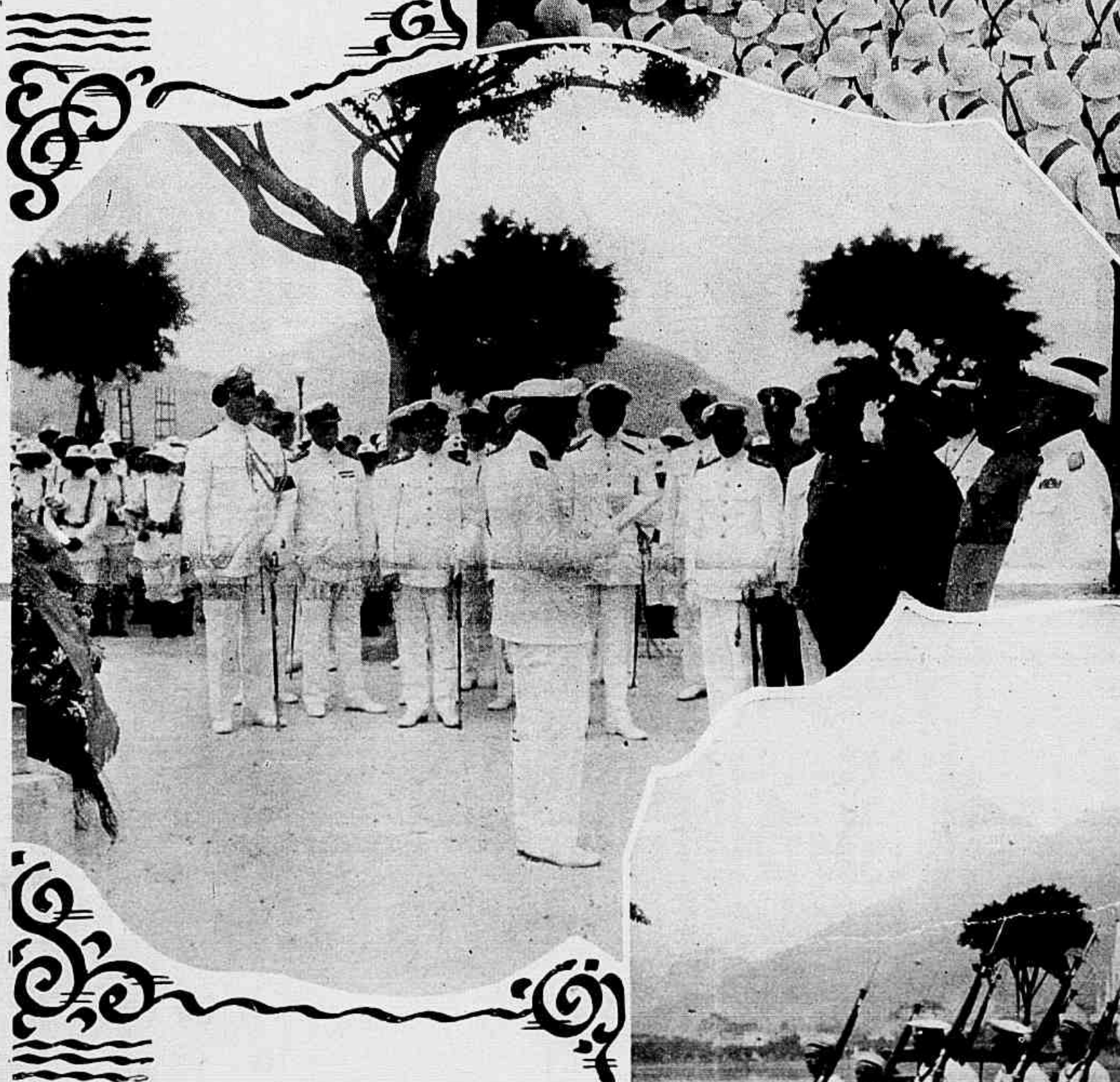
— Um um schurrum!

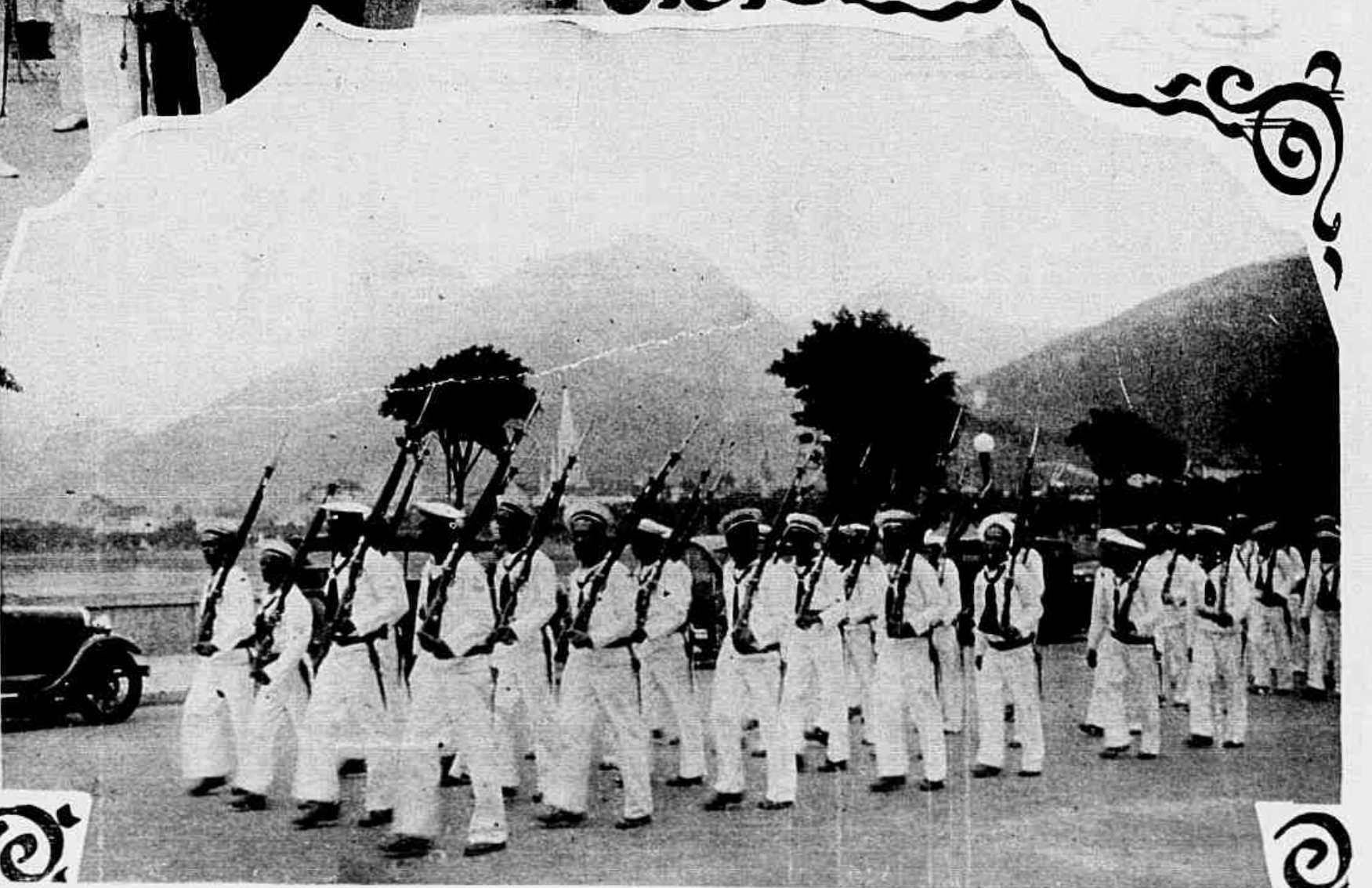
E foi por ahi adiante, com sua onomatopéa. O publico percebeu a manobra e, entre risadas, acompanhou a imitação do contrabaixo, em côro espontaneo:

— Um um schurrum!

O exito foi formidavel e a symphonia teve as honras de ser repetidas mais de uma vez. para o gozo geral da assistencia nessa collaboração espontanea de *contrabaixo de bôca:*

— Um um schurrum!

A Auto-Strop do Brasil fez distribuir, ha pouco, ás tropas brasileiras vinte e cinco mil estoios de barbear "Valet". A photographia que reproduzimos mostra um aspecto tomado no Regimento Naval, após a distribuição alli, vendo-se a officialidade daquella corporação e um grupo de convidados.

O DIA DO MARINHEIRO

No dia do Marinheiro. Grupo feito junto do busto do almirante Tamandaré, vendo-se ao centro o almirante Isaias de Noronha, então ministro da Marinha, tendo á esquerda o general Leite de Castro, ministro da Guerra, e á direita o general Malan d'Angrogne, chefe do Estado-Maior do Exercito, e rodeado de altas patentes da Armada e do Exercito.

Forças do Regimento Naval e de Marinheiros Nacionaes diante do busto de Tamandaré, na praia de Botafogo, durante a ceremonia civica no dia do Marinheiro.

O assistente do Chefe do Estado-Maior da Armada lendo a Ordem do Dia diante da herma do almirante Tamandaré e perante as altas autoridades da Marinha e do Exercito.

Ao lado — O desfile dos marinheiros na praia de Botafogo.

Escola José Bonifacio

Os tres interessantes aspectos que aqui se vêem marcam o encerramento das aulas da Escola José Bonifacio. Anima-os, dando-lhes uma graça incomparavel, a vivacidade das creanças que lêem, que examinam trabalhos, que observam estampas. Os trabalhos, são ellas que os executaram. Podem não ser maravilhas; mas têm muito valor, porque representam algo de importante para a edade das autoras. E nesse particular a instrucção entre nós tem mostrado um grande indice de progresso.

O EMBAIXADOR DA ITALIA NA PAULICÉA

Ao alto: a visita official de S. Ex. o sr. Vittorio Cerruti, embaixador da Italia, ao interventor federal em São Paulo, coronel João Alberto. O chefe do governo de São Paulo tem á esquerda o illustre Embaixador do reino amigo e está rodeado de membros do governo e introductor diplomatico, dr. José Roberto de Macedo Soares. Em baixo: grupo tirado por occasião do banquete offerecido pela colonia italiana ao Cav. Vittorio Cerruti e embaixatriz Elisabetta Cerruti. Vê-se ao centro o sr. Embaixador, entre a senhora Embaixatriz e a senhora Macedo Soares.

O Codigo Criminal do Imperio

por Escragnolle Doria

CELEBRAM-SE centenarios a cada anno; eis mais um seculo a memorar em 1930: o do Codigo Criminal do Imperio do Brasil.

Na primeira legislatura da nossa monarchia, a de 1826-1829, na sessão de 12 de Maio de 1826, os deputados por Minas e Pernambuco, Silva Maia e Domingos Pires Ferreira, depois barão de Cimbres, propuzeram: o primeiro a indicação urgente de medidas a tomar para a feitura dos codigos civil e criminal; o segundo a entrega de premio a quem, no espaço de biennio, apresentasse o melhor projecto dos almejados Codigos.

Opinaria a commissão de legislação da Camara, composta dos deputados pela Bahia Antonio Augusto da Silva e Antonio da Silva Telles, e do deputado fluminense José da Cruz Ferreira, tres magistrados distinctos numa só commissão verdadeira.

A 3 de Junho de 1826, o deputado pelo Rio de Janeiro José Clemente Pereira entregava á commissão um seu projecto de Codigo Criminal e em Setembro tambem de 1826 a commissão submettia á Camara tres projectos, alem do de José Clemente.

Na sessão parlamentar seguinte, a de 1827, logo em Maio, um deputado—e logo que deputado! o representante mineiro Bernardo de Vasconcellos—offerecia aos pares da Camara um seu projecto de codigo criminal. De tanta relevancia era que, para examinal-o, nomeou a Camara commissão especial: Silva Maia e Araujo Viana, deputados po Minas, Costa Carvalho, deputado por S. Paulo, Almeida e Albuquerque por Pernambuco, Deus e Silva pelo Pará.

Em Maio de 1828 arbitrava Bernardo de Vasconcellos convite ao Senado para constituir commissão especial. Com a da Camara reuniria os projectos Bernardo e Clemente Pereira. A 31 de Agosto de 1828 lia-se o parecer da commissão mixta, parecer subscripto por Vergueiro, Silva Maia, Almeida Albuquerque e Deus e Silva. Fez a commissão muito empenho de assignalar que ao seu projecto servira de padrão o projecto Bernardo, tomado no devido cabedal o projecto Clemente Pereira.

Em Maio de 1830 voltava á baila o codigo criminal, sujeito á Assembléa Geral, conjunto do poder legislativo do Imperio composto de duas salas, expressão constitucional, Senado e Camara. Datavam ambos rigorosamente falando de 1826; mas a Camara, pela Constituinte de 1823, podia remontar-se de um pouco mais de idade.

O Senado de 1830, ao qual devia, em parte, caber a ultima demão ao Codigo Criminal, gestado desde 1826, era todo de escolhidos por D. Pedro I. Entre muitas de suas figuras historicas luzia o valor de Barbacena, Cayrú, Queluz, Baependy, Inhambupe, Aracaty, Maricá e Paranaguá.

José Clemente Pereira, um dos principaes autores do Codigo Criminal do Imperio.

A' Camara de 1830, eleita para servir, discutir e resistir (e fez tudo isso, como se fazia então), as urnas tinham elevado homens de todas as classes e profissões. Puzeram a toga do desembargador ao lado da batina do monsenhor; o medico junto do advogado; o tenente-general perto do capitão-mór, patente já archaica mas mineira, explicado assim o seu caracter conservador.

Dominavam a Camara os magistrados; mas padres não lhe faltavam, o sacerdote brasileiro acostumada ao entre altar e urna eleitoral. Contava a Camara de 1830 no meio dos seus Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação — e bem cabem titulos honrosos a assembléas honradas — figuras famigeradas, algumas das quaes se immortalisariam na historia patria.

Sentavam-se na Camara de 1830 Odorico Mendes, Hollanda Cavalcanti, João Braulio Muniz, Araujo Lima, Lino Coutinho, Calmon, Almeida Torres, José Clemente, Lédo, Bernardo de Vasconcellos, Aureliano, Limpo de Abreu, Araujo Viana, Evaristo, Honorio Hermeto, Feijó.

Cerremos a lista, para misericordia de Camaras coévas e subservientes, só de *amen* ao poder executivo, assembléas nas quaes Diogenes viveria de lanterna accesa, não digamos em busca do que!

Pedro I, em cujo reinado entrou em vigor o Codigo Criminal do Imperio do Brasil.

A 8 de Setembro de 1830, em sessão extraordinaria, reunia-se a Assemléa, Geral; D. Pedro I leu-lhe a falla do throno, indicando aos representantes da nação uma série de medidas urgentes, entre ellas a discussão do codigo penal e do processo criminal.

Desde Maio de 1830 a Camara se occupava com o assumpto, eleita a 7 de Maio commissão especial para receber as emendas e memorias offerecidas sobre o projecto do codigo criminal, composta a commissão de Honorio Hermeto, deputado por Minas; Muniz Barreto, pela Bahia; Chichorro, por Pernambuco. Recebeu a commissão, com observações sobre a formação do codigo a discutir, um trabalho de Milliet de Saint Adolphe, até então mais polygrapho e geographo do que jurista.

A 10 de Setembro de 1830 entrava em discussão o projecto de codigo. Discutido o artigo quarto, o deputado paulista Paula e Souza requereu a formação de mais uma commissão especial. No prazo de seis dias, contados da sua eleição, examinaria as emendas enviadas ou por enviar á mesa, apresentando á Camara as emendas absolutamente indispensaveis para discutir-se e votar-se, em breve tempo.

Acudio á tribuna o deputado por Pernambuco, Ernesto Ferreira França, e pedio a nomeação de ainda mais outra commissão de tres membros. Dentro de oitavario apresentaria um codigo, sem obrigação de adoptar os artigos offerecidos por qualquer deputado. Findo prazo limitado, votar-se-ia sem discussão e o codigo seria ou não approvado, decidindo preliminarmente a Camara se acceitaria ou não as duas penas de maior peso, a de morte e a de galés.

Cingio-se a Camara ao parecer de Ferreira França, elegendo em segundo escrutinio a commissão por elle requerida. Compuzeram-a os deputados Limpo de Abreu, Paula e Souza e Luiz Cavalcanti de Albuquerque, representantes temporarios de Minas, S. Paulo e Pernambuco.

Votou a Camara, approvando emenda do deputado pernambucano Rego Barros contraria á pena capital quanto a crimes politicos, subsistindo ella e a de galés em casos communs. A 22 de Novembro de 1830, com insignificante alteração de fórma, era approvado o projecto do Codigo Criminal. Remettido ao Senado, dois dias depois este communicava á Camara haver approvado inteiramente o projecto, presidido então o Senado pelo bispo do Rio de Janeiro d. José Caetano da Silva Coutinho, senador por S. Paulo.

Finalmente, a 16 de Dezembro de 1830 D. Pedro I sanccionava a carta de lei pela qual o imperador mandava executar o decreto da Assembléa Geral sobre o Codigo Criminal do Imperio do Brasil. Era tambem a carta de lei, feita calligraphicamente por Antonio Alvares de Miranda Varejão, referendada pelo ministro da Justiça visconde de Alcantara (João Ignacio da Cunha), senador pelo Maranhão, membro do ministerio de 4 de Dezembro de 1829, constituido então pelos ministros deputado Silva Maia (Imperio), senador visconde de Caravellas (Estrangeiros), deputado Hollanda Cavalcanti (Fazenda), conde do Rio Pardo (Guerra) e marquez de Paranaguá (Marinha).

Compunha-se o Codigo Criminal de oito capitulos, afóra disposições geraes, distribuida a sua materia por trezentos e tres artigos. Obra legislativa, com o correr do tempo foi o Codigo soffrendo modificações e interpretações dos outros poderes constitucionaes, o executivo e o judiciario, secundados aliás pelo proprio legislativo, ás vezes com innovações nada felizes. Não só Saturno tinha appetite para devorar os filhos.

Duas das penas do Codigo de 1830 desappareceram da nossa actual legislação: a pena de morte e a de galés. Um presidente da Republica Velha já lembrou a conveniencia do restabelecimento da pena capital.

Pelo Codigo de 1830, devia ser dada na forca, nunca executada na vespera de Domingo, dia santo ou de festa nacional, não sendo executada a pena em mulher grávida.

D. Pedro II abolio de facto a pena de morte depois de applicada na forca a Manoel da Motta Coqueiro em Agosto de 1855, accusado como mandante do assassinio de uma familia de oito pessôas. Até á ultima hora o réo protestou innocencia e muitos o tiveram por martyr. De 1855 em diante a pena capital para homens livres, pelas commutações systematicas de D. Pedro II, foi lettra morta.

A pena de galés sujeitava os réos a andarem com calceta no pé e corrente de ferro, juntos ou separados, e a emprego nos trabalhos publicos da provincia onde fosse praticado o delicto, á disposição do governo. Assim os galés respiravam a liberdade sem aspirar a ella.

Das galés estavam isentas as mulheres, os menores de 21 annos e os galés maiores de 60, substituida a pena por prisão com trabalho pelo mesmo tempo.

Era attribuição do Poder Moderador, exercido exclusivamente pelo monarca, commutar e perdoar penas. Fazia-o o imperador em dias solemnes, qual, o de Sexta Feira Maior, a lembrar Jesus, o Innocente Supremo, crucificado entre o bom e o máo ladrão.

Inexoravel, porém, sempre se mostrou D. Pedro II em relação a réos de crimes contra o Thesouro nacional ou a propriedade publica. Foi inflexivel, por exemplo, contra os moedeiros falsos, condemnados a galés no presidio da ilha de Fernando de Noronha, ilha hoje penitenciaria ao ar livre do Estado de Pernambuco.

Punia o Codigo de 1830 a tentativa directa ou por factos da desthronização do imperador com quinze annos de prisão com trabalho no maximo, dez no médio e cinco no minimo. Taes penas não chegaram a applicação...

Obra de molde legislativo, o Codigo de 1830 recorda dous principaes obreiros: Bernardo de Vasconcellos e José Clemente Pereira, ambos filhos intellectuaes da Universidade de Coimbra, grande nutriz da jurisprudencia.

Joaquim Manoel de Macedo chamou Bernardo de "architecto director do Codigo" manifestando o mesmo architecto notavel saber como principal autor ou collaborador indispensavel de varias leis nossas. Entretanto o disseram estudante pouco applicado em Coimbra, sem que isso possa acobertar futuras vadiações escolares.

Tambem a principio Bernardo de Vasconcellos, á guisa de Demosthenes, sentio-se desamparado da eloquencia; d'ella, porém, se apoderou, como o grego, a poder de exercicio e pertinacia. Ouvil-o em 1826 em desconhecel-o annos adiante.

Durante quasi meio seculo de lutas politicas foi Bernardo talento superior, de fel para adversarios. "A ninguem poupava, ninguem o poupou". Aos seus sarcasmos de orador e jornalista responderam as jaculações do pasquim, da calumnia, da infamia.

Prisioneiro da paralysia, morreu Bernardo na brecha do trabalho, assiduo no recinto do parlamento e das commissões, cobrindo a dôr com a intelligencia.

"Se a correctissima redacção do Codigo Criminal poude elle ainda ultimar em soffriveis condições de saúde, sua contribuição para a da uniforme lei de 3 de Dezembro foi intervallada de gemidos" — disse Martim Francisco 3.º.

A febre amarella, a da epidemia de 1850, poz em tumulo Bernardo, já semi-morto pela paralysia. Poucos o levaram a cemiterio, no tempo cada cadaver de amarellento tido por fóco de contagio. Nascido em Ouro Preto, em 1795, depois da Inconfidencia, morria Bernardo aos cincoenta e cinco annos.

Outro obreiro do Codigo Criminal, José Clemente Pereira, o portuguez da comarca de Trancoso. Enorme a lista de seus serviços ao Brasil, dá-lhe o direito de ser cidadão brasileiro, naturalizado pela Historia. Um canto d'esta, entre nós, lhe fica reservado só pela sua provedoria na Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro.

Prostrou-o congestão cerebral, quando a mórte vem mais lugubre, nas trevas, na noite de 10 de Março de 1854. Viera para o Brasil em 1815, tinha sessenta e sete annos.

Aos tumulos dos dous obreiros do Codigo de 1830 devem ir as homenagens do nosso 1930. José Clemente jaz no cemiterio de S. Francisco Xavier, em campa vistosa, com o respeito da patina do tempo, erguida pela Santa Casa. Bernardo repousa no cemiterio de Catumby em alto de collina, dominante de lindissima paizagem.

Bernardo de Vasconcellos, um dos grandes collaboradores do Codigo Criminal.

Haverá flôres para os dous mortos? A pergunta tem razão de ser. Em 1922 o Rio de Janeiro celebrava o centenario da Independencia. Gastava-se para isso a direito e tambem a torto. Na necropole de S. Francisco Xavier o tumulo de José Clemente não tinha uma flôr e era o homem do *Fico*. Alguem lhe deixou duas rosas frescas. Não nos cabe dizer quem foi esse alguem.

Aspectos colhidos na "Festa da Gratidão" que a Casa dos Artistas realizou no parque da Praça da Republica e cuja renda se destinava ao pagamento da nossa divida externa, homenagem da classe theatral ao sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio. Ao alto, á esquerda: a "prisão" pelas actrizes dos jornalistas argentinos Raul Tunon e Henrique Larreta, da senhora Andrés Guevara e Benjamin de Garay. Ao alto, á direita: o sr. Getulio Vargas e sua exma. senhora com a directoria da Casa dos Artistas, actores e jornalistas, na tribuna de honra. Ao lado: um aspecto tirado durante a festa, vendo-se o palanque onde se desenrolaram varios numeros do programma. Em baixo, á esquerda, a chegada do chefe do governo e senhora Getulio Vargas ao parque da Praça da Republica. Em baixo, á direita, a senhora Italia Fausta entregando ao sr. Getulio o memorial da classe.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANNIVERSARIOS

No dia 20 — as sras. Luiza Horta de Carvalho e Leontina Machado; as senhorinhas Elvira Pinho de Souza, Carmelita Carlos Joppert, Maria de Lourdes Vasconcellos e Laura Lopes; o dr. João Americo Antunes; o nosso confrade dr. Ivo Arruda; o sr. Francisco Mangia.

No dia 21 — senhora Pupo de Mesquita; senhorinhas Nair de Abreu Fialho, Maria Helena de Carvalho, Belkiss Netto Machado, Dolores Brasil e Maria Luiza Teixeira de Campos; os drs. Arthur Jacintho, Raul de Noronha Sá e Teixeira de Godoy; o escriptor e jornalista Gomes Cardim; o sr. Rubens Saldanha da Gama; o dr. Marcellino Machado; os srs. Edgard Simões Corrêa e Thomaz Pará; o dr. Fernando Vaz, clinico de nomeada.

No dia 22 — a senhorinha Ninita Pedro Lago; a sra. Marianna Salles Motta; o industrial Jorge Street; o dr. Frederico Jorge Street; o dr. Frederico Burlamaqui; o brilhante jornalista Leonidas de Rezende; o ex-deputado Raul Sá.

No dia 23—as senhorinhas Stella de Oliveira, Zizinha Thedim Costa, Sophia Gomes de Castro, Armanda Ribeiro, Maria Trouchot, Beatriz Gonçalves Ferreira e Lucia Ribeiro; o coronel Francisco Leal; o commandante Alvim Pessôa; o jornalista Victor Viana; o coronel Mattoso Maia Forte; o professor Pinheiro Guimarães, da Faculdade de Medicina.

No dia 24—as senhoras Maria Nobre Caldas Barreto e Tharcilla Coelho Pinheiro; as senhorinhas Gonçalves Tinoco e Mary Rudge; os drs. Olegario Bernardes e Souza Carvalho; o ex-senador marechal Pereira Lobo, antigo presidente de Sergipe.

No dia 25—as senhorinhas Dilah Teixeixa Soares, Sylvia Baptista Cardoso; o general Portilho Bentes; os drs. Ubaldino de Assis, Julio da Silveira Lobo, Olympio Gonçalves e Jayme de Vasconcellos; os drs. Tavares de Lyra e Affonso Penna Junior, ex-ministros.

No dia 26 — senhoras Tavares de Souza e Frederico Eiras; a senhorinha Eponina Cerqueira de Fuentes; o capitão de fragata Henrique Aristide Guilhem; o dr. Eduardo Figueiredo; o sr. José Antonio Coxito Granado, o tenente Oriolando Bove.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria de Lourdes Damasio de Mello e o sr. Custodio Leite Ribeiro;

— a senhorinha Carmen Villar e o sr. Josias Mattoso;

— a senhorinha Ignez Marques Vianna e o sr. Antenor B. de Gusmão;

— a senhorinha Jupyra Aguiar e o dr. Anesio Frota Aguiar;

— a senhorinha Lysette Rosini e o sr. Isauro Rodrigues de Medeiros.

CASAMENTOS

— a senhorinha Germana Luiz Gonçalves e o sr. Alvaro Ferreira Lima;

— a senhorinha Maria Ebrana de Moraes e o 1.º tenente Nelson Guimarães da Cunha;

— a senhorinha Nicia da Cunha e Silva e o 2.º tenente da Armada José Kahl Filho;

— a senhorinha Aracy de Arvelos Espinola e o major Ambrosio Fortes;

— a senhorinha Alice Rodrigues e o sr. Francisco Simões de Oliveira;

— a senhorinha Helena Reis Athayde e o jornalista Gilberto Figueiredo Pimentel.

NOIVADO DE PRINCIPES

Por via telegraphica, chegou-nos a grata nova do noivado da gentil princeza d. Izabel, filha primogenita do principe d. Pedro de Orléans Bragança, com o principe Henri d'Orléans, conde de Paris, filho do duque de Guise, herdeiro do throno da França. Nas veias do Conde de Paris pulsa o sangue de Dom Pedro I, de quem é tataraneto, por descender da infanta d. Francisca, princeza de Joinville.

DIPLOMATAS

Transcorreu elegantissimo o jantar que o sr. Oskar Vahervuori, encarregado de Negocios de Finlandia, offereceu com o fim de festejar a data nacional de seu paiz.

Estiveram presentes á fina reunião os srs. Johan W. Michelet, ministro da Noruega; ministro Frantz Boeck, encarregado de Negocios da Dinamarca; dr. Hildebrando Accioly, chefe do gabinete do ministro das Relações Exteriores; consul geral Joaquim Eulalio do Nascimento Silva; dr. Assis Chateaubriand, director de O JORNAL; dr. Bricio Filho, do JORNAL DO BRASIL; dr. Adriano de Souza Quartim, dr. Acyr Paes, do ministerio das Relações Exteriores; sr. Nobrega da Cunha, director do DIARIO DE NOTICIAS; dr. Heitor Moniz, do CORREIO DA MANHÃ; Teixeira Soares, do ministerio das Relações Exteriores; Risto Sohlman e Aapro, da legação da Finlandia.

❊

Pelo *Cap Arcona*, seguiu para Montevidéo o dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, que vae representar o seu paiz nas festas do centenario do paiz amigo.

❊

Muito cordial o jantar que o ministro da Polonia, dr. F. Grabowski, offereceu nos lindos salões da Legação Poloneza em honra de alguns representantes diplomaticos dos paizes estrangeiros nesta capital e do ex-chefe do gabinete do ministro das Relações Exteriores, dr. Leão Velloso, e senhora.

Com muita distincção transcorreu o agape, tendo a elle comparecido muitos diplomatas e figuras de grande relevo de nossa alta sociedade.

❊

S. ex. o sr. embaixador da Italia e a senhora Vittorio Cerruti darão a sua primeira recepção á sociedade carioca na tarde de hoje.

Os fidalgos salões da Embaixada abrir-se-ão das 17 ás 19 horas para uma reunião que marcará época nos annaes da elegancia carioca.

OS QUE VIAJAM

Seguiu para a Bahia, acompanhado de sua familia, o dr. Alvaro Moscoso, clinico nesta capital, que deixou o Rio em viagem de recreio.

❊

Para o Rio Grande do Norte, onde exerce commissão do Ministerio da Agricultura, seguiu o escriptor Nunes Pereira.

❊

Seguio para Nova Friburgo o cardeal d. Sebastião Leme, que vae ali presidir o retiro espiritual do clero archidiocesano.

FESTAS DE NATAL

Annunciam festas para o Natal: o Lido, um brilhante *réveillon;* o Praia Club, uma esplendida festa de arte; o Fluminense, uma animada noite de dansa; o Atlantico Club, uma bella *soirée* dansante; o Automovel Club, uma festa infantil e um grande baile.

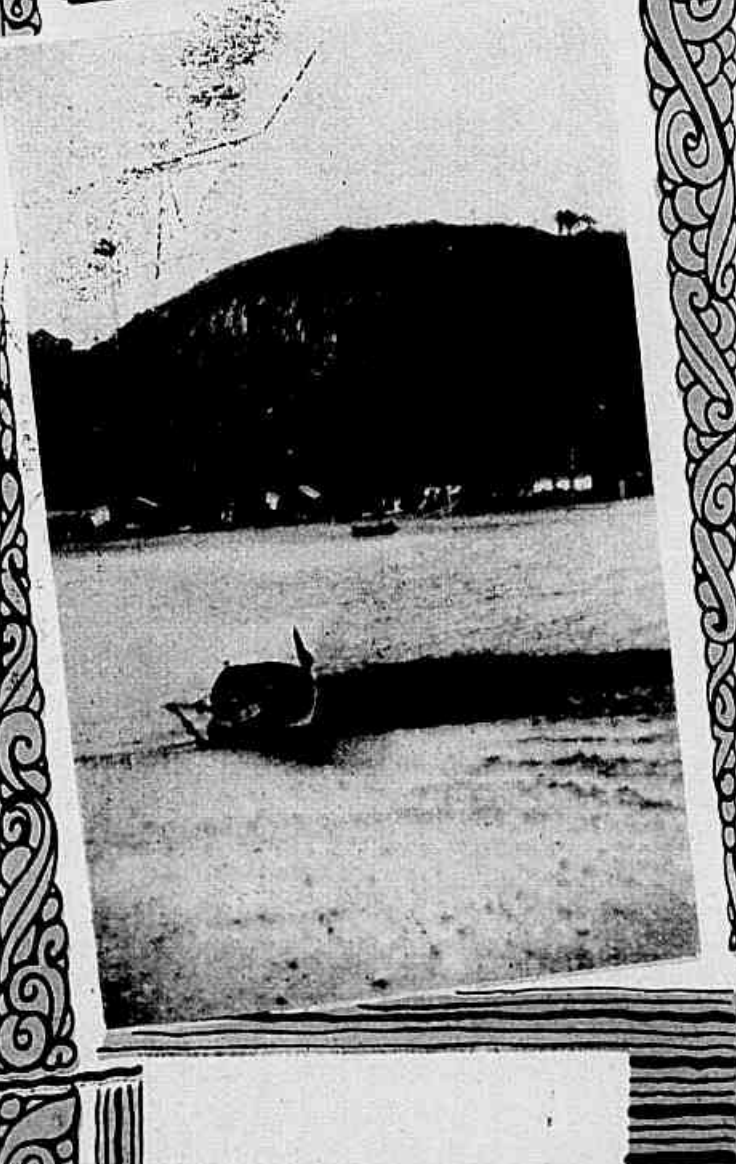
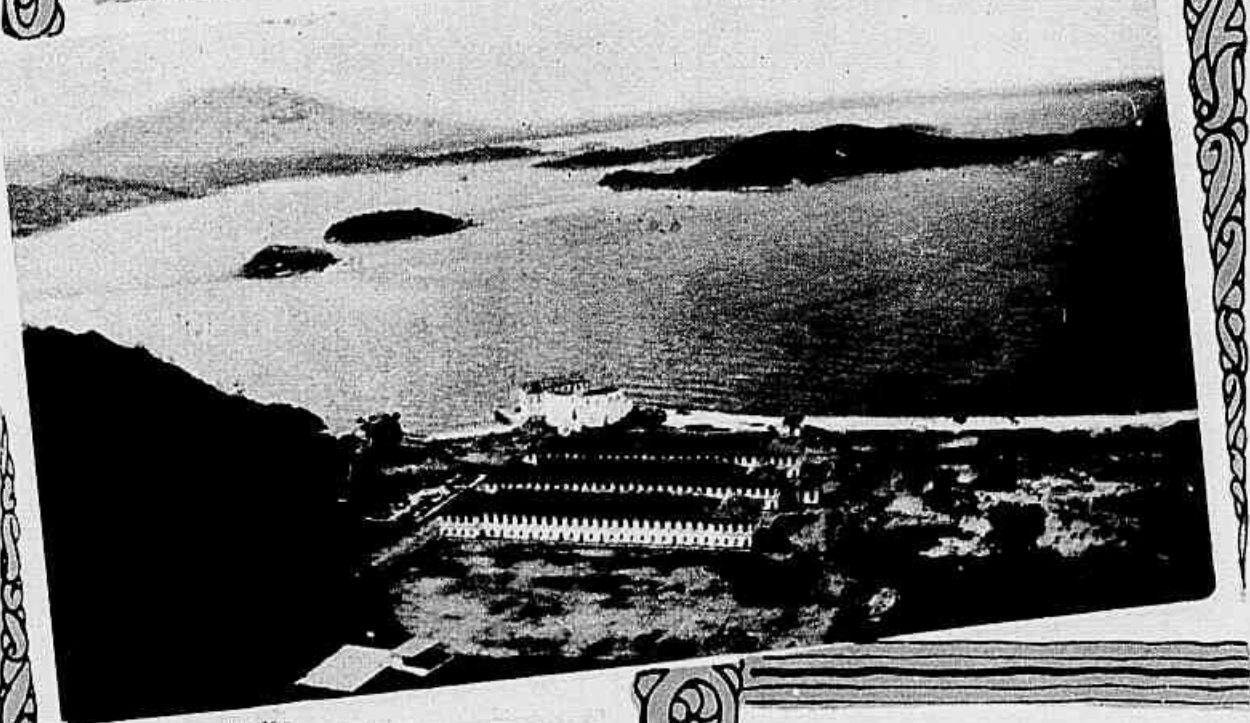
❊

Sob o patrocinio do embaixador e da embaixatriz da Italia, a colonia italiana festejará o Nascimento de Jesus com uma bella Arvore de Natal no Theatro Lyrico.

A festa, organizada pelo consul cav. Moscato e sua esposa, constará da distribuição de presentes aos alumnos das escolas, representação de uma interessante comedia e outras diversões.

Grupo de antigas alumnas do Curso Jacobina — senhorinhas da nossa alta sociedade — que receberam a fita de Filhas de Maria. Ao centro, sentada ao lado de monsenhor Rezende, que presidiu ao retiro espiritual, a sra. Isabel Jacobina Lacombe, distincta educadora, directora do Centro.

Um jardim oceanico

POR Saul de Navarro

O litoral brasileiro, dos coqueiraes do extremo norte ás angras e cômoros de Santa Catharina, é uma successão de maravilhas panoramicas: na orilha atlantica desse vasto e mirifico espectaculo ha uma festa paradisiaca da Belleza, em que o céu e o mar, a terra e o espaço se fundem e beijam, numa orgia de luz, de côr e horizonte.

Desse prodigioso recorte de paisagens sobresáe a magnificencia da bahia de Guanabara, cuja entrada, para quem chega por mar, é uma visão de extase divino! Para que decantal-a? Não ha quem deixe de louval-a, e a sua fama mundial dispensa qualquer referencia mais. Basta dizer que é a suprema delicia do olhar humano...

Depois dessa maravilha brasileira, poderia haver outra? Ha. O Brasil é a terra abençoada onde Deus se fez poeta. Existe, a 24 horas do Rio, um jardim oceanico, encanto da vista e o enlevo de marujos: a bahia do Espirito Santo que, por influxo talvez do nome, é uma revelação de Deus no assombro de uma natureza privilegiada. E' uma symphonia em lá menor, em que o mar, á guisa de Beethoven, se torna uma caricia da Eternidade...

Os navios que demandam o porto de Victoria, logo que se torna visivel no horizonte o convento da Penha, erguido num monte elevado e coberto de vegetação espessa, semelhando um altar paramentado, entram devagar, cautelosamente, quasi roçando as pedras e as ilhas oblongas, collocadas por um capricho decorativo do Creador naquelle regaço do Eden.

Dir-se-hia um sonho que se desdobra á força de milagre: o navio, singrando de manso as aguas, deslisa como um brinquedo estupendo. O céu tem uma doçura de pastoral; o mar possue uma suavidade de creança adormecida, que sorrisse, no seu berço de rendas; e o litoral, ondulado de montanhas, tapizado de arvores e alfaiado de pedras singulares, parece uma paisagem de phantasmagoria, antevista por deuses em sesta.

As praias Suá, Comprida e Cambury, na ilha de Victoria, e, no continente, as enseadas e recantos que vão das Argolas ao Penedo, deste á Pedra d'Agua, de Jaburuna a Inhoá, e dahi até Piratininga, formando a caricia maternal da enseada de Villa Velha, tecem o mais bello e suave dos panoramas.

A bahia de Guanabara deslumbra; a do Espirito Santo commove. Uma tem o arrojo das perspectivas, com "o gigante deitado", sonhando, num leito formidavel, o mais lindo sonho da Terra; a outra tem, por contraste, a innocencia, a graça de um sorriso infantil, suggerindo o enlevo de Jesus menino, dormindo a sorrir no collo de Maria...

Saul de Navarro

Aos vinte dias do mez de Julho, no anno de 1534, Fernando Luiz, thesoureiro-mór da Corôa de Portugal e escrivão da Real Fazenda, fez escrever em Evora, a Vicente Fernandez, uma carta de cinco folhas devidamente sellada com o carimbo da Real Chancellaria e firmada por el-rey D. João e pelo Conselheiro d. Miguel, bispo de Viseu.

Esse documento encerrava a mercê que, como Monarcha e Senhor das terras brasileiras, D. João, Rei de Portugal e dos Algarves, de aquem e alem-mar na Africa, Senhor da Guiné, e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e das Indias, fazia ao fidalgo Jorge de Figueiredo Corrêa e Alarcão, escrivão da Real Casa e merecedor das graças e favores da mui poderosa Corôa.

Nada menos que cincoenta leguas quadradas a partir da ponta das Garças, rumo ao sul, era o presente que o Real Administrador da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo fazia ao grande nobre Corrêa.

Não contava, porém, o *bom* Rei que tamanha prova de bondade seria profanada com o tempo, por Figueiredo, que no momento achou mais commodas as alcovas do palacio que os toscos beliches de uma caravella; mais suggestivos os braços e os beijos das formosas lusitanas que a gritaria selvagem das mulheres itapitingas, a vociferar com urros barbaros sobre o branco leito das praias virgens, e sob o pallio esmeralda das esbeltas e rhythmicas palmeiras.

E aqui principia a historia manchada por uma casta de aventureiros que, na opinião de Quevedo, bem mereciam vêr trocados seus pergaminhos e brazões pelo titulo, *in memoriam*, de rufiões.

Ser Capitão e senhor de immensas terras não era máu negocio para Corrêa; mas este, escudado em sua indispensavel presença dentro da Côrte de Lisbôa, achou menos complicado e mais commodo confiar seus novos dominios ao senhor Francisco Romero.

E lá foi o audaz aventureiro espanhol cumprindo ordens de um fidalgo cujo sangue, assim como o de Romero, continha os germens da velhacaria.

Se bastardo de sua patria foi Figueiredo Corrêa, entregando em mãos de um extrangeiro os dominios Reaes, servil e bandoleiro foi Romero, prestando-se como um rufião de caminhos a servir, com desprestigio de seu sangue, ao "amo" de alem fronteiras.

Enganam-se os historiadores de hontem, de hoje e de todos os tempos, si crêem que algo lucrou a historia espanhola por ter sido um castelhano o primeiro fundador da Capitania de Ilhéos.

O mais que significou para Espanha esse episodio foi uma humilhação.

Nem o fidalgo Figueiredo nem seu *lacaio* Romero mereciam pertencer ás estirpes que, por sua bravura, audacia e temeridade, fizeram que os pendões da Iberia tremulassem nos mastros de suas naves, batidas pelas ondas encapelladas de todos os mares.

Assim se concebe o pouco apreço áquellas terras por parte de um fidalgo cuja espada poude desembainhar-se para o duello nos beccos da gloriosa Lisbôa, nas noites de aventuras femininas, na deshonra de donzellas, mas que jamais sahiu da bainha para abrir passagem entre a espessa folhagem das florestas brasileiras.

E, emquanto na Côrte de Portugal continuava Figueiredo equilibrando suas graças com o Rei, ao Brasil chegava a nave portadora de Romero, o qual como um conquistador de fancaria percorreu o littoral bahiano para terminar ancorando na desembocadura do rio Cachoeira, junto ao morro da Matriz Velha, aos pés do qual fundou Romero a Villa Capital de S. Jorge.

Foi desde então que se fez sentir a baixa condição d'aquella epidemica casta de fidalgos. A capitania de Ilhéos foi fundada por um aventureiro e não teve melhor sorte ao passar ás mãos de seus herdeiros. Jorge Figueiredo, em vista de que o primogenito Ruy de Figueiredo não dava importancia a tal herança, passou a Capitania a Jeronymo de Alarcão; porém este, má fibra de tal páu, rebento nocivo de contagiosa planta, achou natural vender a capitania por menos de dois contos de réis a Lucas Giraldes. Perante essa profanação, o primogenito protestou, tendo de desistir, claro está, por falta de cavalheirismo, razão esta que demonstrava fidalguia nos pergaminhos mas canalhice no sangue.

A capitania de Ilhéos foi de mal a peor, em mãos dos Giraldes, até que... — ruborise-se a historia, que julgue a humanidade a toda aquella horda de nobres que ennegreceu as odysséas dos bravos navegantes iberos cujos descendentes maravilharam, com requintes de mercadores coloniaes, essas terras grandiosas e de belleza imponente...

Seja dito! Por obrigações de honra (entenda-se bem — de honra) a capitania de Ilhéos sahiu das mãos dos Giraldes, para cahir nas garras dos Rezende. E por que?

Escutae!

Lucas e Francisco Giraldes estavam atados á casa dos Rezende por uma divida de trinta mil cruzados; a Capitania era um bem, um immovel e... o immovel foi penhorado; a Real concessão aos Figueiredo, feita pelo Rei e Senhor do Brasil, foi miseravelmente apregoada para, no fim de contas, ficar em poder dos Rezende que a arremataram por nove mil escudos! Horror!

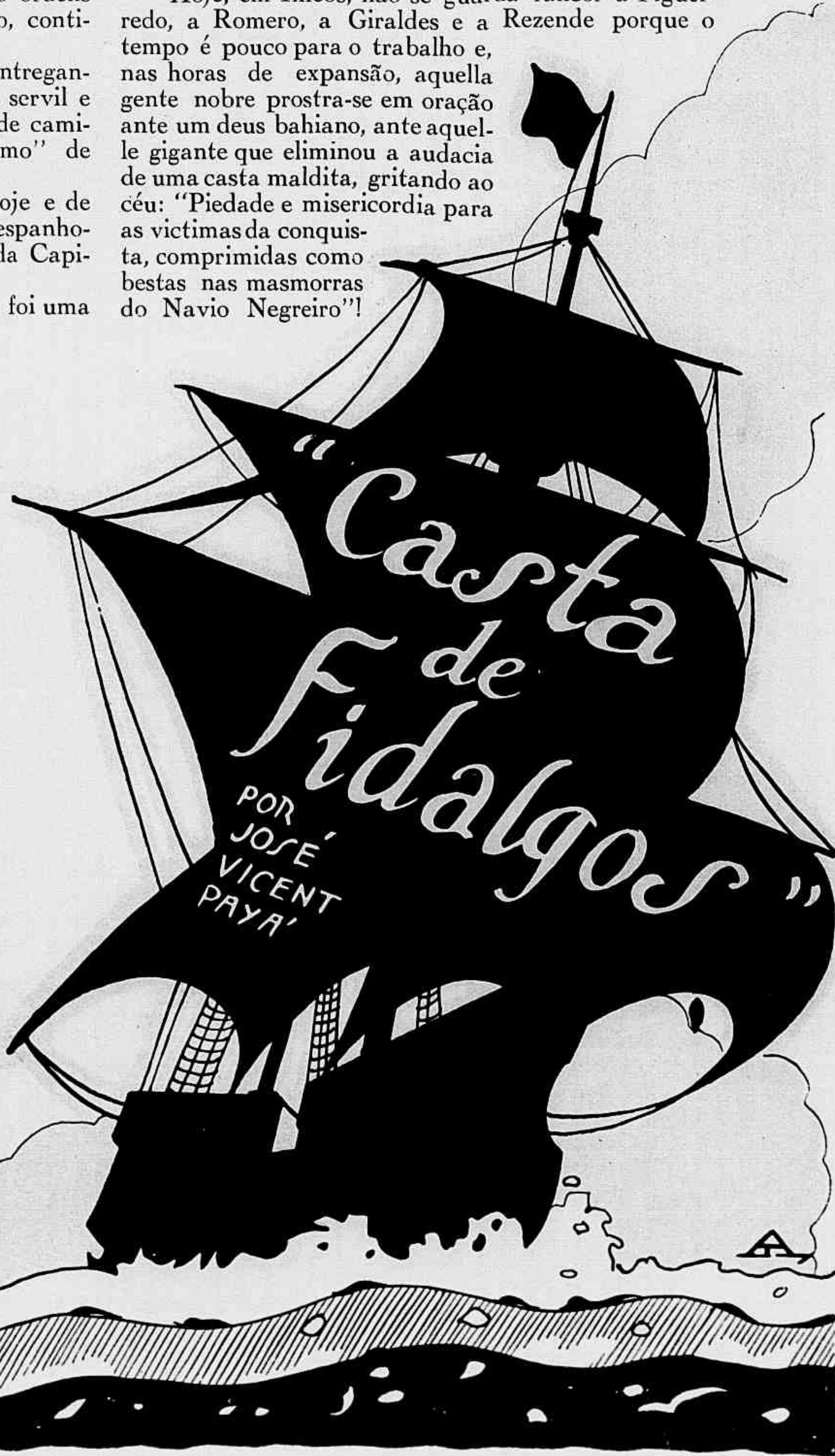
E depois?...

O que era de esperar. A reacção da Corôa de Portugal incorporando a capitania de Ilhéos, em 1744, á da Bahia de Todos os Santos, como propriedade da Real Fazenda.

Esta é, leitores, a odysséa de Ilhéos!

Daquelle recanto de terra que dir-se-ia ser o jardim onde brinca a Princesita do nordeste brasileiro.

Essa é a historia de um Eldorado, onde a bondade e fidalguia de sua gente não vem das épocas das nefastas conquistas; esta é uma nobreza nova, pois assim como as florestas perniciosas foram arrancadas para dar expansão ao cacáoeiro fructifero, aquella casta de malditos morreu com suas affrontosas derrotas, para nascer, sobre novos capitulos da Historia, uma semente que está dando fructos de intelligencia e de honra.

Hoje, em Ilhéos, não se guarda rancor a Figueiredo, a Romero, a Giraldes e a Rezende porque o tempo é pouco para o trabalho e, nas horas de expansão, aquella gente nobre prostra-se em oração ante um deus bahiano, ante aquelle gigante que eliminou a audacia de uma casta maldita, gritando ao céu: "Piedade e misericordia para as victimas da conquista, comprimidas como bestas nas masmorras do Navio Negreiro"!

SARDINHAS EM TIGELA...

Eis como o pincel de Yantok reproduziu, sem exaggero, um momento communissimo, á tarde, da vida carioca. E' isso mesmo que ahi está o espectaculo que nos offerecem os trens da Central, quando os proletarios, cansados do trabalho, se vêem forçados aos mais inacreditaveis exercicios gymnasticos, para poderem voltar ás suas choupanas.

Pagina de Eva

Pode a Amizade succeder ao Amor?..

PÓDE a amizade succeder ao amor?... Eis a delicadissima questão que, por intermedio de Georges-Armand Masson, atiro eu hoje em pasto á experiencia psychologica dos leitores.

E' uma das mais perigosas questões de sentimento, declara o articulista, e cada um tem a respeito uma opinião pessoal, baseada a mór parte das vezes em factos que não significam grande cousa.

Toda a gente conhece o delicioso romance em cartas *Amitié amoureuse*, em que os dois heróes, para abordarem ao socegado porto da amizade, passam cada qual de per si e em épocas diversas pelo tormentoso mar da Paixão, com P maiusculo.

E a conclusão logicamente se deprehende: para que um homem e uma mulher moços sejam amigos como dois homens, é necessario que hajam soffrido a prévia immunização de se terem perdidamente amado. Mas amado em separado, por assim dizer, gostando um do outro quando precisamente este outro não gostava.

Georges-Armand Masson, no emtanto, não se rende de bom grado ás subtilezas desta vaccina sentimental. "A natureza, — diz-nos elle — só me concedeu, para minhas pesquizas de laboratorio, uma só alma: a minha.

Como as ideias geraes, porém, não passam na mór parte das vezes da expressão de uma descoberta individual, não me acanho de emittir sem ambages o meu parecer: não, a amizade não póde succeder ao amor."

O raciocinio a que arrima a sua demonstração é tão curioso que merece ser transcripto.

Trata-se naturalmente da verdadeira amizade e do amor verdadeiro, e não das numerosas falsificações que destes dois generos andam correndo o mercado. Não ha só entre a amizade e o amor uma differença de gráu, de temperatura, de pressão atmospherica em summa: ha tambem diversidade de natureza. Não resta duvida que o amor e a amizade se entremisturam, não raro, havendo muito amor em que entra bôa dóse de amizade e vice-versa. Os dois sentimentos permanecem todavia distinctos, pois existe amor, e dos mais violentos, sem estima e sem respeito pelo objecto amado.

A amizade é cousa muito mais fina e susceptivel que o amor, observa La Bruyére.

A amizade é para o amor o que o florete é para a espada.

O florete resume-se na convenção preestabelecida de um jogo.

A espada não tem regras.

Todos os golpes são válidos.

Póde-se exprobrar a um amigo ter fallido ás normas da amizade. Quem é vencido quando ama só se deve culpar a si, pois não ha leis em amor.

A espada, por outro lado, é muito menos desinteressada que o florete, o amor do que a amizade. O florete, como sport, não tem outro fim senão a si mesmo. A espada é a preparação do duello.

O que se procura na amizade nunca será senão a amizade.

O que se almeja no amor é a felicidade.

Por conseguinte, espada e amor levam normalmente ao ferimento.

Todo espadachim nos dirá que, na luta com um esgrimista, este corre infinitamente mais riscos de ser ferido pelos passes de agilidade e os matizes do seu combate do que contra um adversario habituado a jogo mais franco e mais bruto.

Desgraçado daquelle — suspira, sabe Deus com que azedume de experiencia, Georges Armand Masson... — que puzer no amor todas as intransigentes delicadezas da amizade!... Para que a amizade sobreviva ao amor é preciso que o rompimento tenha partido ao mesmo tempo dos dois e a saciedade a ambos em data identica haja sobrevindo. Difficil na pratica.

E o psychologo desencantado accrescenta: sempre fui sceptico a proposito de amizade entre homem e mulher.

Laís, a quem segundo a lenda podemos attribuir alguma experiencia dos homens, costumava expandil-a nesta phrase cheia de sabedoria:

"Quando um homem começa a falar de amizade a uma mulher, inconscientemente já lhe está falando de amor."

Laís talvez enxergasse estas subtilezas através de um prisma profissionalmente prevenido. Dahi o seu rigorismo. Se a amizade, entre dois seres de sexo diverso, se apresenta realmente custosa de ser mantida no inocuo terreno do platonismo, não se dá o mesmo com a camaradagem. Ser amigo pode induzir á vontade de o ser por vezes um pouco demais. Ser camarada não obriga a tanto.

E' uma especie de amizade á flôr da pelle, que não vae além da prazenteira averiguação de affinidades recripocas de espirito e de sentimento.

A amizade muito forte offerece uma tendencia a ficar de subito amorosa, o que implica sempre nuns laivos ou resquicios de amor.

O melhor é não brincar com o fogo, pois já o disse um poeta:

"Quand on s'est aimé, toujours quelque chose
En demeure au coeur, même refroidi,
Les vieux souvenirs défendent leur cause......
..
On s'aime toujours, quand on s'est aimé!...

Maria Eugenia Celso

Meia noite!

por Affonso de Carvalho

Doze badaladas, longas, lugubres, somnolentas... Doze gottas de bronze, escorrendo como lagrimas pela mascara immutavel do Tempo...

O espaço sente um instante dramatico de emoção com essa resonancia mysteriosa, em que ha algo de tragedia e pavor.

Os velhos relogios, de simples ermida ou de majestosa cathedral, martellam rigorosamente as doze badaladas sinistras, indifferentes á vida vertiginosa.

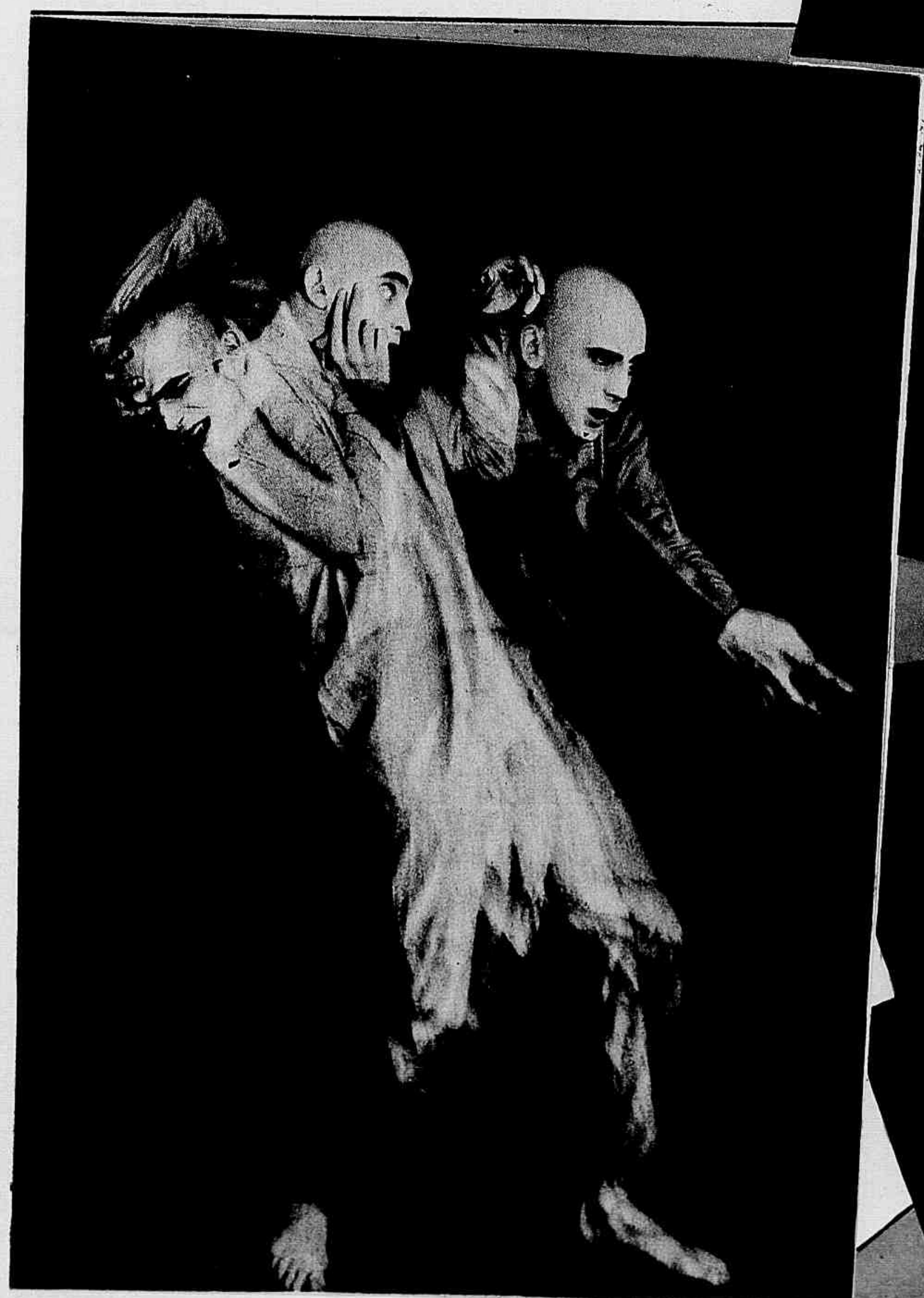
E o éco a tudo transmitte uma maior impressão de medo e solemnidade.

O moribundo ouvindo-as, na calada da noite, no ambiente tetrico de um quarto, em que as esperanças já se desfizeram, amortalhadas em lagrimas, sente um arrepio de pavor, como se mais nitidamente já estivesse escutando os doze passos da Morte...

O encarcerado ouvindo-as no silencio sinistro das penitenciarias é, sem querer, levado a um instante tristonho de meditação — e as doze badaladas mais lhe parecem doze tragicas exclamações do Remorso.

O criminoso espera o seu signal, como uma senha affirmativa da connivencia da noite...

O éco da hora tragica provoca as imaginações exaltadas e morbidas.

E, num fundo de cypestre, passam azas luzidias de morcegos. Baudelaire caminha para o mysterio com os cabellos pintados de verde. Ha ossos estalando nas sepulturas. Phantasmas, sahindo dos castellos de Hoffman. Swinburne, molhando a penna numa caveira cheia de tinta. Edgard Poe, ouvindo o estribilho pavoroso do corvo: "Nunca mais!" "Nunca mais!"

*
* *

Mas nem tudo se entristece com as doze badaladas tristonhas.

Ouve-as o Vicio como um signal de alarme. E faiscam punhaes nas sombras do crime. E arrombam-se os cofres. E beija-se. E fere-se. E mata-se. E o *cabaret*, vermelho de luzes, de carnes rosadas e *abat-jours* voluptuosos, começa a rir, como a bocca vermelha do Diabo.

E o Peccado, como um criminoso, arrasta pela noite a dentro o cadaver ensanguentado do Amor...

*
* *

O Tempo ouve as doze badaladas — e sorri... E tem razão de sorrir da ingenuidade tôla do homem, querendo dar com tanta sonoridade a impressão de que é o tempo que passa...

Meia-noite! E o poeta exclama, ouvindo a voz soturna dos campanarios:

"O' borboleta, pára! O' mocidade, espera".

Meia noite! Meia-noite! Doze badaladas tristonhas, marcando o dolente funeral das horas...

Affonso de Carvalho

Waterloo le 3 Septembre 1930.
Monsieur le Directeur,
Je vous envoie ci-inclus deux de mes dessins; je suis artiste peintre habitant Waterloo près du célèbre champ de bataille de 1815; le premier dessin représente, d'après un de mes tableaux, la ferme de la Belle-Alliance avant l'incendie du 14 Août 1930 qui a détruit la grange, les récoltes, les instruments aratoires, etc.; l'autre dessin représente la Belle-Alliance après l'incendie; l'aspect actuel est sinistre pour le touriste venant de Bruxelles; c'est grâce au dévouement des courageux sauveteurs qui luttèrent en pleine nuit contre le feu que la ferme a été préservée du désastre total. Et ce grand souvenir de la bataille de Waterloo aurait pu disparaître, comme en 1895 disparut la ferme Rossom qui fut brulée de fond en comble et ne fut jamais rebâtie; on nous montre l'endroit où elle se trouvait, en face d'un verger qui borde la route. C'est près de Rossom que Napoléon avait placé sa forte artillerie qui bombardait les positions anglaises.
La Belle-Alliance est située au long de la route de Bruxelles à Charleroi et au croisement du chemin de Braine-l'Alleud vers Plancenoit, Lasne, Chapelle St Lambert et Wavre. Elle servit de quartier général à Napoléon pendant la bataille. Victor Hugo, dans son livre "Les Misérables", décrit la bataille de Waterloo; un chapitre intitulé "Napoléon de belle humeur" nous montre l'Empereur en face de la Belle-Alliance: on lui a apporté de la ferme une chaise et une table sur laquelle il a déployé ses cartes

Belgique-Belgie

Monsieur le Directeur du journal illustré le plus répandu paraissant à Rio.

Rio-Janeiro Brésil.

Prière à M. M. les Facteurs de bien vouloir le désigner.

et les étudie; le sol étant mouillé par les pluies récentes, on a apporté à Napoléon une botte de paille où il posa les pieds. Ses soldats, à certain moment, lui apportèrent deux drapeaux conquis sur l'ennemi, on les porta à l'intérieur de la Belle-Alliance. L'Empereur était joyeux: jamais il ne se sentit aussi certain de la victoire; pourtant, ce fut pour lui le grand désastre. Et devant la Belle-Alliance, le soir de la bataille, les généraux Wellington et Blücher se saluèrent mutuellement vainqueurs de la journée. La bataille aurait porté le nom de bataille de la Belle-Alliance si l'opinion de Blücher avait prévalu.
Waterloo n'a rien perdu de son prestige malgré les 115 ans écoulés et malgré la grande guerre de 1914-1918. Des touristes du monde entier continuent à affluer pour visiter le champ de bataille, les monuments, le Panorama et les fermes célèbres: Hougoumont, La Haie Sainte, Mont St Jean, Papelotte, Belle-Alliance, le Caillou, etc, etc. Les penseurs de toutes nations viennent méditer et rêver sur ce champ de bataille où flottent tant de grands souvenirs.
Je vous prie d'agréer, Monsieur le Directeur, l'assurance de ma considération très distinguée.
René Flamand,
Ferme des Peupliers.
Waterloo.

Uma reliquia historica devorada pelo fogo

O pintor René Flamand reside em Waterloo, perto do celebre campo de batalha onde se apagou a estrella de Napoleão. A sua alma de artista verteu ha pouco abundantes lagrimas, quando a 14 de Agosto a quinta da Bella-Alliança, foi destruida por um incendio. René Flamand escreveu a commovida carta que aqui se vê, em original e traduzida. E ao fazel-o teve a idéa de mandal-a a uma revista illustrada do Rio de Janeiro, "a de maior circulação".

Qual seria essa revista illustrada?

René Flamand pediu aos carteiros que elegessem, e estes, num gesto que nos enche de intenso orgulho, escolheram a Revista da Semana.

Ahi está o envolucro da carta attestando a maneira bizarra por que foi entregue ao Correio, e ahi está a reproducção photographica para que os nossos leitores sintam toda a verdade do que dizemos.

O pintor belga não quiz, porém, cingir-se a isso e mandou tambem á revista illustrada de maior circulação no Rio de Janeiro os dois desenhos que engalanam esta pagina e que representam a Bella-Alliança antes e depois do incendio.

Eis a traducção da carta:

Waterloo, 3 de setembro de 1930.

Envio-lhe, inclusos, dois desenhos meus. Sou pintor, residente em Waterloo, perto do celebre campo de batalha de 1815. O primeiro desenho representa, segundo um dos meus quadros, a quinta da Bella-Alliança antes do incendio de 14 de Agosto de 1930, que destruiu o celleiro, as colheitas, os instrumentos de lavoura etc.; o outro desenho representa a Bella-Alliança após o incendio. O aspecto actual é sinistro para o turista que chega de Bruxellas, e foi graças á dedicação dos corajosos salvadores que luctaram em plena noite contra o fogo, que a quinta foi preservada do desastre total. E essa grande recordação da batalha de Waterloo poderia ter desapparecido, como em 1895 desappareceu a quinta Rossom, que foi inteiramente queimada e nunca mais reedificada. Mostra-se hoje apenas o local onde ella existia, defronte de um pomar que borda a estrada. Foi perto de Rossom que Napoleão collocou a sua poderosa artilharia, que bombardeava as posições inglezas.

A Bella-Alliança fica ao longo da estrada de Bruxellas a Charleroi e no cruzamento do caminho de Braine-l'Allend para Plancenoit, Lasne, Chapelle St. Lambert e Wavre. Foi quartel general de Napoleão durante a batalha. Victor Hugo, no seu livro "Os Miseraveis", descreve a batalha de Waterloo; um capitulo intitulado "Napoleão de bom humor" mostra-nos o imperador diante da Bella-Alliança: levaram-lhe da quinta uma cadeira e uma mesa sobre a qual desdobrou os mappas e os estudou. Estando o solo molhado pelas chuvas recentes, levaram a Napoleão um mólho de palha, sobre o qual poz os pés. Os soldados, em certo momento, levaram-lhe duas bandeiras conquistadas ao inimigo, que foram postas no interior da Bella-Alliança. O imperador estava alegre. Nunca se sentira tão certo da victoria; todavia, foi para elle o grande desastre. E diante da Bella-Alliança, na tarde da batalha, os generaes Wellington e Blucher saudaram-se mutuamente como vencedores da jornada. A batalha teria tomado o nome de Batalha da Bella-Alliança se prevalecesse a opinião de Blucher.

Waterloo nada perdeu do seu prestigio, a despeito dos 115 annos decorridos e apezar da grande guerra de 1914-1918. Turistas do mundo inteiro continuam a affluir para visitar o campo da batalha, os monumentos, o panorama e as quintas celebres — Hougoumont, La Haie-Sainte, Mont St. Jean, Papelotte, Belle-Alliance, le Caillou etc. etc. Os pensadores de todas as nações vêm meditar e sonhar sobre esse campo de batalha onde fluctuam tão grandes recordações.

Peço-lhe acceitar, senhor director, a segurança da minha consideração muito distincta.

René Flamand

Quinta dos Alamos.

Waterloo.

Bella Alliança, antes do incendio de 14 de Agosto de 1930.

Bella Alliança, depois do incendio.

MAGIA NEGRA

conto de AURELIO PINHEIRO

DESENHO DE ALBERTO LIMA

— Tenha cuidado, Baptista! Realmente eu não acredito nessa cousa ignobil de macumbas. São os ultimos residuos do africanismo, da escravatura, da monarchia. Sei lá! Isso é uma gente fanatica, perversa, ignorante. Capaz de tudo!

— E' possivel; mas a verdade é que vae lá muita gente como nós, da sociedade. O que ha é que negam, fingem superioridade, ridicularizam a macumba. Mas vão ás escondidas. Eu vou ás claras, digo o que quero, pago o trabalho, tal como se fosse ao consultorio de um medico. Não é mais decente ?

Baptista lançava a interrogação, erguia-se da cadeira, approximava-se da minha mesa de trabalho, resoluto, firme, decidido, como se fosse realizar um dos mais sérios actos da sua vida. Na mesa encontrou a minha cigarreira, abriu-a, tirou um cigarro. E de pé, riscando o phosphoro:

— Não é mais decente? Você, por exemplo, não vae á missa naturalmente, ás claras? Não vae? Pois eu tambem vou á macumba da mesma forma que Você vae á missa!

Calei-me prudentemente. Baptista sentou-se de novo simulando grande calma e immensa convicção. Eu sabia, porém, que os seus nervos deviam estar terrivelmente chicoteados, esfrangalhados, batidos como trapos ao vento. Casado havia dois annos, atravessado de aborrecimentos, de decepções, de difficuldades, levava uma vida cruel de incertezas, de angustias, de expedientes, ora correndo atrás de empregos publicos, ora iniciando negocios incomprehensiveis, ora sorrindo, repousado, certo de que a bôa sorte o ampararia justamente quando tudo fracassasse. Dois annos assim! Dois annos de lugubres artificios, de amargos disfarces, de espreitas, de ansiedade, de sonhos, de inquietações, esperando em cada hora do dia a brusca mudança do destino.

Mas o destino não mudou. Baptista perdeu as derradeiras economias, a derradeira esperança e, afinal, a propria esposa, que desesperada de tanta insensatez cahiu nos solidos braços de um negociante de moveis.

Ao principio o meu amigo affrontou soberbamente a sua desdita de homem duplamente trahido pela sorte e pela mulher. Vendeu os ultimos trastes e foi morar numa pensão, onde ostentava uma superioridade risonha, criticando costumes, atacando o pieguismo patricio e enaltecendo a gente norte-americana, a unica que possuia idéas exactas sobre o tempo, a sociedade e o casamento.

Viveu assim seis mezes: apressado, fremente, vertiginoso, pregando o seu atordoado americanismo. Ninguem, todavia, procurava imital-o. Os hospedes, ao começo, achavam-n'o interessante. Depois viram que elle se ia tornando impertinente e desagradavel. E abandonaram-n'o definitivamente.

Foi por esse tempo que começou a visitar-me. Mas, á força de provar-lhe diariamente que o americanismo estava para o Brasil como a elegancia parisiense para a tanga africana, elle se foi desprendendo dessa pobre illusão — e começou a dedicar todo o largo enthusiasmo ao occultismo, á magia, á feitiçaria, a todos os mysterios de um mundo estranho que entrevia maravilhado.

E nessa fria manhã de Domingo, no meu gabinete, afundado na poltrona, fumava e explicava as suas novas idéas:

— Vou á macumba para ver se me livro da má sorte. Certa gente nega que em torno de cada creatura existe um fluido permanente, mysterioso, imponderavel, que a protege carinhosamente ou que a atormenta a vida inteira. Ora, meu caro, esse fluido — que é o bom ou mau espirito para os espiritas, a influencia astral para os astrologos, a aureola magnetica para os sacerdotes da *Kabbalak*— existe incontestavelmente. Você não tem encontrado por ahi individuos repugnantes, nocivos, indignos, que sobem e são felizes? E não tem visto pessoas bondosas, crentes, honestas, que vivem desgraçadamente? Pois isso é uma simples questão de fluido, de aureola magnetica. Nada mais!

— Na verdade — respondi — são casos communs. Mas o exito na vida depende de certas aptidões: coragem, persistencia, sagacidade, bom senso etc. Com esses elementos ha immensas probabilidades de exito. E, se juntarmos a tudo isso algumas dóses, mesmo pequeninas, de audacia, descaramento e flexibilidade, então, meu amigo, a victoria é mais certa que a luz do sol.

Baptista não se convencia; arrojava-me argumentos ferozes de sectario; citava nomes celebres de espiritas, chiromantes, cartomantes, astrologos, com esmagadora erudição. Por fim, esfalfado, cansado de tanta prova e de tanto esmurrar a minha mesa, teve um olhar de piedade para a minha triste ignorancia e despediu-se gravemente:

— Adeus. Vou á macumba; vou corrigir a minha aureola magnetica; e brevemente Você ha de ver que serei um homem integralmente feliz!

* * *

Foi essa a penultima vez que vi aquelle magnifico amigo. Nunca mais o encontrei nas ruas com aquelle inflammado aspecto de sofreguidão, de desassocego, de ansiedade, que me dava a idéa de um grande galgo intelligente farejando um rasto perdido. Nunca mais entrevi o seu vulto magro, fino, deslisante, varando a multidão, parando um momento para apertar de leve a mão de um amigo, e logo fugindo, inquieto, atrás da sorte, do inesperado, do imprevisto — do rasto fatal que o fascinava!

A sua esposa, que se apoiara ao negociante de moveis, refugiava-se agora, sabiamente, no apartamento de um architecto millionario. E elle? Onde andaria? Que faria esse transviado Baptista entre dois milhões de habitantes, incomprehendido e revoltado como o ultimo apostolo de uma seita obscura?

Um anno inteiro passou, desde a scena do meu gabinete. O Destino cortou a arvore esgalhada em que floriam as minhas aspirações — e jogou-me seccamente para um suburbio longinquo, onde irrompera a febre amarella. Trabalhei, varei estradas, pantanos, mattagaes, dirigindo a infernal caçada ao mosquito.

Emfim (é ainda com singular emoção que relembro esse caso!) uma tarde, quasi ao termo da furiosa caçada, eu seguia fatigado pela estrada lamacenta do *Sapé*. Era uma soturna tarde de inverno, ge-

O quadro acima não sahiu da paleta de um pintor: é um quadro real da natureza patricia, animado pelo homem. Nesse trecho do Brasil a paizagem é quasi uniforme: é o Alto São Francisco, cujas margens só se differençam de espaço a espaço pela existencia da casaria das cidades e das villas ribeirinhas. E dentro d'agua o mesmo barco de velas amplas que ora se abrem, como immensas asas, ora se dobram, tristes, esvaziando lentamente o vento colhido na travessia do grande rio.

Nesse ponto, o São Francisco lava o solo bahiano e o barco que se vê na gravura é o do "pratico", afeito aos segredos mais intimos da grande arteria fluvial que ainda é, na parte alta, navegavel e que, na parte baixa, vae pondo em crise cada vez mais accentuada a navegação.

lada e triste. A turma da policia de fócos ia á minha frente, exhausta, friorenta, examinando e petrolando poças daguas. De subito ergo a cabeça, e vejo á direita um casebre quasi escondido entre moitas de arbustos. Parei, murmurei vagamente para a turma:

— Oh! rapazes! Vamos alli dar a ultima batida. Esse matto é um perigo!

Elles entraram nas moitas, attentos, procurando entre o matto baixo latas velhas, cacos, bambús cortados, bromelias, qualquer cousa que pudesse conter uma pouca dagua e fosse um fóco de larvas.

Emquanto os rapazes rondavam as moitas, eu batia á porta do casebre. Veiu abril-a uma negra, moça ainda, com a physionomia assustada. Examinei a sala, onde havia apenas duas cadeiras velhas e uma pequena mesa tosca. E ia dirigir-me para o aposento contiguo, quando ella se põe á minha frente, perturbada, pedindo:

— Não. Ahi não!

— Por que? Perguntei estacando, tomado de subita desconfiança.

A negra respondeu titubeando:

— Neste quarto está um homem doente. Não quer que o vejam. O senhor comprehende... seria um desgosto para elle... Por favor...

Mas eu não devia attendel-a. No meu espirito passou logo a suspeita de um enfermo de febre amarella, ignorado, escondido entre aquellas paredes, temendo a remoção para o hospital. Rapidamente expliquei á mulher o meu dever — expliquei e abri a porta que dava para o quarto.

Era um estranho aposento aquelle! Ao centro estava uma grande mesa, e sobre a mesa se viam objectos curiosos, grotescos, macabros: uma ave negra, empalhada, espetada num tóro de madeira; ossos pequenos de animaes domesticos; fios torcidos; uma cabeça de coruja; contas; fitas; hervas seccas, e — dominando o lobrego conjunto — uma grande cruz de ferro, pesada, escura, lugubre, com os dois braços terminando em pontas como punhaes rebrilhantes!

Depois do exame ergui os olhos assombrados. Ergui-os, e vi um homem alto e magro, com a barba crespa cercando o rosto magro. O homem fitava-me, empallidecia, sussurrava o meu nome, attonito. Reconheci-o instantaneamente, apezar da espantosa mudança, das roupas grosseiras, da barba rude! Era o amigo Baptista, que mais calmo, dominando-se, fazia signaes para que a negra se retirasse. Depois fechou a porta, offereceu-me uma cadeira, sentou-se, falou quietamente:

— E' incrivel! Ha mais de um anno que não nos encontravamos. Como o destino prepara estes lances inauditos! E dizem que só nos romances se encontram destes acasos!

Eu permanecia calado, dentro do meu assombro. Elle falava, quasi a sorrir:

— Lembra-se ainda do que eu lhe disse ha um anno? Do que lhe disse no tempo em que eu vivia por ahi, agitado, meio louco, a pregar que a vida era movimento, inquietação, vertigem, desespero — o desespero eterno do *amanhã?* Lembra-se?

Eu murmurei impressionado:

— Sim; recordo-me... é verdade. Mas depois Você um dia falou na macumba, nos fluidos, na magia, e sumiu-se desde esse dia. Recordo-me bem!

Baptista sorriu ainda:

— Eu era um cretino. Realmente fui á macumba, habituei-me, achei agradavel. Mais tarde verifiquei que isso era um thesouro inesgotavel e uma esplendida profissão...

— Oh! Baptista! Você...

— E' o que está vendo, meu caro. Um thesouro! A vida na sua mais doce expressão de encanto, de paz, de fartura. Durante o dia durmo, leio, como, escrevo ás vezes. A' noite sou o macumbeiro sinistro — distribuo por toda essa gente (essa gente que treme diante desta mesa) a alegria, a esperança, a tristeza, a má sorte. Sou o mais feliz dos homens. Sel-o-hei até ao dia em que os outros, os espertos, os ganenciosos, os cavadores, venham explorar vilmente o thesouro!

Depois dessas explicações fugi desorientado — e foi essa a ultima vez que vi o amigo Baptista.

Aurelio Pinheiro

NOTICIAS E COMMENTARIOS

O CENTENARIO DE BOLIVAR

A 17 de Dezembro de 1830, em Santa Maria, territorio de Nova Granada, morria aos quarenta e sete annos de edade o fundador da Colombia e o libertador da Venezuela, Simão Bolivar.

Nascido a 24 de Julho de 1783, em Caracas, Bolivar, o Libertador, teve a mais gloriosa e agitada vida na America do Sul, no periodo da Independencia das antigas colonias de Espanha. Presidente da Colombia, dictador no Perú, vencedor em Carabobo e Junin, foi por occasião do seu primeiro centenario natalicio, em 1883, proclamado o Heróe Americano.

Celebra-se agora o primeiro centenario de sua morte. Cinco annos antes d'ella, a familia de Washington, por intermedio de general Lafayette, enviava a Bolivar o retrato e algumas reliquias do heróe da liberdade dos Estados Unidos, como digno imitador de suas virtudes civicas.

Não ha muito, em artigo especial, o nosso eminente collaborador Escragnolle Doria tratou da personalidade de Bolivar. Resta-nos associar a REVISTA DA SEMANA á celebração do centenario do grande americano, reproduzindo-lhe o retrato, obra na téla do pintor colombiano Azevedo Bernal.

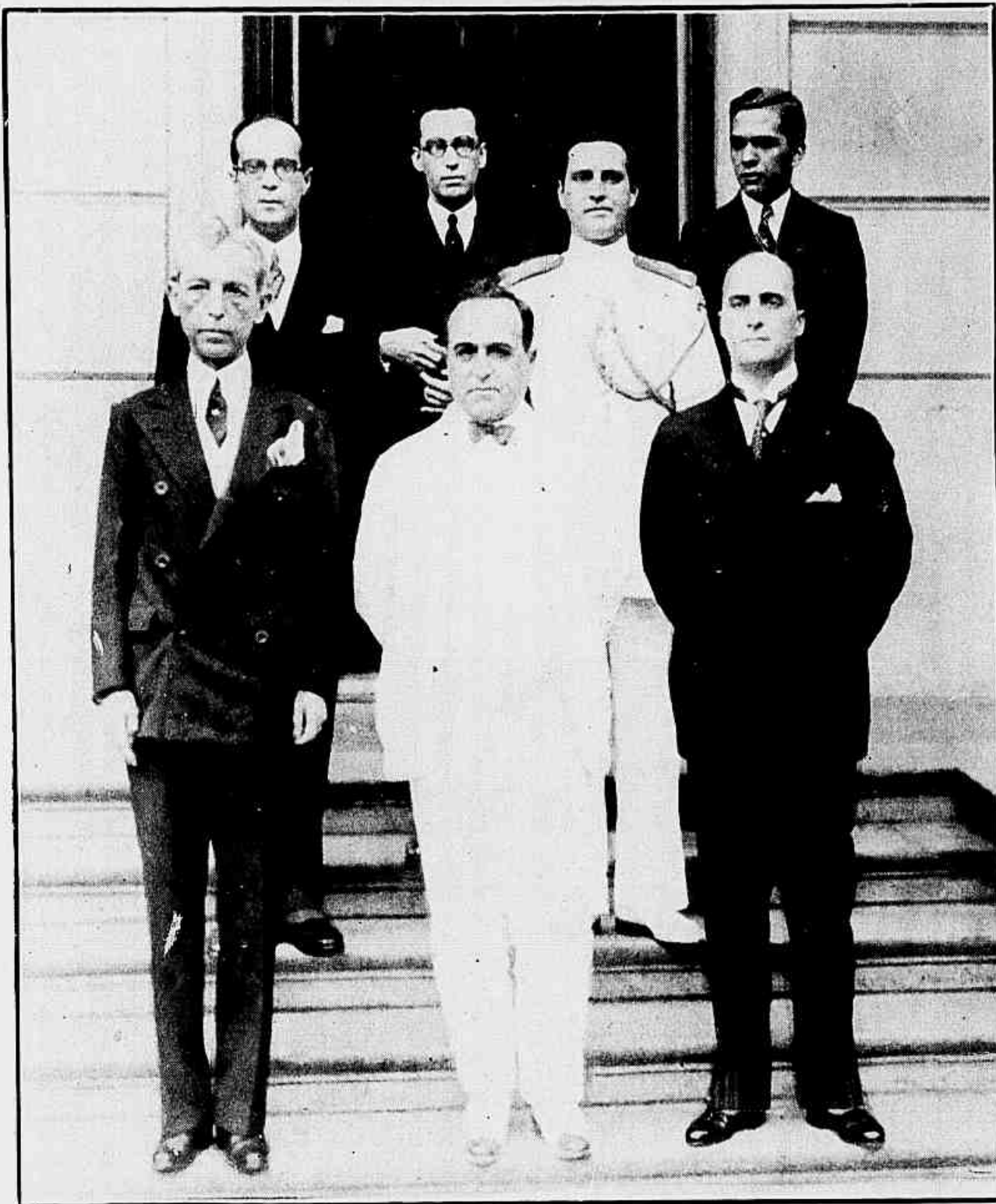
Bolivar.

ALEXANDRINO AGRA

O nosso brilhante collaborador, que com tão reconhecida proficiencia mantém o *Consultorio Odontologico* da REVISTA DA SEMANA, acaba de ser surprehendido por uma significativa homenagem.

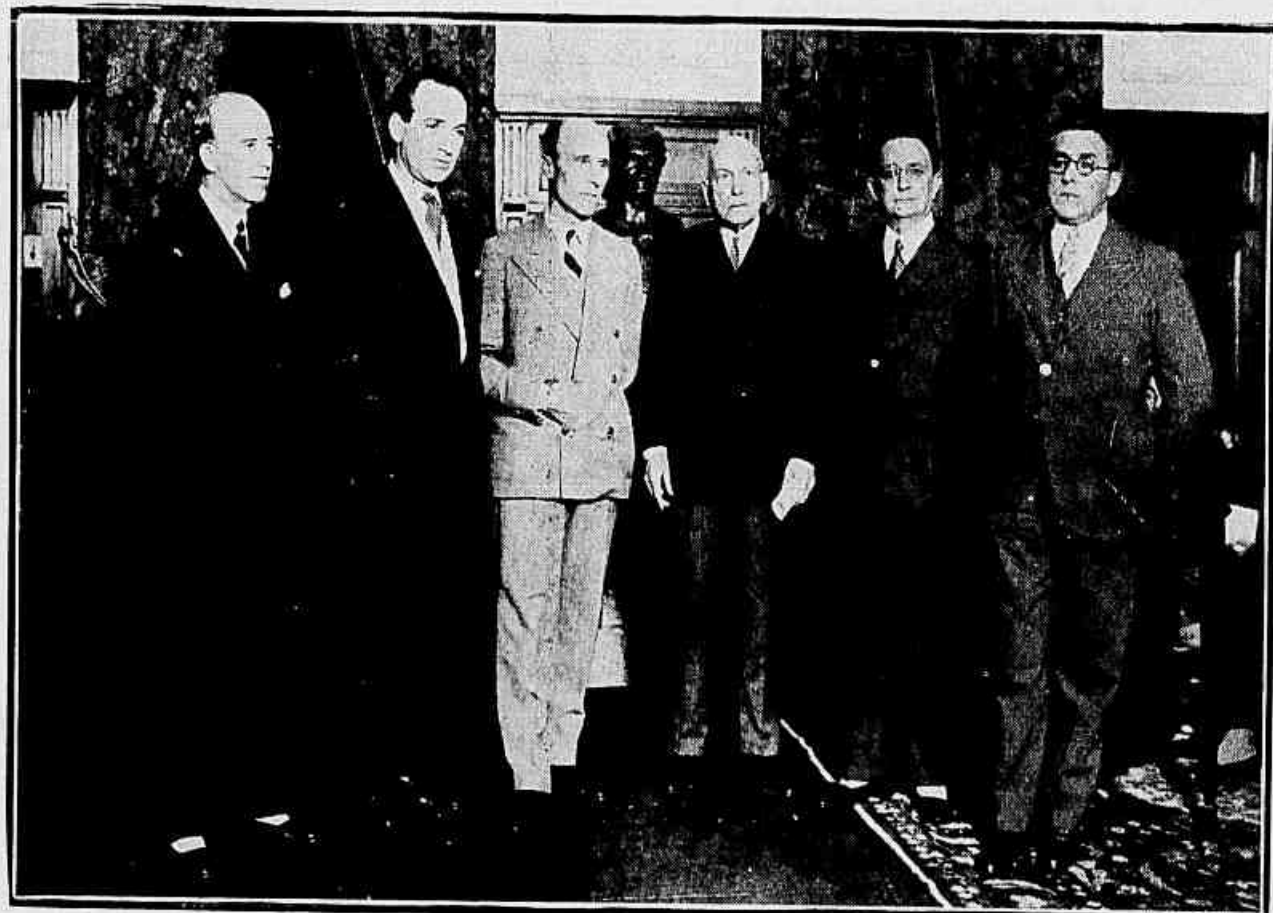
Após ter sido durante alguns annos o presidente, successivamente reeleito, da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas, á qual prestára inestimaveis serviços, o dr. Alexandrino Agra afastára-se de toda actividade associativa, consagrando-se exclusivamente aos seus trabalhos profissionaes.

De tal modo porém influiu no animo de seus antigos consocios o esforço efficaz desenvolvido pelo nosso querido collaborador no progresso da Odontologia Brasileira que, sem a nimia formalidade de consulta prévia, foi o dr. Alexandrino Agra eleito, mais uma vez, para a presidencia daquella importante agremiação.

E tão expressiva de grande prestigio foi a espontaneidade do gesto que não prevaleceram excusas e a eleição teve mesmo de ser acceita, pelo que merecem egualmente parabens a prestimosa Associação e o seu distincto presidente.

No palacio do Cattete, quando o sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, recebeu a Embaixada Especial do Brasil ás festas do centenario da Independencia do Uruguay, de partida para Montevidéo. Vê-se no primeiro plano o sr. Getulio Vargas, que tem á direita o sr. Afranio Mello Franco, ministro do Exterior, e á esquerda o sr. Mauricio de Lacerda, embaixador especial.

OS BACHAREIS DE 1930

A ceremonia da collação de grau dos novos bachareis em Direito, da turma de 1930. Ao alto, á esquerda, á solemnidade da collação no Instituto Nacional de Musica; á direita, um aspecto da assistencia. Em baixo, grupo tirado após a missa em acção de graças mandada rezar pelos novos bachareis.

Installou-se no Monroe o Tribunal Especial, orgam revolucionario do Governo da Republica, cuja missão será apurar as responsabilidades dos que levaram o paiz á Revolução que triumphou em 24 de Outubro. A gravura acima define a primeira reunião do Tribunal, logo após haver o dr. J. J. Seabra assumido a sua presidencia. Em torno dos membros do Tribunal, representantes da imprensa e povo.

Os membros do Tribunal Revolucionario que se instaliou na tarde do dia 12, photographados momentos antes da sessão inaugural: srs. Goulart de Oliveira, procurador; Solano Carneiro da Cunha, Djalma Pinheiro Chagas, J. J. Seabra, Sergio de Oliveira e Justo R. Mendes de Moraes.

Silva Ramos

O dr. José Julio da Silva Ramos, da Academia Brasileira, fallecido ha dias na sua velha casa da rua S. Clemente, era um poeta e um sabio. Os seus versos e chronicas literarias foram tão educativos como a sua obra de professor. Era um estylista esmerado, extremamente cioso da correcção e da graça de tudo o que escrevia. Tendo ido formar-se em Direito na Universidade de Coimbra, ahi conhecera uma geração de incomparavel inspiração e pujança creadora: Guerra Junqueiro, João de Deus, Gonçalves Crespo, João Penha, e ainda Theophilo Braga, Anthero de Quental, Eça de Queiroz... Essa camaradagem sublime, elle a recordava sempre, entre citações de estrophes, ditos de espirito, rasgos de talento ou de generosidade e innumeraveis anecdotas das que a Lusa Athenas está sempre engendrando e irradiando pelo paiz e através dos tempos. E nos ultimos annos era Silva Ramos, de tão admiravel pleiade, o unico sobrevivente.

Depois de formado regressou ao Brasil, mas em vez de ficar em Recife — onde nascera em Março de 1853 — veiu para o Rio de Janeiro. E logo a paixão literaria, o grande sonho de arte, o ligou a um grupo de rapazes cheios de talento, de audacia innovadora e da ansiedade de combater e realizar. Foi com o enthusiasmo e o esforço dessa roda que se formou A SEMANA, revista exclusivamente litteraria, cujo espirito de selecção ainda hoje poderia servir de exemplo aos organizadores de tal genero de publicações. Na SEMANA, dirigida por Valentim Magalhães, escreviam assiduamente, dando chronicas ou versos inéditos, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça, Arthur e Aluisio Azevedo, outros, já grandes então, e hoje desaparecidos; e lá tambem terçaram armas na prosa ou cultivaram a poesia os srs. Alberto de Oliveira, Coelho Netto, d. Julia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, João Ribeiro, Augusto de Lima. Ser collaborador da SEMANA era um titulo. Um elogio da SEMANA valia uma consagração. E foi de lá que sahiu a Academia Brasileira.

Silva Ramos assignava as suas chronicas com o pseudonymo "Julio Valmor". Publicou tambem muitos versos posteriores ao seu volume dos *Adejos* e entre os quaes o soneto camoneano *Quantas vezes me viste sem te eu ver...* que foi celebrado por todos os poetas e a bem dizer decorado por toda a gente. Essa famosa peça bastaria para mostrar em Silva

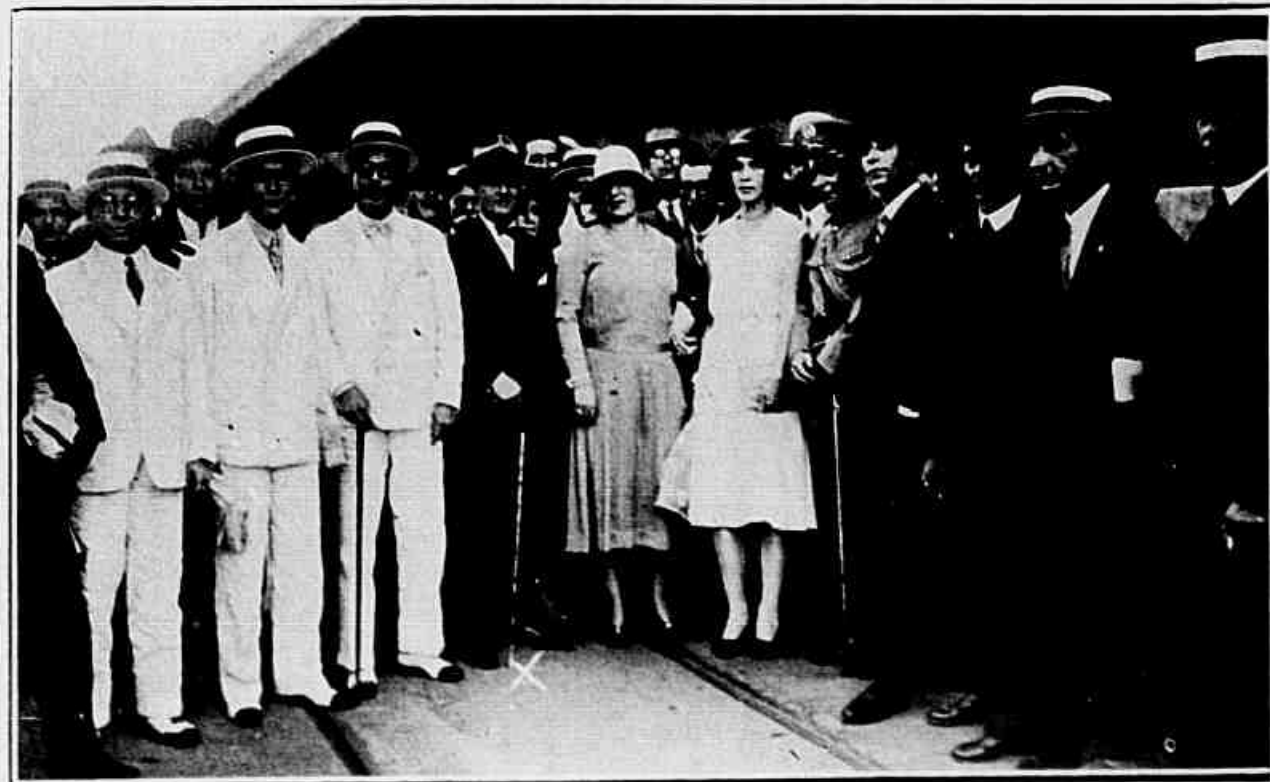
JARDIM DA INFANCIA MARECHAL HERMES

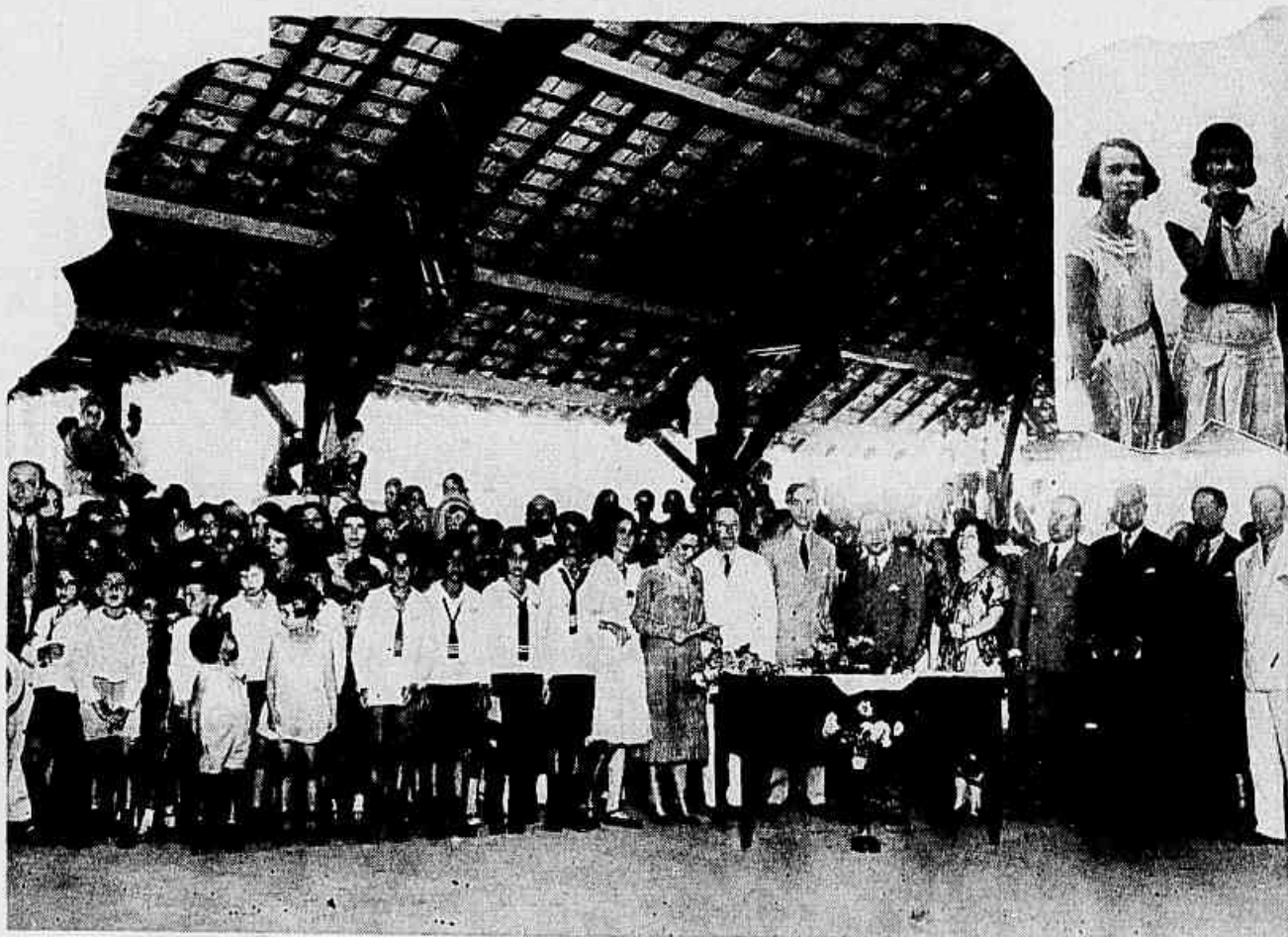
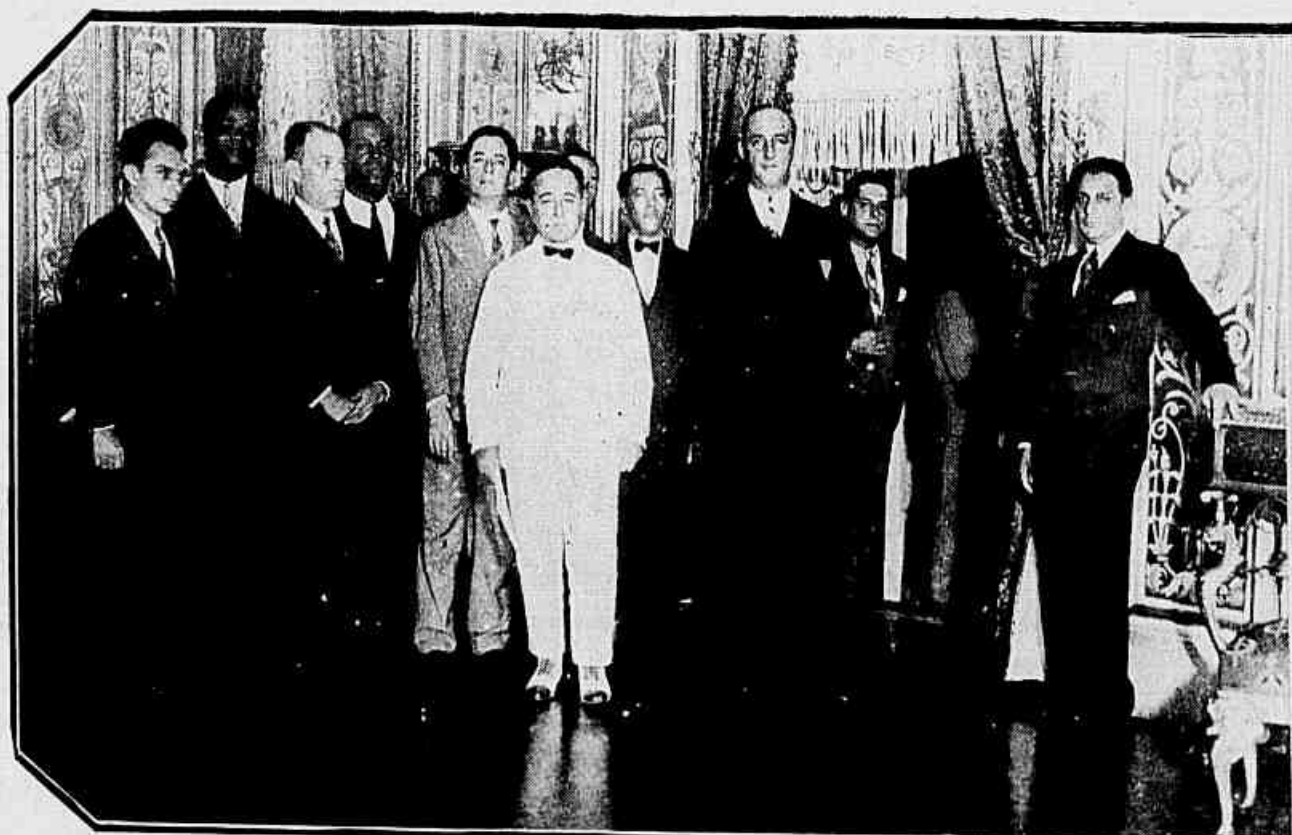
O Jardim da Infancia Marechal Hermes — acompanhando os demais institutos de ensino — encerrou as aulas. Fel-o com um brilho enorme, permittindo que a alegria inundasse o coração das mães, satisfeitas com o desenvolvimento dos garotinhos entregues aos cuidados inimitaveis das nossas educadoras. As photographias que aqui se vêem definem o que foi a festa do fim do anno do Jardim da Infancia Marechal Hermes. Quem não ficará encantado com a contemplação de tantos rostinhos angelicaes?

Ramos as qualidades preciosas do erudito, do tradicionalista, do homem de gosto e do homem de sentimento. Além disso. não havia mais esmerado cavalheiro. Todas as suas palavras agradavam, captivavam. E, alliado aos seus vastissimos conhecimentos philologicos, esse dom de superior, de rara sympathia tornava-o um professor da nossa lingua e da nossa literatura, que todos os discipulos hão de lembrar com admiração profunda e enternecida gratidão.

A festa de cordialidade da Policia Militar do paiz. Aspecto tirado no antigo edificio da Escola Normal por occasião da festa offerecida ao 3.º Batalhão da Brigada Militar do Rio Grande do Sul aos seus collegas do Regimento de Cavallaria da Policia Militar desta capital.

A visita do sr. Adolpho Bergamini, interventor federal, á Clinica Escolar Oscar Clark. Vê-se s. ex. ao centro, tendo á direita o sr. Raul de Faria, director da Instrucção, e á esquerda sua gentil filha, senhorinha Déa Bergamini.

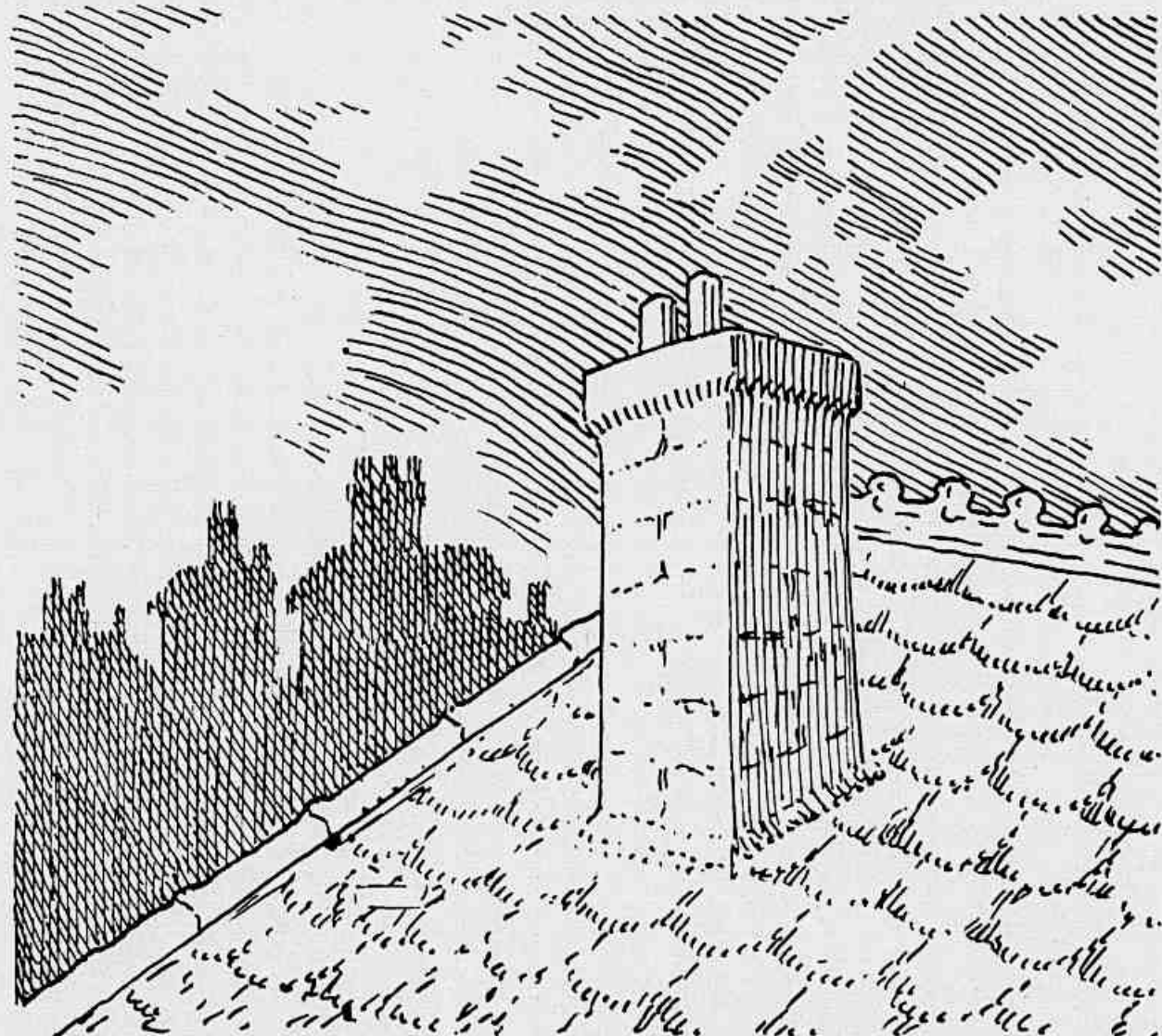
O almoço do Club dos Advogados, commemorativo do anniversario da novel aggremiação.

A partida para Montevidéo do sr. Mauricio de Lacerda, embaixador especial do Brasil ás festas do Centenario da Independencia do Uruguay.

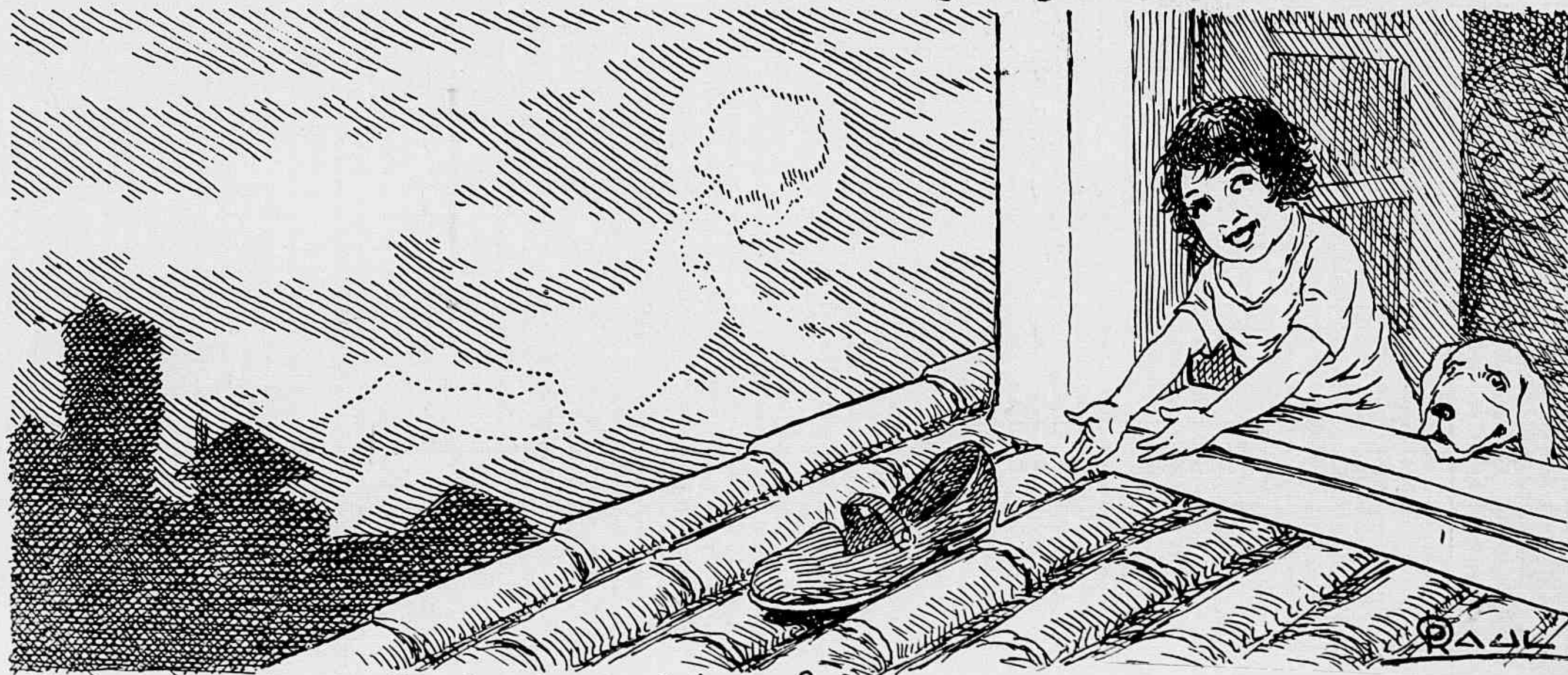
ESCOLA ARGENTINA

Fim de anno, encerramento de aulas. Aqui estão flagrantes da ceremonia realizada na Escola Argentina, pelo motivo acima. Como se vê, a ceremonia revestiu-se de grande brilhantismo e de desusada concorrencia. Houve distribuição de premios, muita alegria. As professoras e os alumnos posaram para a nossa objectiva e deram-nos ensejo de podermos offerecer as photographias que aqui estão á contemplação dos nossos leitores.

A marche aux flambeaux dos musicos civis e militares em homenagem ao sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio. A' esquerda, o chefe do governo, no palacio do Cattete, com a commissão que foi cumprimentar s. ex. A' direita: os manifestantes diante do palacio do Cattete.

A posse da nova directoria da Associação Commercial. Vê-se ao centro o dr. Serafim Vallandro, presidente, rodeado de membros da directoria e vultos do commercio e industria.

Reparando bem...

Não temos a arvore classica, européa, adoptada nas festas do natal do velho continente.

Não temos a neve, que aqui se imita, nas lojas, com algodão em rama.

Não temos as chaminés de inverno, por onde entram os mimos do natal europêu,

Nem esse barbaças de importação, que nos impingem, agasalhado, em pleno verão!

-Porque essas imitações servis e canhéstras?
Rehabilitemos a nossa ingenua, a nossa quasi esquecida tradição popular!

"Roupas finas

não são uma extravagancia si as lavar em LUX *como eu faço"...*

Todos os theatros e companhias de revistas de Nova York usam Lux para as meias de seda durarem o dobro e os departamentos de vestuarios dos grandes "studios" de Hollywood usam somente Lux

diz Miss Estados Unidos, a linda conquistadora de um premio no Rio.

"A lavagem com "LUX" de todas as suas roupas delicadas, – sejam de seda ou lã – ". E' este o conselho de Miss Estados Unidos, vencedora de um premio no concurso de belleza do Rio de Janeiro.

Os tecidos mais delicados nada soffrem com a espuma alva e pura de "LUX". Poderá tratal-os com o maior cuidado. Não é necessario esfregar ou torcer. A espuma "LUX" atravessa o tecido limpando e purificando cada fio.

As lãs mais macias e as sedas mais delicadas podem ser lavadas innumeras vezes deste modo. Poderá V. S. assim possuir as mais bellas roupas, pois é possivel preserval-as por mais tempo.

Deseja V. S. um lindo album de retratos das misses do Concurso de Belleza?

Corte e mande este coupon a S. A. Irmãos Lever (Dept. 4) Caixa Postal 2745 - - S. Paulo — que o receberá pela volta do correio.

Nome ....

Rua ....

Cidade .... (C)

BC 4 Bz

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ■ A VIDA NO LAR ■ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ■ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

A moda póde ser adaptada a todas as edades: nenhuma mulher deve desinteressar-se da moda, as que já não são jovens como as outras. Mas devemos saber que algumas audacias não são admissiveis senão para entes muito jovens e que aquellas que já não o são devem renunciar, para não se tornarem ridiculas.

Mas as senhoras de idade devem regosijar-se com as vantagens que lhes trouxeram as tendencias da moda actual. As fantasias dos vestidos curtos e muito ajustados, em voga ultimamente, não convinham de todo á silhueta, naturalmente menos esbelta que as das jovens. Essa moda não lhes convinha de todo porque, quando alongavam e alargavam, o vestido perdia completamente o cunho da moda. Mas quando o conservavam curto, mesmo quando a silhueta era esbelta, perdia na sua dignidade de senhora de idade.

Actualmente, os vestidos prestam-se a toda especie de reformas, sem que esses retoques forçados nos vestidos das senhoras nada lhes tire do seu caracter de actualidade.

Por exemplo: a moda actual exige os corpos lisos, mas póde-se conserval-os um pouco *blouson* e guarnecel-os com um jabot, com romeira, uma capinha, um fichú drapé, de maneira a simular a grossura da cintura. Os colletes-plastrons, em vez de serem lisos, podem ser levemente franzidos, favorecendo assim o busto. As rendas os substituirão nos vestidos habillés, porque nada é mais favoravel aos rostos cansados que a vizinhança dessa guarnição clara e transparente.

Não se deve abusar das palas, dos decotes redondos e lisos; se o pescoço está envelhecido, encubram-o com guimpes de filó, de renda ou de crêpe Georgette. Para as toilettes de baile cobrir o pescoço com altos collares formados por diversas carreiras de perolas, strass ou contas de crystal a dizer com o vestido: aproveitem essa moda emquanto está em voga.

As pessôas grossas devem evitar a cintura muito alta. Póde-se pôr a cintura um pouquinho abaixo sem com isso ficar o vestido fóra da moda. As saias longas e alargadas com godets são as que melhor vestem as senhoras de idade. As que têm a cintura bastante grossa devem evitar que a pala ou a parte ajustada desça abaixo das cadeiras.

Os casacos curtos, as capas que se põe sobre os vestidos são preciosos accessorios para as pessôas de idade e podem ser usados em todas as circumstancias. Para um jantar, um casamento, theatro ou baile, esse casaco ou capa póde ser feito com o crêpe Georgette, chamalote, renda, mousseline: simples ou bordados com contas ou strass, velam os decotes sem no emtanto tirar da toilette o seu caracter *chic*.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crepe da China verde guarnecido com *viézes* brancos; saia com *godets*, golla de crepe branco e cinto do mesmo tecido com fivella de fantasia. 2 — Vestido de linho rosa claro, com cinto e *viézes* de linho azul *nattier*; do mesmo tom de azul são os pespontos que guarnecem a bluza. 3 — Vestido de *toile* de seda branca, guarnecido com pontos abertos, a saia preguada. 4 — Vestido de *shantung* branco com barra de *shantung* azul marinha, casaco longo de *shantung* azul marinha.

Lenda do Natal

A ORIGEM DO COSTUME DE COLLOCAR PRESENTES NOS SAPATOS DAS CREANÇAS NA NOITE DE NATAL

A linda lenda que originou esse costume é a de S. Chrispim e S. Chrispiniano. Para escapar da perseguição, fugiam através da Galia ensanguentada. Pararam na noite de 24 de Dezembro diante d'uma modesta cabana habitada por uma viuva e seu filho. Foram muito bem acolhidos, e repartiram com elles sua pobre refeição da noite. Depois a mãe e a creança foram para o seu quarto, deixando junto da lareira os dois viajantes; mas a noite estava fria, e o fogo estava quasi morrendo por falta de lenha!

— Vou pôr meus velhos tamancos! pensou a creança — Assim elles terão mais tempo um pouco de calor.

Depressa os tamancos começaram a pegar fogo.

Mas, apenas o pequeno se tinha retirado, S. Chrispim retirou apressadamente os tamancos da chamma. E, como o padroeiro dos sapateiros era bastante habil, concertou-os o melhor possivel.

Então, invocando o céu, pediu que abençoasse essa humilde cabana.

No dia seguinte, de madrugada, S. Chrispim e S. Chrispiniano tinham partido quando a creança encontrou seus tamancos concertados e cheios de moedas de ouro.

Foi em Crépy-en-Valois (capital da provincia de Oise, França) — garante a lenda — que se operou esse commovente milagre.

Nossa alimentação

O REGIME QUE DEVEM SEGUIR OS QUE SOFFREM DE ECZEMA REBELDE

Devem evitar os alimentos muito azotados: peixes e mariscos; fructas e legumes acidos; fructas verdes, mesmo cozidas; legumes brancos; gorduras toxicas; legumes seccos; excesso de pão; vinho. Deve se evitar sobretudo o tomate, o limão, os morangos, a azedinha, o vinagre, os molhos complicados, pikles, mostarda, alcaparras, pepinos. Muitas vezes é tambem necessario supprimir os queijos, o leite e o ovo. O doente póde tomar o ovo misturado

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de *voile* de algodão branco; um viez azul termina as mangas e o decote; na barra duas ordens de pontos abertos. Pequenas alças manteem uma fita azul que se amarra na frente, na terminação da pala. 2 — Vestidinho de *shantung* rosa, guarnecido com pespontos de seda azul turqueza, botões azul turqueza. 3 — Vestido de crepe *georgette* branco guarnecido com babadinhos de fita de tafetá vermelho. 4 — Vestidinho de linon branco, com a pala trabalhada com pregas lingerie dispostas em diagonal. Botões cobertos com o proprio tecido; na barra grupo das mesmas preguinhas. 5 — Vestidinho de *shantung* vermelho, pala e grupo de pregas que terminam por franzido ninho de marimbondo. 6 — Vestidinho de *voile* azul com pintas brancas, golla e guarnição de linon branco festonado. 7 — Vestidinho de crepe *georgette* rosa, enfeitado com grupos de pregas e um grande laço de fita de setim do mesmo tom no hombro. 8 — O classico vestido de lingerie com entremeios de renda valenciana e bordado de bolas feito com linha branca brilhante.

com os farinaceos (talharim, bolos simples); os seus alimentos serão temperados com azeite ou manteiga.

As fructas pouco acidas, taes como a banana, pecego, pera, ameixas; as sobremesas simples e leves em dóses pequenas, eis o que é bem aconselhavel.

MENU DE ALMOÇO

PEIXE COZIDO
PIRÃO DE FARINHA
OMELETA SEM OVOS
FRANGO Á PERSA
ARROZ
SONHOS
BOLO QUATRO-QUARTOS

PEIXE COZIDO

Faz-se primeiro o caldo onde terá de ser cozido o peixe; põe-se n'uma panella 30 grs. de manteiga, duas cenouras e uma cebola cortada em rodellas; deixa-se tomarem côr; em seguida junta-se meio litro de vinho branco, um copo d'agua, sal, um bouquet de cheiros e algumas cebolinhas.

Deixa-se ferver uns 15 minutos. Mergulha-se dentro desse môlho o peixe cortado em fatias grossas; cobre-se a panella com um papel untado com manteiga e deixa-se cozinhar lentamente no forno ou em fogo brando durante uns 10 minutos (meio kilo de peixe).

Tira-se o peixe com uma escumadeira, assim como as cebolinhas.

Esmagam-se as cenouras e passa-se o môlho por um coador; com elle faz-se o pirão de farinha.

Arruma-se o peixe no centro da travessa e em volta o pirão; cobre-se o peixe com manteiga derretida.

OMELETA SEM OVOS

Põe-se para cozer meio kilo de batatas com um alho poireau — as batatas descascadas e partidas em pedaços. Assim que os legumes estiverem bem cozidos, escorrer a agua e

— Com essa tua mania de estcbiar continuamente, nunca sei se é você... ou as balas!

Vestido de *mousseline* de fantasia com casaco do mesmo tecido. A saia *en-forme* e as mangas são guarnecidas com renda.

passal-os por uma peneira. Põe-se uma bôa colhér de azeite n'uma frigideira e, quando estiver bem quente o azeite, despejar dentro a massa, alizar com a faca e deixar dourar no fogo brando. Vira-se a omeleta com a ajuda d'um prato. Pôr nova quantidade de azeite dentro da frigideira e assim que estiver bem quente collocar dentro a omeleta. Deixa-se dourar a outra face e serve-se immediatamente.

Vestido de *shantung* côr de rosa; saia *en-forme* com pala formada por tiras. Golla *jabot* de crepe *georgette* branco. Vestido de crepe da China azul marinha; golla de fustão branco.

FRANGO A' PERSA

Depois do frango bem limpo põe-se para refogar dentro d'uma panella com uma bôa colhér de manteiga bem quente. Põe-se a panella em fogo regular para dourar todo o frango, e só quando tiver tomado uma côr dourada junta-se então copo e meio de vinho branco, os miudos do frango, uma cebola e uma cenoura, sal, pimenta, um bouquet de cheiros e meia folha de louro. Cobre-se a panella e deixa-se cozinhar em fogo brando tres quartos de hora.

A' parte refoga-se 250 grs. de arroz em 50 grs. de manteiga, juntando depois tres copos de caldo; tempera-se com sal e um bouquet de cheiros, e deixa-se cozinhar lentamente uma meia hora.

Quando o frango estiver cozido, tira-se e côa-se o môlho e junta-se um pouco de agua quente; desfaz-se uma colherinha de fecula de batata n'um pouco de agua fria e engrossa-se o môlho com ella; deixa-se ferver uns minutos e fóra do fogo junta-se 50 grs. de manteiga aos poucos. Arruma-se o arroz na travessa e por cima os pedaços do frango, e despeja-se em cima parte do môlho. O resto vae numa molheira.

SONHOS

Põe-se numa panella meio litro d'agua, a casca d'um limão, um pouquinho de assucar. Assim que a agua estiver fervendo vae-se juntando aos poucos a farinha de trigo, mexendo sempre com uma colhér de páu até formar um angú. Retira-se a panella do fogo e junta-se, um a um, dois ovos. Depois de estar bem misturado e amassado, tira-se com uma colhér do tamanho d'uma noz dessa massa e põe-se para frigir em azeite, ou em banha á qual se juntou um pouco de manteiga. Servem-se esses sonhos cobertos com assucar ou com uma calda de assucar perfumada com casca de limão ou com uma fava de baunilha.

BOLO QUATRO-QUARTOS

Bate-se duas gemmas em 125 grs. de assucar; junta-se as duas claras batidas, em seguida 125 grs. de manteiga batida e por ultimo 125 grs. de farinha de trigo peneirada. Depois de tudo bem trabalhado, unta-se um prato ou fôrma com manteiga e despeja-se dentro a massa que vae assar no forno.

PENSAMENTOS

A maioria dos homens emprega a primeira parte da vida em tornar miseravel a segunda.

Nada mais fragil do que as amizades humanas; basta um momento para serem destruidas.

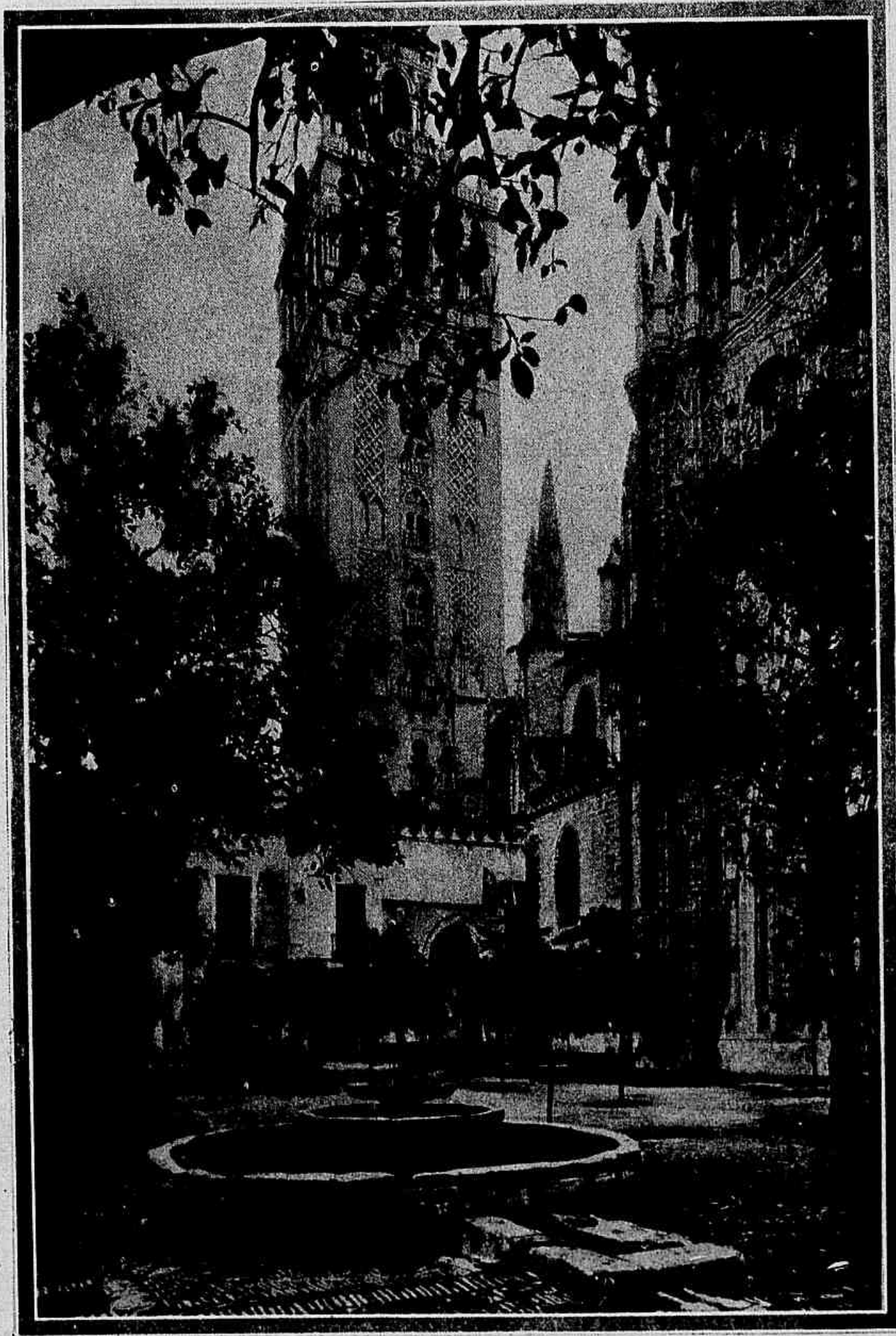
SEVILHA, maravilha de Espanha.

Quem não viu Sevilha nunca viu maravilha, diz um proverbio espanhol. E' um facto incontestavel que todos que visitam a capital da Andaluzia voltam encantados. Não por essa cidade ter qualquer coisa de muito extraordinario. Possue maravilhas de architectura e de arte, mas não se descobre logo: é perambulando pelas suas ruas estreitas e seus velhos bairros que se aprecia todo o encanto da "rainha da Andaluzia".

Ha, com effeito, um contraste surprehendente entre a animação de algumas ruas da cidade e a tranquillidade absoluta de certos bairros, bitos que surprehendem os seus visitantes.

Em Sevilha, janta-se ás dez horas da noite, vae-se ao theatro á meia noite, e os cafés estão cheios de gente até ás quatro horas da manhã!

A temperatura excessiva do dia e a seccura extrema d'uma atmosphera sempre pura engendraram a necessidade d'um commercio pitoresco: o da agua. Os vendedores d'agua são numerosos nos bairros populosos. Installam sua pequena industria ao ar livre, sem receio do sol.

As scenas da rua são menos pittorescas que se podia esperar. A moda de Paris exerceu em Sevilha, ia uma cidade deserta. As ruas são tão estreitas que não permittem a circulação dos carros, e o silencio é completo. As janellas são todas guarnecidas de grades, algumas sendo verdadeiras maravilhas de arte; as casas são baixas, uma grande porta dá-lhes accesso. Geralmente abre sobre um pequeno vestibulo cujas paredes são muitas vezes guarnecidas com magnificos azulejos e fechadas no lado opposto por uma grande grade de ferro, muito trabalhada, através da qual se percebe o "patio" caracteristico de todas as casas sevilhanas. Esse "patio" é uma especie de área in-

Um aspecto da antiga Sevilha. A praça das Laranjeiras, á sombra da Giralda e da Cathedral.

como o de Santa-Cruz, por exemplo.

As ruas do centro não têm nada de especial; possuem lojas que não differem em nada das outras nas cidades modernas; algumas no emtanto são sombreadas por grandes toldos esticados no ultimo andar, entre as duas fileiras de casas que ladeiam a rua.

E' porque o sol de Sevilha é extraordinariamente quente nos mezes de verão, a temperatura ao meio dia sendo difficilmente supportada. No emtanto, as noites são geralmente muito frescas, devido á brisa do mar que sopra desde que o sol se deita.

Este contraste entre o calor suffocante do dia e a frescura deliciosa da noite impõe aos Sevilhanos ha- como em muitos outros lugares, lamentaveis devastações. Quasi que não é mais visto o vestuario do paiz. As mulheres vestem-se como as de qualquer outro paiz; raras são aquellas que circulam com a mantilha e o grande pente de tartaruga. Alguns homens usam ainda o chapéu andaluz, mas já são em pequeno numero.

Os automoveis, os taxis, os electricos circulam em Sevilha como em qualquer outra cidade moderna: mas o camponez que vem trazer seus productos utiliza ainda os gericos ou as mulas com as cangalhas, signal certo da falta de bôas estradas no campo.

Mas, abandonando as vias commerciaes para entrar no bairro Santa-Cruz, que contraste!... Dir-se- terior sempre alegrada por tanques e repuxos, plantas, de folhagem e de flôr, e sobre a qual se abrem todas as peças da habitação.

Nos dias de verão é deixada aberta a porta principal, estabelecendo-se no "patio" uma corrente de ar que torna supportavel a temperatura nas horas mais suffocantes do dia.

A capital da Andaluzia é construida ao longo da margem do Guadalquivir, situação que a torna accessivel ás embarcações de 300 a 400 toneladas. Seu porto, dantes um dos mais importantes da Espanha, teve o monopolio do commercio com a America espanhola; mas, devido ao seu afastamento do mar, não podia conservar essa situação previlegiada, e seu declinio teve por conse-

quencia o desapparecimento de industrias outr'ora muito florescentes.

Depois de ter sido uma cidade industrial de primeira ordem, Sevilha não conserva mais desse passado senão uma vaga recordação.

Como numerosas outras cidades espanholas, Sevilha periclitou muito depois que os Mouros foram expulsos. A sua historia remonta a uma grande antiguidade. Foi dantes colonia phenicia, grega, carthagineza e romana.

Os arabes apoderaram-se della em 712. Ficou musulmana até 1248. Sevilha capitulou no dia 19 de Novembro daquelle anno e os 300.000 mouros abandonaram-na para ir para Marrocos. Desse longo periodo, não resta actualmente senão a Giralda e as ruinas da mesquita da qual aquella é o minarete.

A Giralda domina toda Sevilha. Vê-se de toda a parte e mesmo á noite adivinha-se, quando as trevas não permittem mais vel-a.

A Giralda é uma immensa torre de 120 metros de altura, do mais bello estylo arabe. E' quadrada, com treze metros de lado na base; os muros têm dois metros de espessura e sóbe-se ao seu cume por uma rampa em espiral que permittiria, dizem, a um cavalleiro subil-a montado.

Os christãos, para provar a sua victoria sobre os musulmanos, transformaram o minarete em campanario, augmentando-o com uma torre tendo em cima uma enorme estatua da Fé, que gira com o vento apezar do seu enorme peso (1.500 kilos), de onde lhe veiu o nome de Giralda (girueta ou ventoinha).

A mesquita foi infelizmente destruida. No seu lugar foi construida a cathedral, que é talvez a mais bella e a maior da Espanha.

Esse monumento, que abriga o tumulo do filho de Christovão Colombo, contém inestimaveis thesouros de pintura, de esculptura e de joalharia religiosas. Para poder vel-a são necessarios muitos dias, tantas são as maravilhas alli contidas.

Theophile Gautier, que viajou na Hespanha ha noventa annos, escreveu da cathedral de Sevilha: "Notre Dame de Paris passaria de cabeça erguida na sua nave principal, que é de uma altura extraordinaria."

Muito perto da cathedral, o Alcazar ergue suas muralhas agressivas. Foi a principio um palacio mouro. Pedro o Cruel, de sinistra memoria, reconstruiu-o á espanhola. Se o exterior desse palacio é mais que severo, o interior é admiravel. As suas paredes rendadas são quasi tão bellas como as do Alhambra, de Granada, e os seus jardins são muito originaes.

Compõem-se de grupos onde crescem numa extraordinaria desordem as especies as mais variadas, desde o humilde geranium até ás majestosas palmeiras, passando pelas laranjeiras e os jasmins, que perfumam o ar com seu perfume embriagador. Esses bosques são cortados por ruas alinhadas, marginadas com cêrcas de murthas cuidadosamente aparadas. Os largos são guarnecidos com tanques de azulejos, com minusculos repuxos onde a agua canta suavemente. Duas ou tres ruas são guarnecidas com buxos, curiosamente aparados em columnas e arcos.

Entre os edificios publicos, deve-se ainda citar o palacio da Audiencia, do

Um aspecto da nova Sevilha. A praça d'Espanha, construida recentemente.

VESTIDOS SINGELOS

1 — Vestido de linho azul, guarnecido com golla de fustão branco festonada com linha azul. Babado en-forme na saia e nervures. 2 — Vestido de fustão rosa claro, com tiras pespontadas terminando na saia por pregas. Golla e punhos de fustão branco. 3 — Vestido de shantung verde claro com bolero; o corpo guarnecido com carreiras de pontos abertos, saia com babado en-forme.

Ayuntamiento e o quartel de Artilharia.

Sevilha possue propriedades particulares dignas de ser citadas; a casa de Pilatos é certamente a mais conhecida entre as mais celebres.

Theophile Gautier teve razão de dizer que as Sevilhanas "eram as mais bellas mulheres do mundo". Encontram-se entre ellas verdadeiros typos de belleza e quasi todas têm soberbos olhos pretos.

O grande dia de Natal

Natal, palavra magica que alegra o mais triste, porque insensivelmente leva a imaginação para a recordação dos dias felizes da infancia. Desgraçado d'aquelle que não tem no passado onde ir buscar conforto e coragem para os dias tristonhos da velhice. Devemos por isso não poupar esforços para tornar a infancia o mais feliz possivel; que essas datas festivas de Natal, Anno-Novo, Páscoa, S. João sejam sempre alegremente festejadas; que se encha com ellas a imaginação, para que mais tarde, nas horas tristes, haja para contrabalançar aos pezares presentes as alegrias passadas.

Haverá nada de mais encantador que a Arvore de Natal? Não podendo ser grande, seja ella minuscula; mas que todas as mães tudo façam para que seus filhinhos tenham sua arvore de Natal, e que os sapatinhos postos com tão ingenua confiança tenham seus presentes, para que o acordar desse grande dia que é o Natal seja só de alegria. Sem a mesma illusão, mas com uma vaga esperança, os mais velhos tambem põem os seus.

Quem sabe!... Talvez appareça um amavel presente. Que ninguem tenha decepções, que a alegria reine em todos os corações.

E como todos temos direito, qualquer que seja a edade, a fazer um pedido ao Menino-Deus, que elle proteja o nosso Brasil, fazendo a paz reinar entre os seus filhos.

Se comprardes o que não vos é necessario, cedo vendereis o que vos é indispensavel.

Distracção rendosa

(ANECDOTA DE NATAL)

Um velho professor da Sorbonne (Paris), Emile Faguet, teve a surpresa de receber uma chuva de presentes n'um dia de Natal, devido a uma distracção que havia tido.

Esse facto passou-se ha bastantes annos. Os estudantes, que assistiam á ultima aula que elle dava antes das ferias, viram com surpreza que o professor tinha collocado junto delle, no estrado e bem em evidencia, um sapato.

Como elle era muito original, pensaram que queria dar-lhes a entender que um presente para o Natal não seria mal recebido.

Resolveram satisfazer o desejo do velho mestre, porque era muito querido por todos os alumnos. Recebeu objectos, flores, bonbons e versos em abundancia.

Ficou muito surpreso com essa manifestação, não comprehendendo absolutamente o motivo — pois tinha sido por mero acaso que tinha collocado ali o

Vestido de linho de fantasia, corpo liso e a saia guarnecida com babádo de pregas em degraus.

seu sapato. Tinha-o tirado por estar incommodando.

Mas isso não deixou de commover o coração do velho mestre. E' esta uma prova que nunca uma delicadeza é feita inutilmente.

Belleza e saude

"O primeiro dever da mulher é ser bella" disse um escriptor meio poeta e meio philosopho. Mas não basta que ella seja bella; sem levar em linha de conta as qualidades moraes, cumpre que a sua belleza seja acompanhada de saude; ha mulheres bonitas que vivem constantemente doentes; essa fragilidade da saude acaba por comprometter a belleza, pois traduz-se em magreza extrema, pallidez macerada, olhos cavos, olheiras profundas; e lá se vae a belleza porque não era bastante solida, não assentava as bases numa saude fixa e permanente.

Seja-nos permittido estabelecer um parallelo entre a belleza das mulheres e a belleza dos tecidos com que ellas, com tanta arte, adornam o corpo. Assim como a belleza da mulher requer saude, a belleza do tecido exige solidez das côres; uma mulher de pouca saude perde, de prompto, a belleza; é como uma fazenda de lindos desenhos e matizes, mas cujas côres não são fixas; dentro em pouco tempo está desbotada e não dá siquer uma idéa da sua belleza primitiva. E assim como os homens desejam encontrar na mulher preferida uma saude perfeita, a par de uma perfeita formosura, assim procuram as mulheres nos tecidos com que confeccionam as suas toilettes não apenas a belleza dos desenhos e da combinação das côres, mas tambem a fixidez do colorido. Só essa fixidez garante que o vestido se conservará bello emquanto a fazenda existir.

Por fixidez de colorido entende-se o maximo de resistencia ás influencias do sol, da chuva, das lavagens repetidas.

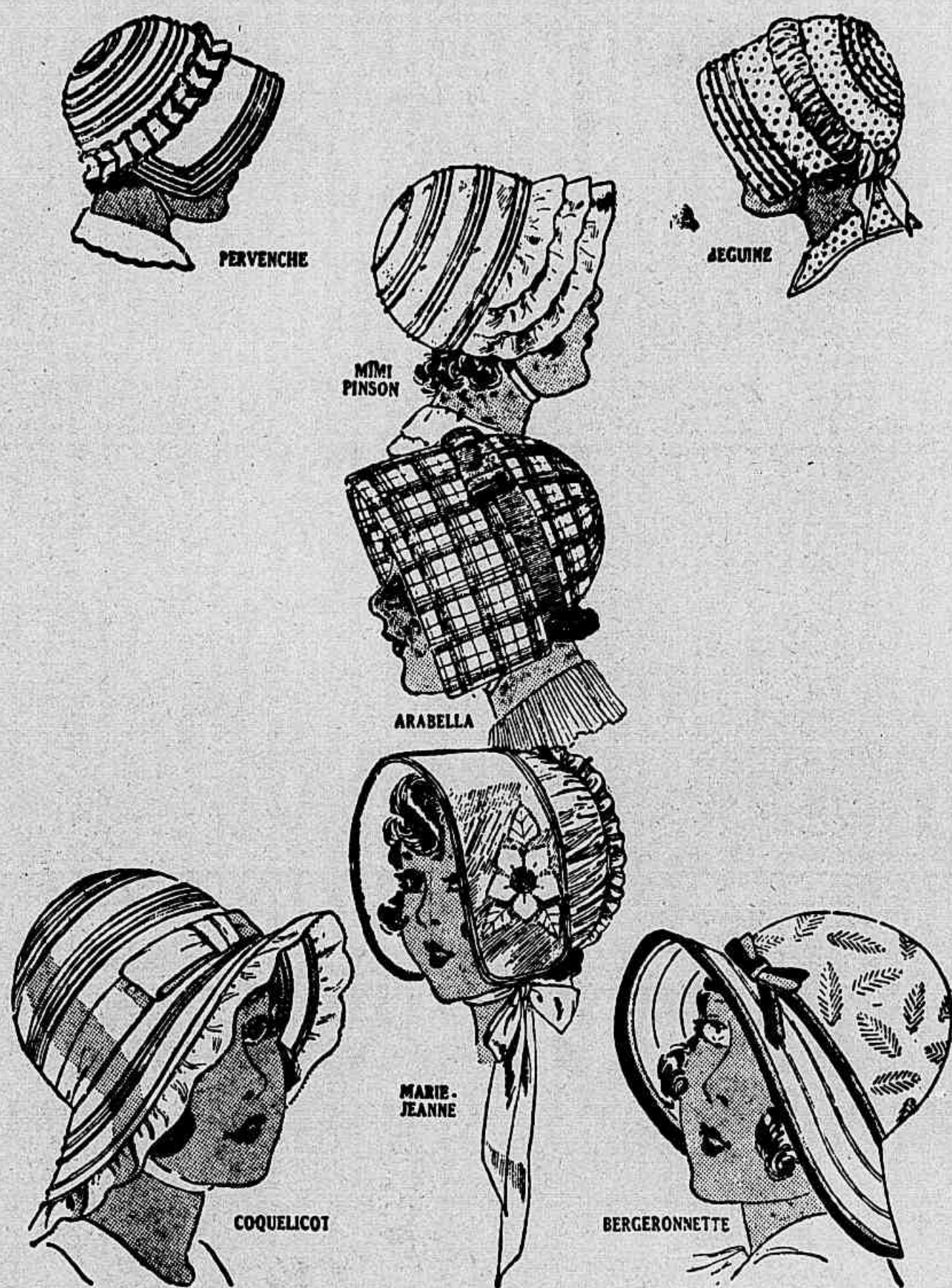
Hoje, felizmente, já se encontram no mercado tecidos cujas côres respondem a esses requisitos; são os tecidos tintos com os afamados corantes *Indanthren*, consagrados em todo o mundo como de insuperada resistencia. As senhoras, ao fazerem as suas compras, devem exigir que lhes forneçam somente tecidos que tenham sido tintos com aquelles corantes e verificar se os tecidos trazem a etiqueta registrada ou a palavra *Indanthren* impressa na ourela.

Bons conselhos

Nunca façam deante das creanças o que não querem que ellas façam, a infancia é naturalmente levada a imitação, é obrigação dos mais velhos darem bom exemplo aos pequenos.

Toilettes para banho e para a praia

1 — Calção para banho de *jersey* azul escuro; a camisa de *jersey* rosa claro, guarnecida com uma barra formada por diversos tons de azul. 2 — *Tailleur* de fustão de fantasia, blusa de linon branco com a golla festonada com o tom dominante do desenho do vestido. 3 — Vestido de crepe da China azul marinha com pintas brancas. Frente, golla e punhos de crepe *georgette* branco.

Chapéus de tecido para creanças

1 — *Pervenche* — Chapéu de organdi branco ou do tom do vestido que acompanha. Aba e copa são mantidas por um cordão duro que é enfiado entre a parte de cima e o forro, entre os pespontos feitos a machina. Como guarnição uma *ruche* feita com o proprio organdi do qual se desfiou os dois lados. 2 — *Mimi Pinson* — Chapéu de organdi branco ou de côr; a copa é feita da mesma maneira que a do precedente e a aba coberta com tres babadinhos levemente franzidos; as pontas dos babados são picotadas. 3 — *Beguine* — Chapéu de cassa de salpico, aba e copa são mantidas com o cordão como os outros, entre a copa e a aba um entremeio formado por uma tira de organdi, cassa lisa ou filó bem franzida. Bem atrás um laço do tecido do entremeio. 4 — *Arabella* — Chapéu de organdi de xadrez (genero touca); pode ser feito tambem com tafetá. Uma fita de *gros-grain* guarnece-o. 5 — *Coquelicot* — *Capeline* d organdi do tom do vestido, copa e aba mantidas com o cordão entre os pespontos; termina o hapéu um babado picotado, a guarnição em volta pode ser feita com o proprio organdi ou com fita. 6 — *Marie Jeanne* — Capota de organdi com a parte de trás muito franzida em volta d'um centro redondo bordado com ponto turco como a aba. 7 — *Bergeronnette* — *Capeline* de organdi rosa; a aba terminada por um viez de organdi azul vivo, a copa bordada com pontos singelos, formando umas folhas com linha azul. A tira da guarnição formada por tiras emendadas de organdi rosa e azul.

Velhos costumes

(O midlestoe ou guy)

O midlestoe ou guy.

A Inglaterra é talvez o paiz que festeja com mais carinho a data do Natal: cartões desejando-se feliz Natal são trocados entre amigos e até entre simples conhecidos. As donas de casa com antecedencia fazem suas compras para o gigantesco e ritual pudim; as creanças pensam nos presentes que receberão; os rapazes e as jovens pensam mais poeticamente nas promessas que serão trocadas sob o galho de guy dependurado no vão da porta do "home".

Mas não se fazem sómente declarações; as cabeças, ao mesmo tempo que as mãos, se approximam; ha os beijos autorisados quando passam juntos sob o galho verde com as suas fructinhas vermelhas.

Mas um vento agreste de puritanismo sopra sobre esse encantador costume; os moralistas ameaçam a mocidade com todos os fogos do inferno; a hygiene intromettendo-se tambem faz guerra aos beijos do Natal, em nome da saude, dos microbios, da grippe espalhada em Dezembro etc. — em nome de tudo que apavora a humanidade.

Mas é de suppor que na noite de 24 de Dezembro muitos pares de jovens não se incommodarão com a prohibição. Tantos casamentos felizes tiveram seu inicio sob os verdes galhos de continhas vermelhas!

Preceitos de hygiene

AS GLANDULAS ENDOCRINAS

Diz o dr. Pauchet no seu livro *Conservae a Mocidade* que, alem das glandulas da bocca (que fornecem a saliva), do figado e dos rins, existem outras cujo papel é unilateral mas de importancia absolutamente capital: são as glandulas *thyroide*, *hypophyse*, *suprarenaes* etc... Deram-lhes o nome de glandulas endocrinas.

A *thyroide* — situada no pescoço — é a glandula que dá ao espirito a rapidez e exerce acção importante na nutrição do corpo em geral. Quando funcciona de maneira anormal, é ella que faz as pessôas saudaveis, musculosas, activas, ordenadas e sensatas, de bom humor egual, em uma palavra seres equilibrados no physico como no moral. Se o seu funccionamento é muito intenso, cria uma superactividade morbida e comprehendereis a razão de ser dos homens nervosos, agitados, superexcitados, irritaveis. Se, ao contrario, a sua actividade é frouxa o ser degenera e ella nos põe em presença de sujeitos obesos, de carnes flacidas, espirito lento e pesado, preguiçosos, friorentos, somnolentos.

A *hypophyse* está situada na base do cerebro, pequena glandula do tamanho de uma avelã; repre-

Chapeu cabriolet para menina

Fig. 2 — Fundo do chapéu.

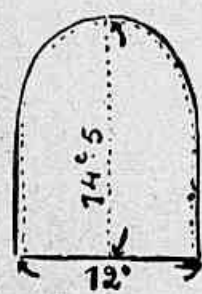
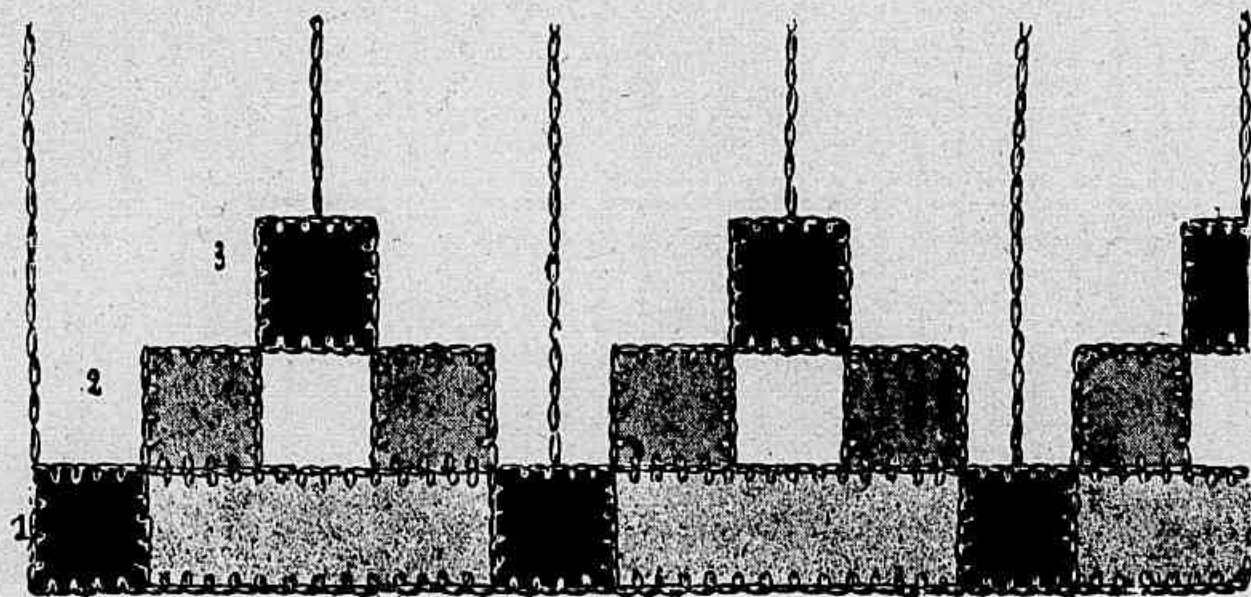
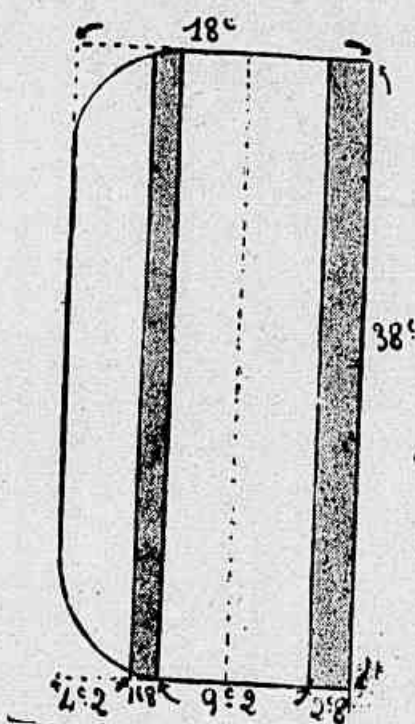



Fig. 1 — A tira de linho côr de rosa com as tiras azues por cima.

Este modelo é feito com drap rosa e azul mas, como esse tecido não poderia ser usado aqui nesta época, poder-se-hia substituil-o por linho ou fustão, forrando com uma entretela para ter a consistencia necessaria. Corta-se uma tira de linho côr de rosa claro; fig. 1 (dimensões para creança de 3 annos, e applicam-se duas tiras de larguras differentes, de linho azul claro; em seguida são applicados os quadradinhos de linho azul mais vivo e do linho azul da guarnição. Depois borda-se com um ponto de festão com linha brilhante côr de rosa claro em volta dos quadrados e das tiras. Dos quadrados azul mais escuro partem linhas de ponto cordonnet feitos com a linha côr de rosa, que vão terminar na tira azul da parte de trás. Em seguida é pregado o fundo do chapéu fig. 2. Amarra o chapéu uma fita ou uma tira de linho côr de rosa, com picots feitos á machina em toda a volta. A fig. 3 mostra como é feita a guarnição da frente.

senta grande papel, presidindo ao nosso desenvolvimento. O "bello homem" e a "bella mulher" possuem uma hypophyse em bom estado. O gigante tem uma hyoophyse que funcciona de maneira exaggerada. O pequeno ser inchado, infantil, crescendo e desenvolvendo-se entamente, tanto sob o ponto de vista physico como sob o ponto de vista intellectual e moral, tem, ao contrario, uma hypophyse insufficiente.

A *suprarenal*, do tamanho de uma amendoa, está situada, como indica o seu nome, acima do rim; é a *glandula da mensidade*. Do seu funccionamento, mais ou menos bom, depende a nossa maior ou menor actividade. Sendo normal a sua funcção, produz a actividade, o amor ao trabalho, a resistencia ao labor, a vontade forte, a intelligencia profunda e reflectida, o enthusiasmo realizador, o dominio proprio. A intensidade da glandula suprarenal sendo exaggerada, estamos sujeitos, então, a gestos violentos. Se fôr retardada, é a sensação de fadiga perpetua, falta de emulação, a depressão, a intelligencia superficial, a vontade sem expediente, a pobre e fraca saude physica e moral.

Que tratamento é preciso oppôr ás insufficiencias endocrinicas?

Se as glandulas, que condicionam o vosso caracter e a vossa saude, têm funcionamento defeituoso, então como tratal-as? Nas pharmacias encontrareis envolucros contendo pós de orgãos deseccados e subtrahidos de animaes mortos, mas cujos orgãos vivem ainda durante alguns instantes depois de abatidos. E' o modo habitual de tratamento; mas é preciso muito cuidado e ninguem se deve entregar por si mesmo a esse tratamento ou levado pelos reclamos. Tal tratamento é activo, consequentemente perigoso, e necessita não sómente a consulta ao medico "bem ao par" como a vigilancia constante do medico durante o tratamento.

Mas ha um meio menos caro e arriscado de excitar e fazer voltar ao vigor as glandulas envelhecidas, como as thyroides e suprarenaes deficientes: foi observado que a respiração possue extraordinaria influencia sobre a glandula thyroide. O tratamento é pois a gymnastica respiratoria, a "super-respiração" (meia hora ou uma hora por dia), depois de ir augmentando os minutos empregados nesse exercicio todos os dias. As glandulas suprarenaes absorvem a sua actividade nos banhos de sol e nos banhos de luz (raios ultra-violeta).

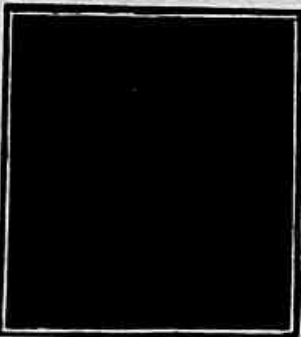
As pessôas cuja insufficiencia suprarenal é verificada (depressão, sensação de fadiga) devem passar as suas férias á beira mar ou nas montanhas, onde a luz seja intensa. Mas é preciso estar bem decidido a romper com os usos antigos, o banho de mar deve ser acompanhado do banho de sol.

As roupas escuras impedem os raios solares de chegarem até á pelle. Trazer vestimentas de luto equivale a passar uma temporada no porão. A vestimenta clara, principalmente o branco e o azul-celeste, deixam filtrar os raios beneficos. Portanto é vestir-se de claro, de preferencia de branco e de azul nas horas do banho de sol.

1 — Vestido de fustão de fantasia. Saia com *panneaux* en-forme dos lados. Pequena capa.
2 — Vestido de linho de fantasia, com tres babados plissados. Golla de fustão branco.

VARIEDADES

Despertador ideal

Um relojoeiro de Bode, na Allemanha, tinha, ha muito tempo, dedicado todas as horas disponiveis á descoberta d'um despertador ideal.

O instrumento que acaba de inventar desthronará, sem duvida alguma, todos os systemas em uso em toda a parte do mundo.

Deve se convir, com effeito, que em todas as formulas actuaes ou se é tirado do seu somno por uma musica tão suave que nos faz cahir novamente nos braços de Morpheu, ou então uma horrivel campainhada nos acorda sobresaltados, compromettendo desde a madrugada o nosso bom humor.

O novo despertador é simplesmente carregado com um cartucho que desprende no momento exacto no nosso quarto um pó que provoca o espirro.

Acordar espirrando é, segundo a opinião do tal inventor, a coisa mais agradavel do mundo.

Prejuizo esthetico

Quando uma artista ou qualquer mulher bonita reclama uma grande quantia por ter sido prejudicada na sua belleza physica, todos acham a coisa mais natural e mais justa. Mas que um bombeiro processe um automobilista por prejuizo esthetico é um caso pouco banal e que fez sensação em Paris.

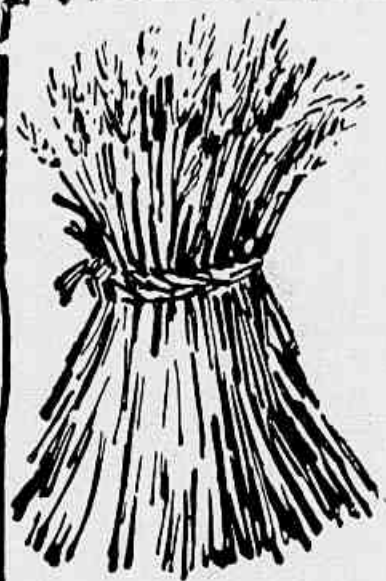
O bombeiro em questão, que se chama Justo, tem vinte e tres annos, é alto e moreno, e parece — o processo que intenta o prova — muito satisfeito com seu physico, o qual lhe attráe os olhares das operarias do bairro parisiense onde exerce suas funções.

Uma manhã em que Justo estava de folga, teve a triste ideia de dar um passeio de bicycletta; encontrou no caminho um automobilista muito apressado que o atirou ao chão ferindo-o gravemente no rosto; depois d'um mez de hospital o pobre rapaz sahi i restabelecido, mas com uma immensa cicatriz na face esquerda.

E o bombeiro declarou que o prejuizo causado á sua pessôa não póde ser avaliado em menos de 200.000 francos (80:000$).

Vamos ver o que resolve o tribunal civil que foi encarregado de julgar esse processo.

— Isso não é nada comparado ao que minha mulher fez uma d'estas noites... Imaginando que era eu que voltava da rua, quebrou as costellas a um ladrão que vinha assaltar a casa!

A virtude é uma capa sempre exposta ao máu tempo.

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, á rua S. José, 84-3º andar
Telephone 2-1838

Felicio Nunes da Silva (Rio G. do Sul) — Parece tratar-se de uma sinusite maxillar, talvez motivada pelo premolar indicado em sua carta.
A prova radiographica é indispensavel no caso.

Renato de Oliveira Sobrinho (Minas Geraes) — Antes de deitar-se, de preferencia.

Ernani Contra (Amazonas) — Compressas quentes na região inflammada.
Internamente comprimidos Cessatyl. Tome 1 de 3 em 3 horas até ao maximo de 4.

Carlos Sergio (Rio G. do Sul) — Não seria máu.

X. V. T. O. (S. Paulo) — Antes de deitar-se, de preferencia.

Ferreira (Minas-Geraes) — Umas 10,0 é o sufficiente.

Victorio (Sta. Catharina) — A casa Hermanny fornece catalogos de obras odontologicas editadas em diversas linguas.

Zulmira (Amazonas) — Bochechos frios com
Acido tannico 4,0; Tintura de iodo 2,0; Agua de hortelã 500,0.

S. I. L. I. O. (Rio) — São varios os fabricantes.

Alvaro Thomaz (Rio G. do Norte) — Remova a gutta-percha e a mecha.

Regina (Rio) — Cafiaspirina, por exemplo.

Antonio Moreira (Rio) — E' da adrenalina.

Montes (Sta. Catharina) — Não se comprehende uma operação da especie da descripta em sua carta sem o previo exame radiographico.

S. A. R. A. (Minas Geraes) — Deve mandar remover os depositos tartaricos para obter o desapparecimento da inflammação de que me fala em sua carta.

Assumpção (S. Paulo) — Simples limpeza de bocca.

Gonçalves Maia (Sta. Catharina) — Compressas frias.

Fernando (Minas Geraes) — E' como pensa.

Varielle (Alagôas) — Sempre que se apresentar como o amigo descreve em sua carta.

Vicente Moraes (Sta. Catharina) — Compressão.

Alda Fioti (Rio G. do Norte) — Antes de operar.

Carlos (S. Paulo) — Grato pela gentileza.

Roc. (Minas Geraes) — De 1,0 em 10 dias.

T. V. L. I. A. (Matto Grosso) — Encontra em casa de artigos dentarios.

Salustiano (Minas Geraes) — Nem sempre se consegue o resultado citado em sua carta.

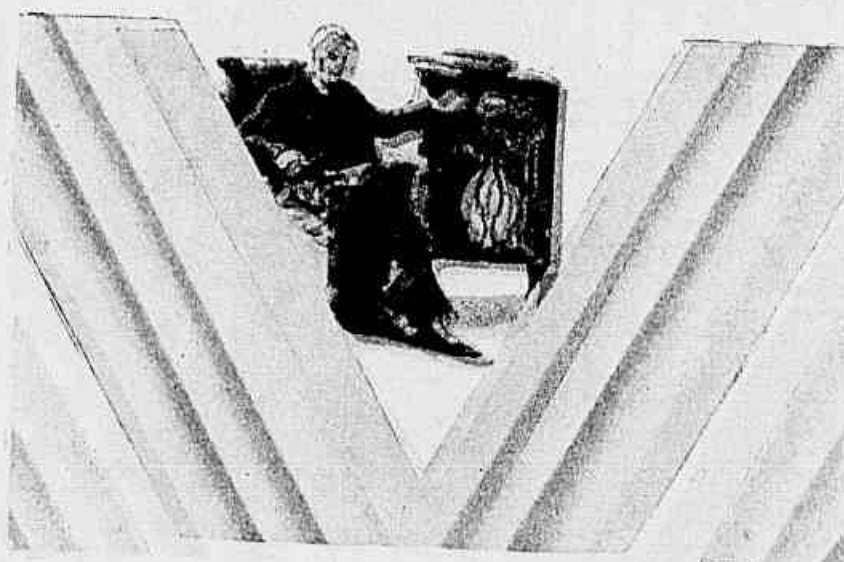
V. L. L. A. (Amazonas) — De 5 em 5 dias, si perdurar o estado.

ALEXANDRINO AGRA.

O presente que continua presenteando...

RADIO ELECTROLA VICTOR RE - 57
Tres instrumentos em um só, o Radio Micro-synchronico, de cinco circuitos. A Nova Electrola Victor e o Mecanismo para a gravação de discos em casa. Grava e reproduz discos electricamente em sua propria casa — da sua propria voz ou dos trechos do radio.

O *NOVO* Victor Radio

Para aquelles a quem V. S. estima, um presente que proporciona alegria, uma felicidade mais intensa do que até agora era possivel gozar-se... O NOVO RADIO VICTOR proporciona o que até agora era impossivel conseguir-se de um apparelho de radio... A explendida NOVA RADIO ELECTROLA VICTOR não só lhe offerece o maximo que é possivel obter de um apparelho de radio, como dá aos discos Victor nella reproduzidos a VERDADEIRA TONALIDADE VICTOR e dar-lhes-á musica no momento em que V. S. a desejar. E ainda não é tudo! Este instrumento offerece o novo divertimento de fazer os seus proprios discos... instantaneos vocaes, por assim dizer, vivos e fallantes, de V. S., dos seus filhos e dos seus amigos.

1 — O primeiro radio micro-synchronico de cinco circuitos, e valvulas de placa blindada.
2 — Apparelho para gravação de discos em casa. O ultimo aperfeiçoamento Victor.
3 — Controle Victor de Matizes Tonaes, creado e introduzido pela Victor.
4 — Tonalidade Victor... Mais bella do que nunca.
5 — Nova belleza de apparencia. Os mais lindos moveis até agora construidos pela Victor.
6 — A Nova Electrola Victor reproduz os discos Victor com surprehendente belleza.
7 — Radio Micro-synchronico. Funccionamento perfeito. Uma creança póde sintoniza-lo.
8 — Nova sensibilidade. Trará a estação que V. S. desejar, no momento em que V. S. desejar.
9 — Nova selectividade... separa nitidamente a estação que V. S. deseja de todas as outras.

A extraordinaria belleza dos novos moveis Victor é tal que foram chamados de: "uma concepção inteiramente nova em materia de moveis para radio". Porque deixar para outro dia? V. S. poderá facilmente adquirir o excellente modelo Victor de sua escolha HOJE! Até agora não se offereceu um apparelho de uma qualidade Victor tão apurada por um preço de tal modo baixo. Só os 30 annos de pratica da Victor na construcção de instrumentos de musica tornam possivel offerecer um apparelho tão bom por um preço tão reduzido. O nome e a marca Victor constituem a sua garantia.

Veja e ouça o NOVO RADIO VICTOR.

NOVO RADIO VICTOR R-39
Identico em equipamento e funccionamento ao R-35... Installado num luxuoso e distincto movel de estylo classico italiano, extraordinariamente bello.

O Novo Victor Radio

COM *Electrola*

e mecanismo para a gravação de discos em casa.

NOVO RADIO VICTOR R - 35
O grande e novo radio de 5 circuitos micro-synchronico, e valvulas de placa blindada. Nova sensibilidade, selectividade e força. Tonalidade Victor insgualavel. Movel acabado em nogueira Qualidade Victor.

DISTRIBUIDORES GERAES:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rio — Rua Ouvidor, 98 *S. Bento, 35 — S. Paulo*

A' venda em tadas as boas casas do ramo.